UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
Centro de Ciências Sociais e Tecnológicas
Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos

Tese de Doutorado

Mulheres beneficiárias **do Programa Bolsa Família, residentes na localidade Paredão (Piratini/RS)**: diálogos sobre (re)existências, colonialidade de gênero e política social

Darlene da Silva Furtado

Pelotas, 2023

DARLENE DA SILVA FURTADO

Mulheres beneficiárias **do Programa Bolsa Família, residentes na localidade Paredão (Piratini/RS)**: diálogos sobre (re)existências, colonialidade de gênero e política social

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL como requisito parcial para à obtenção do título de Doutora em Política Social e Direitos Humanos.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Rosange Acosta de Medeiros
Coorientadora: Profa. Dra. Aline Accorssi

Pelotas, 2023

Catalogação da Publicação
Ficha elaborada a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da UCPEL: Cristiane de Freitas Chim CRB 10/1233

Furtado, Darlene da Silva

***Mulheres beneficiárias* do Programa Bolsa Família, residentes na localidade Paredão (Piratini/RS):** diálogos sobre (re)existências, colonialidade de gênero e política social**./ Darlene da Silva Furtado**. – Pelotas: UCPEL, 2023.
203 f.
Orientadora: Mara Rosange Acosta de Medeiros.
Co-orientadora: Aline Accorssi
Tese (doutorado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos. - Pelotas, BR-RS, 2023.

1. Programa Bolsa Família. 2. Círculos epistemológicos. 3. Fotobiografias. 4. Colonialidade de gênero.5. Política social. I.Medeiros, Mara Rosange Acosta de. II. Accorssi, Aline. III.Título.

Darlene da Silva Furtado

***Mulheres beneficiárias* do Programa Bolsa Família, residentes na localidade Paredão (Piratini/RS)**: diálogos sobre (re)existências, colonialidade de gênero e política social

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL como requisito parcial para à obtenção do título de Doutora em Política Social e Direitos Humanos.

Data da defesa: Pelotas, 28 de abril de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Aline Accorssi (Coorientadora)
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Profa. Dra. Angelita Hentges
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul)

Profa. Dra. Cláudia Battestin
Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)

Profa. Dra. Mara Rosange Acosta de Medeiros (orientadora)
Universidade Católica de Pelotas (UCPel)

Profa. Dra. Vini Rabassa da Silva
Universidade Católica de Pelotas (UCPel)

Pelotas, 2023

Para os meus pais, Daltro e Helena (*in memorian*), que, mesmo nunca tendo frequentado escola formal, criaram condições para que a filha se tornasse doutora.

Para o meu companheiro, Fábio, e meus filhos, Raul e Esther.

Amo vocês.

Para as mulheres do Paredão: Lorena, Alzira, Eva, Dilma, Liziane, Camila, Franciely e Maria. Vocês são, juntamente comigo, autoras desta tese.

AGRADECIMENTOS

Escrevi esta tese nos intervalos. Ainda que servidora pública federal, o que me deu a possibilidade de concorrer a edital específico para afastamento integral para participação em Programa de Pós-Graduação *stricto sensu*, conforme Art. 96-A, § 3º da Lei nº 8.112/90, esta tese foi escrita nos intervalos. Também sou servidora pública estadual e, lá, esse amparo legal não chegou. Nas escolas estaduais, quem quer se qualificar, estuda, trabalha e cumpre todas as outras demandas da vida ao mesmo tempo. Escreve-se nos intervalos.

Escrevi esta tese nos intervalos. Vivi uma tese na pandemia. O primeiro caso de Covid-19 foi detectado no Brasil no dia 26 de fevereiro de 2020, e, em março daquele ano, essa doença foi qualificada como uma pandemia. Quarentena. Períodos de *lockdown* e as ruas do planeta esvaziadas. Hospitais lotados. Centenas, milhares de mortos diariamente. Escolas fechadas. Aulas on-line. Assisti às aulas do Programa de Pós-Graduação ao qual estava vinculada no sofá da minha casa. Também dei aula para minhas alunas - a maioria mulheres, do Curso Normal do Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, através do computador, enquanto elas mesmas assistiam à aula em um turno (quando tinham um aparelho que fosse viável e acesso à internet) e saiam para trabalhar em outro, pois não era permitido a elas a proteção da casa, já que precisavam matar a fome dos seus. Além delas, muitas outras mulheres foram para a rua buscar o sustento e precisaram traçar estratégias para acompanhar os filhos que também estavam em casa assistindo remotamente às aulas, quando conseguiam, pois nem sempre dispunham de equipamentos adequados para esse fim. Sem falar de tantas outras que perderam o emprego em meio à pandemia e viram o preço da comida nas prateleiras dos mercados subir assombrosamente. Muitas dessas mulheres voltaram doentes para suas casas; e muitas morreram. Eu não morri. Eu pude trabalhar da minha casa e tive comida na minha mesa. Este trabalho é para elas.

Escrevi esta tese nos intervalos. Ainda lembro quando fiz a revisão sistemática e precisei retomar muitas vezes a contagem dos dados, pois, naqueles meses, meu filho construiu uma casa de papelão, vários cenários com dinossauros, tomou banhos de torneira, correu pelado pela rua, pulou poças de lama e pediu mil vezes “mãe, conta uma história?”

Escrevi esta tese nos intervalos. Vivi uma gestação durante o período da escrita da tese. Minha filha nasceu prematura, e eu continuei escrevendo nos intervalos, depois que a casa dormia, quando já não aguentava mais. Pude, ainda assim, niná-la, assistir aos primeiros passos e ver aquele sorriso cheio de dentes.

Eu escrevi esta tese nos intervalos, como todas as mulheres que conheço e que ousaram estudar.

Eu ouvi dizer que o processo da escrita de uma tese é muito solitário. Comigo isso não se efetivou. Eu vivi esse processo rodeada de gente, seja on-line ou presencialmente. Conversei, por longas horas, todos os dias, com o Didi, e, nesta tese, tem muito dele; mandei e recebi longas mensagens de *WhatsApp* para a Dai e para a Danda; aqui tem muito delas também. E tantas outras amigas e amigos que não citarei, mas que sabem que aqui estão representadas/os.

Agradeço a minha família, Gilson, Vera e Bebeli, por serem minha rede de apoio e amarem tanto os meus filhos.

Ao meu companheiro, Fábio, e aos meus filhos, Raul e Esther, meus amores.

Agradeço a minha orientadora, Mara Medeiros, pela confiança e carinho.

Sou imensamente grata à Aline Accorssi e ao Grupo Mariposas, pela acolhida e tantas partilhas.

Agradeço à banca examinadora, composta pelas professoras Angelita Hentges, Cláudia Battestin e Vini Rabassa da Silva. Obrigada pelas contribuições e pelo carinho na leitura deste trabalho.

Agradeço às mulheres do Paredão, pela confiança e amizade.

RESUMO

FURTADO, Darlene da Silva. ***Mulheres beneficiárias* do Programa Bolsa Família, residentes na localidade Paredão (Piratini/RS):** diálogos sobre (re)existências, colonialidade de gênero e política social. 2023. 203f. Tese (Doutorado em Política Social e Direitos Humanos) - Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos, Centro de Ciências Sociais e Tecnológicas, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2023.

A tese, intitulada *Mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família, residentes na localidade Paredão (Piratini/RS): diálogos sobre (re)existências, colonialidade de gênero e política social*, insere-se na Linha de Pesquisa Estado, Direitos Sociais e Política Social do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas e filiou-se, especialmente, ao pensamento das intelectuais que escrevem a partir da realidade da Améfrica Ladina, das autoras negras, das pensadoras de diferentes povos indígenas de Abya Yala, das camponesas, das ativistas, enfim, mulheres que (re)existem diariamente para produzir teoria, produzir ciência a partir daqui, deste lado de Atlântico. Neste cenário, pesquisadoras como Lélia Gonzalez (1988), Sueli Carneiro (2005, 2011), Yásnaya Gil (2019, 2020), María Lugones (2014) e Lorena Cabnal (2018) fundamentaram o corpus teórico dessa investigação, a qual teve como objetivo geral desvelar a compreensão das mulheres residentes na localidade Paredão (Piratini/RS) sobre o Programa Bolsa Família, a partir de uma perspectiva epistemológica do feminismo indígena e negro. E como objetivos específicos: a) Identificar como raça, etnia, gênero e classe se refletem nos contextos de vida das mulheres participantes do Programa Bolsa Família e moradoras Paredão (Piratini/RS); b) Problematizar o atual contexto de operacionalização do Programa Bolsa Família na localidade do Paredão (Piratini/RS); c) Socializar as experiências de resistência vivenciadas pelas pesquisandas. A perspectiva metodológica adotada na investigação foi os Círculos Epistemológicos, conforme postulam Romão *et al*. (2006). Os Círculos Epistemológicos foram produzidos a partir de um diálogo verbo-visual *com* e *por* imagens (BRUNO, 2009, 2012; DANTAS, 2021; DIDI-HUBERMAN, 2002, 2011; SAMAIN, 2012a, 2012b), possibilitando também a construção de *foto*biografias (BRUNO, 2009, 2012). Assim, através dos Círculos Epistemológicos, ressignificamos a presença do Programa Bolsa Família e a ausência de tantas outras políticas sociais, uma conjuntura que deve ser visibilizada considerando a herança colonial de produção do não humano. Conclui-se, ainda, que há um contexto colonial-racista-patriarcal-sexista-histórico-social-geográfico de opressões e apagamento político que configura-se como um importante espaço-tempo de denúncia. Enquanto movimento de anúncio, manifestado por meio dos achados da investigação, destaca-se que as mulheres, residentes no Paredão e beneficiárias do Programa Bolsa Família, produzem microrresistências diuturnamente em contraposição à conjuntura denunciada.

Palavras-chave: Programa Bolsa Família. Círculos Epistemológicos. *Foto*biografias. Colonialidade de Gênero. Política Social.

ABSTRACT

FURTADO, Darlene da Silva. **Women beneficiaries of the Bolsa Família Program, residents in the locality of Paredão (Piratini/RS):** dialogues about (re)existences, gender coloniality, and social policy. 2023. 203p. Dissertation (Ph.D. in Social Policy and Human Rights) - Graduate Program in Social Policy and Human Rights, Center for Social and Technological Sciences, Catholic University of Pelotas, Pelotas, 2023.

The dissertation, entitled *Women beneficiaries of the Bolsa Família Program, residents in the locality of Paredão (Piratini/RS): dialogues about (re)existences, gender coloniality, and social policy*, is part of the State, Social Rights, and Social Policy Research Line of the Graduate Program in Social Policy and Human Rights at the Catholic University of Pelotas. It is particularly aligned with the thinking of intellectuals who write from the reality of Latin America and the Caribbean, black authors, thinkers from different indigenous peoples of Abya Yala, peasants, activists, in short, women who (re)exist daily to produce theory, to produce science from here, this side of the Atlantic. In this scenario, researchers such as Lélia Gonzalez (1988), Sueli Carneiro (2005, 2011), Yásnaya Gil (2019, 2020), María Lugones (2014), and Lorena Cabnal (2018) have provided the theoretical framework for this investigation, which aimed to unveil the understanding of the women living in the Paredão locality (Piratini/RS) regarding the Bolsa Família Program, from an epistemological perspective of indigenous and black feminism. The specific objectives were: a) To identify how race, ethnicity, gender, and class are reflected in the life contexts of women participating in the Bolsa Família Program and residing in Paredão (Piratini/RS); b) To examine the current operational context of the Bolsa Família Program in the Paredão locality (Piratini/RS); c) To share the experiences of resistance lived by the researchers. The methodological perspective adopted in the investigation was the Epistemological Circles, as postulated by Romão *et al.* (2006). The Epistemological Circles were produced through verbal and visual dialogue *with* and *through* images (BRUNO, 2009, 2012; DANTAS, 2021; DIDI-HUBERMAN, 2002, 2011; SAMAIN, 2012a, 2012b), also enabling the construction of photobiographies (BRUNO, 2009, 2012). Thus, through the Epistemological Circles, we resignify the presence of the Bolsa Família Program and the absence of many other social policies, a conjuncture that must be made visible considering the colonial heritage of non-human production. It is also concluded that there is a colonial-racist-patriarchal-sexist-historical-social-geographical context of oppressions and political erasure that constitutes an important space-time for denunciation. As an announcement movement, manifested through the findings of the investigation, it is worth highlighting that the women residing in Paredão and beneficiaries of the Bolsa Família Program daily engage in microresistances in opposition to the denounced conjuncture.

Keywords: The Bolsa Família Program. Epistemological Circles. Photobiographies. Gender Coloniality. Social Policy.

RESUMEN

FURTADO, Darlene da Silva. **Mujeres beneficiarias del Programa Bolsa Familia, residentes en la localidad de Paredão (Piratini/RS):** diálogos sobre (re)existencias, colonialidad de género y política social. 2023. 203 págs. Tesis (Doctorado en Política Social y Derechos Humanos) - Programa de Posgrado en Política Social y Derechos Humanos, Centro de Ciencias Sociales y Tecnológicas, Universidad Católica de Pelotas, Pelotas, 2023.

La tesis, titulada "Mujeres beneficiarias del Programa Bolsa Família, residentes en la localidad de Paredão (Piratini/RS): diálogos sobre (re)existencias, colonialidad de género y política social", se enmarca en la Línea de Investigación Estado, Derechos Sociales y Política Social del Programa de Posgrado en Política Social y Derechos Humanos de la Universidad Católica de Pelotas. En particular, se vincula al pensamiento de las intelectuales que escriben desde la realidad de la *Améfrica Ladina* de las autoras negras, pensadoras de diferentes pueblos indígenas de Abya Yala, campesinas, activistas y mujeres que (re)existen diariamente para producir teoría y ciencia desde este lado del Atlántico, son fundamentales en este escenario. En este contexto, investigadoras como Lélia Gonzalez (1988), Sueli Carneiro (2005, 2011), Yásnaya Gil (2019, 2020), María Lugones (2014) y Lorena Cabnal (2018) han fundamentado el marco teórico de esta investigación. El objetivo general de esta investigación fue revelar la comprensión de las mujeres residentes en la localidad de Paredão (Piratini/RS) sobre el Programa Bolsa Família, desde una perspectiva epistemológica del feminismo indígena y negro. Además, se plantearon los siguientes objetivos específicos: a) Identificar cómo la raza, etnia, género y clase se reflejan en los contextos de vida de las mujeres que participan en el Programa Bolsa Família y residen en Paredão (Piratini/RS). b) Problematizar el actual contexto de implementación del Programa Bolsa Família en la localidad de Paredão (Piratini/RS). c) Socializar las experiencias de resistencia vividas por las investigadoras. La perspectiva metodológica adoptada en la investigación fueron los Círculos Epistemológicos, según lo postulan Romão et al. (2006). Los Círculos Epistemológicos se generaron a partir de un diálogo verbo-visual con y a través de imágenes (BRUNO, 2009, 2012; DANTAS, 2021; DIDI-HUBERMAN, 2002, 2011; SAMAIN, 2012a, 2012b), permitiendo también la construcción de fotobiografías (BRUNO, 2009, 2012). Así, a través de los Círculos Epistemológicos, resignificamos la presencia del Programa Bolsa Família y la ausencia de tantas otras políticas sociales, una coyuntura que debe ser visibilizada considerando la herencia colonial de producción de lo no humano. Se concluye, además, que existe un contexto de opresiones y desdibujamiento político colonial-racista-patriarcal-sexista-histórico-social-geográfico que se configura como un importante espacio-tiempo de denuncia. Como movimiento de anuncio, manifestado a través de los hallazgos de la investigación, se destaca que las mujeres residentes en Paredão y beneficiarias del Programa Bolsa Família generan resistencias microdiarias en contraposición a la coyuntura denunciada.

Palabras clave: Programa Bolsa Família. Círculos Epistemológicos. Fotobiografías. Colonialidad de Género. Política Social.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

(continua)

Figura 01 – Fotografia do rio Camaquã margeando a localidade Paredão.
Autoria: Darlene Furtado, fev./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 63.

Figura 02 – Fotografia do primeiro Círculo Epistemológico na localidade Paredão.
Autoria: Darlene Furtado, dez./2021.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 72.

Figura 03 – Fotografia da pesquisadora quando criança.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo da pesquisadora.
p. 73.

Figura 04 – Fotografias utilizadas no Círculo Epistemológico.
Autoria: Darlene Furtado, jan./mar./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 76.

Figura 05 – Fotografias dos processos de observação, escolha da imagem e narrativa.
Autoria: Darlene Furtado, dez./2021.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 77.

Figura 06 – Fotografias da montagem.
Autoria: Darlene Furtado, dez./2021.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 78.

Figura 07 – Fotografia das mulheres aguardando para mais um Círculo Epistemológico.
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 81.

Figura 08 – Fotografia dos excertos e das montagens
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 84.

Figura 09 – Fotografias capturadas pelas mulheres do Paredão a partir da questão “como o Programa Bolsa Família impactou/impacta (ou não) o teu dia a dia?”
Autoria: mulheres do Paredão, beneficiárias do PBF, fev. – abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 85.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

(continuação)

Figura 10 – Fotografia da seleção das imagens.
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 86.

Figura 11 – Fotografia da organização das imagens em um processo de montagem e desmontagem de painéis.
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 87.

Figura 12 – Fotografia do Sr. Ari, emoldurado pelo marco da porta, em sua residência, no ano de 2008.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 90.

Figura 13 – Fotografia da residência, no ano de 2023.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 90.

Figura 14 – Fotografias capturadas na localidade Paredão entre os anos de 2021 e 2023 e trabalhadas no Círculo Epistemológico.
Autoria: Darlene Furtado, 2021/2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 91.

Figura 15 – Fotografia da Tia Alzira, observando a horta.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 94.

Figura 16 – Fotografia da Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 97.

Figura 17 – Fotografia da Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 99.

Figura 18 – Fotografia do casamento de Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 100.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

(continuação)

Figura 19 – Fotografia dos pais de Tia Alzira, dela, do noivo e dos pais do noivo.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 101.

Figura 20 – Fotografia do casamento de Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 102.

Figura 21 – Fotografia de Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 105.

Figura 22 – Fotografia da mãe de Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 107.

Figura 23 – Fotografia do pai e da irmã de Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 108.

Figura 24 – Fotografia da mãe de Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 108.

Figura 25 – Fotografia do pai de Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 108.

Figura 26 – Fotografia da casa onde Tia Alzira viveu entre a infância e a vida adulta.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 109.

Figura 27 – Fotografia do lugar de residência de Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.
p. 110.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

(continuação)

Figura 28 – Fotografia da família de Tia Alzira. O pai, a mãe com uma das filhas no colo e ao lado, a irmã mais velha. Sentados: o sobrinho, o irmão, a irmã e Tia Alzira.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Tia Alzira.

p. 111.

Figura 29 – Fotografia de Dona Lorena.
Autoria: Desconhecida, abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

p. 113.

Figura 30 – Fotografia da residência de Dona Lorena, no ano de 2008, na localidade Paredão.
Autoria: Darlene Furtado, fev./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

p. 114.

Figura 31 – Fotografia da família de Lori, companheiro de Dona Lorena. O pai, a irmã, a mãe, a avó, a irmã, Lori e dois irmãos.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Dona Lorena.

p. 116.

Figura 32 – Fotografia de Dilma estendendo roupa em sua casa.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

p. 119.

Figura 33 – Fotografia de Dilma com a filha no colo, o filho a sua frente, o companheiro e a sogra, à época, na localidade Paredão.
Autoria: Darlene Furtado, fev./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

p. 122.

Figura 34 – Fotografia de Dilma com dois dos quatro filhos.
Autoria: Darlene Furtado, fev./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

p. 124.

Figura 35 – Fotografia de Dilma na localidade Paredão.
Autoria: Desconhecida, dez./2022.
Fonte: Acervo de Dilma.

p. 125.

Figura 36 – Fotografia dos filhos de Dilma no pátio da casa, na localidade Paredão.
Autoria: Dilma, dez./2022.
Fonte: Acervo de Dilma.

p. 126.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

(continuação)

Figura 37 – Fotografia do filho de Dilma no rio Camaquã, na localidade Paredão.
Autoria: Dilma, dez./2022.
Fonte: Acervo de Dilma.
p. 127 e p. 187.

Figura 38 – Fotografia de Dona Eva.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 129.

Figura 39 – Fotografia da casa em que Dona Eva morou na localidade Paredão.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 133.

Figura 40 – Fotografia de Dona Eva mostrando as benfeitorias realizadas a partir do dinheiro recebido através do Programa Bolsa Família.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 136.

Figura 41 – Fotografia de Camila.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Camila.
p. 138.

Figura 42 – Fotografia da avó de Camila.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Camila.
p. 140.

Figura 43 – Fotografia da avó de Camila.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Camila.
p. 142.

Figura 44 – Fotografia da filha de Camila.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Camila.
p. 143.

Figura 45 – Fotografia da filha de Camila.
Autoria: Darlene Furtado, dez./2021.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 143.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

(continuação)

Figura 46 – Fotografia de Camila e da avó.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Camila.
p. 144.

Figura 47 – Fotografia de Franciely.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Franciely.
p. 145.

Figura 48 – Fotografia da família de Franciely. Da direita para a esquerda: Franciely, a avó e a irmã.
Autoria: Darlene Furtado, fev./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 146.

Figura 49 – Fotografia de Franciely com a filha no colo, na localidade Paredão.
Autoria: Darlene Furtado, dez./2021.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 151.

Figura 50 – Fotografia da filha de Franciely, na cidade de Viamão.
Autoria: Desconhecida, nov./2022.
Fonte: Acervo de Franciely.
p. 152.

Figura 51 – Fotografia da filha de Franciely, na cidade de Viamão.
Autoria: Desconhecida, nov./2022.
Fonte: Acervo de Franciely.
p.153.

Figura 52 – Fotografia de Liziane.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Liziane.
p. 155.

Figura 53 – Fotografia da família de Liziane. Da direita para a esquerda: o irmão, Liziane, o primo, a irmã e, em frente, a irmã mais velha.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Acervo de Liziane.
p. 156

Figura 54 – Fotografia da construção de abrigo para as crianças aguardarem o ônibus escolar.
Autoria: Camila e Liziane, fev. – abr./2022.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.
p. 177.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

(conclusão)

Figura 55 – Fotografia de cenas do descaso.
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022 – mar./2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

p. 178.

Figura 56 – Fotografias de alguns dos registros realizados pelas mulheres, referentes aos usos do dinheiro do PBF, investido na horta e na criação de animais.
Autoria: *Pesquisandas*, fev. – abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

p. 181.

Figura 57 – Fotografias de alguns dos registros realizados pelas mulheres, referentes aos usos do dinheiro do PBF, investido na compra de gêneros alimentícios.
Autoria: *Pesquisandas*, fev. – abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

p. 182.

Figura 58 – Fotografias de alguns dos registros fotográficos realizados pelas mulheres, referentes aos usos do dinheiro do PBF, investidos na compra de produtos que “não são comida”.
Autoria: *Pesquisandas*, fev. – abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

p. 182.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Teses com o descritor “Bolsa Família” distribuídas por ano de defesa 28

Gráfico 2 Dissertações com o descritor “Bolsa Família” distribuídas por ano de defesa 29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Teses classificadas como primárias 31

Tabela 2 Dissertações classificadas como primárias 34

Tabela 3 Palavras-chave recorrentes registradas nas teses 40

Tabela 4 Palavras-chave recorrentes registradas nas dissertações 40

Tabela 5 Informações sobre as *mulheres* que participaram dos Círculos Epistemológicos, residentes na localidade Paredão, *beneficiárias* do Programa Bolsa Família (2021) 74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
DAP	Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAE	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MP	Medida Provisória
NIS	Número de Identificação Social
PBF	Programa Bolsa Família
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PTR	Programa de Transferência de Renda

SUMÁRIO

1 PARA COMEÇAR O DIÁLOGO 20
2 *MULHERES*, *GÊNERO* E *FEMINISMOS*: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA 26
2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA EM TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA (2004 – 2019) 26
2.2 *MULHER*, *GÊNERO* E/OU *FEMINISMOS* NAS TESES E DISSERTAÇÕES CAPTURADAS A PARTIR DO DESCRITOR "BOLSA FAMÍLIA" NO CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES (2004 – 2019) 29
2.3 DA REVISÃO SISTEMÁTICA À INDICAÇÃO DOS OBJETIVOS DA TESE 52
3 O *LOCUS* DA PESQUISA E OS PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS 55
3.1 FERIDA COLONIAL, PIRATINIM E PAREDÃO: INTERSECÇÕES 55
3.2 CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS 64
3.3 DIÁLOGO VERBO-VISUAL *COM* E *POR* IMAGENS..... 67
3.4 CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS *COM* E *POR* IMAGENS: ENTRE A PESQUISA CONTADA VERBO-VISUALMENTE E A DENÚNCIA ESCRITA EM VOZ ALTA NO DIÁRIO DE CAMPO 70
4 *FOTO*BIOGRAFIAS: AS HISTÓRIAS DE VIDA DAS PESQUISANDAS EM IMAGENS E NARRATIVAS 94
5 O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA, *MULHERES*, *GÊNERO* E *FEMINISMOS* 160
5.1 *MULHERES*, *GÊNERO* E *FEMINISMOS*: UMA DISCUSSÃO FUNDAMENTAL 160
5.2 DENÚNCIAS, ANÚNCIOS E (RE)EXISTÊNCIAS: O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E O (NÃO)ACESSO A OUTRAS POLÍTICAS PÚBLICAS 168
6 ANTES QUE SEJA TARDE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS 187
REFERÊNCIAS 194

1. PARA COMEÇAR O DIÁLOGO...

Tudo começou quando trabalhei na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Antenor Elias de Matos, no município de Piratini/RS, entre os anos de 2004 e 2007 – a 30 km da localidade Paredão –, como professora. Recordo-me que, ao assumir uma turma de alfabetização, em 2006, tive o prazer de conhecer o Léo[1], um menino feito de nãos – "Léo não aprende", "Léo não deveria estar na mesma sala com os pequenos" –, um menino de cabelos claros, mãos calejadas do trabalho na roça, de um caminhar próprio. Suas roupas exalavam o *cheiro da fumaça do lampião a querosene*[2]; era um menino calado, que ficava o tempo todo sentado em sua classe. Na hora do recreio, não interagia, ficava em frente à porta da sala, com as mãos cruzadas para trás de seu corpo, esperando o sinal tocar e, assim, voltar para seu refúgio: aquela cadeira, no fundo da sala, ao lado da janela. Em seu rosto, seu jeito, seu silêncio, as marcas do abandono, da vulnerabilidade, do esquecimento. Um menino que enfrentava a reprovação na primeira série[3] há quatro anos. Tinha uma trajetória feita de fragmentos, esquecimentos, retalhos de uma história que pretendia justificar, como uma sentença pronunciada, o fracasso de uma existência mal desenhada. Na escola, os discursos produzidos sobre Léo eram de que nada podia ser feito "por aquele menino do Paredão" e que ele já havia sido "encaminhado para a APAE[4]", e estava-se somente "aguardando o laudo" – assim relatava a equipe diretiva.

---

[1] Para preservar a identidade desse menino, utilizei um nome fictício.

[2] Muitos são os registros, nas lembranças, que me conectam ao Léo. A memória tão presente sobre o cheiro de suas roupas, que gostaria de afirmar como um registro que o caracterizava, para muitos, a partir de uma mente/percepção colonizada, como algo negativo relativo ao lugar de classe em que ele se situava. Sentir a fumaça do lampião à querosene em Léo disparava em mim uma memória afetiva do tempo em que vivia, assim como ele, na zona rural e carregava, em minhas vestes e em meu ser-estar no/com o mundo, as marcas de também ser filha de classe popular do campo.

[3] Neste mesmo ano, o Ensino Fundamental passou a ser preconizado conforme a Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, com duração de nove anos, e a nomenclatura série foi substituída por ano.

[4] Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

Aos poucos, a cena da rua já não chamava tanto a atenção: Léo foi se aproximando, movimentando-se pela sala. Corpo e desejos já não vagavam separados. Percebendo-se integrante de um grupo, acolhido em um lugar que antes lhe era tão distante e estranho, suspeito que Léo passou a se sentir reconhecido naquele espaço e por aquelas pessoas com as quais compartilhava sua história. Aquele menino tinha déficit cognitivo e necessitava de um acompanhamento quase que individual. A cada atividade, o registro de seus avanços era escrito em um caderno. Aquele foi um ano de intensas conquistas, de diálogo, de escuta, de risos e silêncios, um ano de anotações, de conversas com equipe diretiva. Ao final, Léo aprovou, seguindo para a segunda série com seus colegas e com a vontade de ir mais além.

Naquele mesmo ano, o menino Léo teve sua vida ceifada por um disparo de arma de fogo, aos doze anos de idade. Por Léo, por sua mãe e todas as pessoas do Paredão, eu fiz mestrado (2008 - 2010) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas e doutorado (2019 - 2023) no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Direitos Humanos da Universidade Católica de Pelotas.

Em 1999, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou, pela primeira vez, a Síntese dos Indicadores Sociais, com informações coletadas a partir de estatísticas internas e externas, especialmente aquelas advindas da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – atualmente PNAD Contínua. No ano de 2020, os autores da publicação *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira* inferiram que, “de acordo com harmonização de dados feita pelo Banco Mundial, o Brasil permanece como um dos mais desiguais do mundo quando se trata da distribuição de renda entre seus habitantes” (IBGE, 2020, p. 52). Em se tratando do perfil da população por nível de rendimento, os autores ainda apontaram que, no ano de 2019,

> Entre os que se declararam de cor ou raça branca, 3,4% eram extremamente pobres e 14,7% eram pobres [...]. No cruzamento das informações sobre sexo e cor ou raça das pessoas, foram as mulheres de cor ou raça preta ou parda que se destacaram entre os pobres: eram 28,7% da população, 39,8% dos extremamente pobres e 38,1% dos pobres. O arranjo domiciliar formado por mulheres de cor ou raça preta ou parda responsáveis, sem cônjuge e com presença de filhos menores de 14 anos, também foi aquele que concentrou a maior incidência de pobreza: 24% dos moradores desses arranjos tinham rendimento domiciliar per capita inferior a US$ 1,90 e 62,4% inferior a US$ 5,50 (IBGE, 2020, p. 67).

O Brasil é o país que ocupa, no ranking, o nono lugar de distribuição de renda mais desigual do mundo (IBGE, 2020), e as mulheres *negras* e *pardas*[5] são as mais pobres e as que precisam, muitas vezes, interromper os estudos. Diante do referido contexto de desigualdade, torna-se também necessário registrar que são as mulheres *negras* e *pardas* aquelas que, predominantemente, assumem a responsabilidade pela subsistência de suas famílias, acumulando uma carga de trabalho exaustiva; são elas que, muitas vezes, possuem, como única fonte de renda da família, os valores recebidos através de Programas de Transferência de Renda (PTR), especialmente o Programa Bolsa Família (PBF). A Transferência de Renda é aqui entendida como uma

> [...] transferência monetária direta a indivíduos ou a famílias. No caso brasileiro e de várias experiências da América Latina, são programas focalizados em segmentos pobres da população e têm sua prestação condicionada a determinadas exigências que devem ser cumpridas pelos indivíduos ou pela família, principalmente no campo da educação, da saúde e do trabalho. Em relação à educação, a principal condicionalidade é a exigência de matrícula e frequência escolar de crianças e adolescentes; no campo da saúde é destacado o cumprimento de medidas básicas, como vacinação de crianças e pré-natal de mulheres grávidas e no trabalho as condicionalidades são geralmente relativas à capacitação profissional e à inserção no mercado de trabalho (SILVA; LIMA, 2010, p. 21).

Ainda sobre os Programas de Transferência de Renda, Silva e Lima (2010), no livro *Avaliando o Bolsa Família: unificação, focalização e impactos,* afirmam que esses programas têm sido desenvolvidos em diversos países a partir dos anos de 1930. No Brasil, os Programas de Transferência de Renda têm seu desenvolvimento histórico sistematizado em cinco momentos, a saber:

> O primeiro momento, iniciado em 1991, quando o Senador Eduardo Suplicy (PT/SP) apresentou o Projeto de Lei n. 80/1991, instituindo o Programa de Garantia de Renda Mínima para todo brasileiro a partir de 25 anos de idade [...]. O segundo momento, estendeu-se de 1991 a 1993, quando Camargo (1991; 1993; 1995) propõe uma transferência monetária a famílias que tivessem crianças de 5 a 16 anos em escolas públicas, introduzindo duas inovações: a família como beneficiária, no lugar do indivíduo, bem como a articulação da transferência monetária com a obrigatoriedade de crianças e adolescentes frequentarem a escola [...]. O terceiro momento foi iniciado em 1995, quando começou a implementação das experiências pioneiras nas cidades de Campinas (SP), Ribeirão Preto (SP), Santos (SP) e em Brasília (DF), concretizando, então, a possibilidade da adoção de políticas públicas de transferência de renda no contexto do Sistema de Proteção Social brasileiro. O quarto momento, iniciado em 2001, durante o segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso (1999-2003), foi marcado por significativa

[5] A utilização do termo *pardas*, nesta investigação, decorre das informações obtidas junto ao IBGE, uma vez que nos levantamentos censitários produzidos pelo referido Instituto essa definição é apresentada.

> expansão dos programas criados em 1996 (Benefício de Prestação Continuada; Programa de Erradicação do Trabalho Infantil) e criação de outros programas de iniciativa do governo federal (Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Bolsa Renda, Vale Gás, dentre outros) [...]. O quinto momento, iniciado em 2003 com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foi marcado, desde seu início, pelo Fome Zero, principal estratégia de enfrentamento da fome e da pobreza no Brasil, cujo principal programa é o Bolsa Família (SILVA; LIMA, 2010, p. 19-21).

O Programa Bolsa Família foi criado no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, no ano de 2003, através da Medida Provisória n. 132, de 20 de outubro daquele ano. A MP foi transformada na Lei n. 10.836, de 9 de janeiro de 2004, regulamentada pelo Decreto n. 5.209, de 17 de setembro de 2004. Em 2021, o Programa Bolsa Família foi revogado, e, no lugar dele, foi criado o Auxílio Brasil, através da Lei n. 14.284, de 29 de dezembro de 2021. No ano de 2023, através da Medida Provisória n. 1.164, de 2 de março de 2023, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, através do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, instituiu o retorno do PBF em substituição ao Programa Auxílio Brasil. O PBF é um Programa de Transferência Direta de Renda com condicionalidades[6] para as famílias *beneficiárias*[7].

No livro *Bolsa Família: 15 anos (2003 – 2018)*[8], organizado por Tiago Falcão Silva e publicado em 2018, existiam no Brasil 13,7 milhões de famílias *beneficiárias*

---

[6] Conforme a MP n. 1.164, de 2 de março de 2023, no “Art. 10. A manutenção da família como beneficiária no Programa Bolsa Família dependerá, sem prejuízo dos requisitos estabelecidos nesta Medida Provisória e em regulamento, do cumprimento, pelos integrantes das famílias, de condicionalidades relativas: I - à realização de pré-natal; II - ao cumprimento do calendário nacional de vacinação; III - ao acompanhamento do estado nutricional, para os beneficiários que tenham até sete anos de idade incompletos; e IV - à frequência escolar mínima de: a) sessenta por cento, para os beneficiários de quatro anos a seis anos de idade incompletos; e b) setenta e cinco por cento, para os beneficiários de seis anos a dezoito anos de idade incompletos que não tenham concluído a educação básica” (BRASIL, 2023).

[7] Durante a escrita da tese, passei a preferir o termo *participantes* a *beneficiárias*, mesmo percebendo que o primeiro não era o ideal para referir-se aquelas pessoas aptas ao recebimento do valor monetário pago por este Programa de Transferência de Renda, o Programa Bolsa Família. Ainda assim, entendia ser uma opção, pois o termo *beneficiárias* remete à benevolência, à pessoa que se beneficia de algo. Contudo, ao ler a reflexão trazida por Débora Rinaldi (2022) em sua tese de doutoramento *Estudo biográfico sobre políticas de transferência de renda condicionada no Brasil: atender necessidades para desenvolver capacidades*, entendi que o termo *beneficiário* não poderia ser apagado nesta tese, pois, “embora o termo benefício ou ainda beneficiário encontre muitas críticas na literatura, acredito que ele ilustra muito bem a experiência da população com o Estado brasileiro, o qual vem trabalhando ao longo do século XX e XXI muito mais no sentido de conceder, de fato, benefícios e menos direitos a determinados segmentos da sociedade. Substituir o termo benefícios ou beneficiários no processo de pesquisa por aquele que nos pareça mais socialmente justo implica invariavelmente no apagamento desse dado histórico” (RINALDI, 2022, p. 46). Sempre que essa palavra for escrita por mim, constará em itálico.

[8] Os dados compartilhados na referida publicação, em 2018, foram extraídos da folha de pagamento do Programa, os quais estão disponíveis no Departamento do Cadastro Único, que integra a Secretaria Nacional de Renda de Cidadania, do Ministério do Desenvolvimento Social.

do Programa Bolsa Família, ou seja, aproximadamente 44 milhões de pessoas. Sobre o arranjo familiar, Silva (2018) apontou que se tratava de uma “família formada pela mãe e seus filhos”, que correspondia, naquele ano, a 45,28% das famílias beneficiárias (SILVA, 2018, p. 140). Em se tratando da distribuição percentual das pessoas por cor ou raça, a partir de dados coletados em agosto de 2018, no Brasil, havia “predominância da cor parda, representando 68,69%” do levantamento realizado (SILVA, 2018, p. 141).

No mês de março de 2023, o Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social realizou o pagamento às/aos *beneficiárias/os* do Programa Bolsa Família, totalizando 21,1 milhões de famílias[9]. E o Ministério da Mulher do Governo Federal publicou que, na folha de pagamento do Programa Bolsa Família do mês de março de 2023, “81,2% dos benefícios concedidos estão em nome das mulheres. São 17,2 milhões do total de 21,1 milhões de famílias beneficiárias neste mês”[10]. O PBF repassa renda, de forma direta, às famílias por intermédio de um titular, preferencialmente a mulher. Conforme o § 14, Art. 2º, Inciso III, Parágrafo 14 da Lei n. 10.836, de 9 de janeiro de 2004, que criou o Programa Bolsa Família, “o pagamento dos benefícios previstos nesta Lei será feito preferencialmente à mulher [...]” (BRASIL, 2004, p. 05).

Buscando responder como o tema *mulheres*[11], *gênero* e *feminismo*[12] estavam presentes em teses e dissertações sobre o Programa Bolsa Família e, assim, definir o referencial teórico e metodológico da tese, bem como construir a problematização e os objetivos, realizei uma revisão sistemática no Catálogo de Teses e Dissertações, disponibilizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a partir do descritor “Bolsa Família”, com recorte temporal entre os anos de 2004 e 2019. A apresentação dessa revisão sistemática e as reflexões que dela suscitaram, bem como a indicação do referencial teórico e os objetivos da tese, encontram-se no segundo capítulo deste trabalho.

---

[9] Informações disponíveis em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-03/caixa-conclui-pagamento-de-marco-do-novo-bolsa-familia. Acesso em: 29 abr. de 2023.

[10] Disponível em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br. Acesso em 23 mar. 2023.

[11] Assim, como Grada Kilomba (2019), utilizo o destaque em itálico em algumas palavras que denotam “relações de poder e de violência” (p. 15). Também há o destaque em itálico para as palavras estrangeiras e aqueles termos que constavam em itálico na literatura consultada, como, por exemplo, *pesquisandas*, *com* e *por* imagens e *foto*biografias.

[12] Os termos *mulher/es*, *gênero* e *feminismo* constarão em itálico, por entender que são construções da *colonialidade*.

No terceiro capítulo, apresento os pressupostos metodológicos, começando com a identificação do *lócus* da pesquisa de campo – a localidade do Paredão, a qual está localizada no município de Piratini, no estado do Rio Grande do Sul, refletindo sobre a *colonização* e a herança desse processo histórico. Nas seções seguintes, apresento os Círculos Epistemológicos *com* e *por* imagens e a construção das *foto*biografias com as *pesquisandas*, as quais constam no quarto capítulo. No quinto capítulo, teço discussões acerca do Programa Bolsa Família, *mulheres, gênero* e *feminismos*, além de denúncias, anúncios e (re)existências: o impacto do Programa Bolsa Família e o não acesso a outras políticas públicas na vida das *mulheres*, *beneficiárias* do Programa Bolsa Família e residentes na localidade do Paredão. Finalizo esta tese com o sexto capítulo, dedicado às considerações finais.

Sem demora, apresento a revisão sistemática sobre o Programa Bolsa Família e os temas *mulheres*, *gênero* e *feminismos*.

2 *MULHERES*, *GÊNERO* E *FEMINISMOS*: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA

2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA EM TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA (2004 – 2019)

Na escrita de teses e dissertações, é imperativo examinar produções científicas precedentes a fim de constatar a originalidade e certo ineditismo do trabalho que se pretende defender. Normalmente, os achados desse inventário estão organizados como anexos ou em folhas soltas, que são desprezadas antes mesmo de encontrar espaço no amontoado de palavras científicas. No caso desta tese, a revisão sistemática[13] se nutriu da ambição de cercar o tema da pesquisa anunciado desse jeito: "*mulheres beneficiárias* do Programa Bolsa Família". Assim, em teses e dissertações recolhidas no repositório da Capes, identificou-se como se encontram os debates sobre o tema e as lacunas existentes. Esse movimento possibilitou a construção dos objetivos geral e específicos, da metodologia e do referencial teórico da tese e, por sua relevância, materializa-se nesse capítulo.

Nas linhas que seguem, compartilho os achados e análises dessa revisão sistemática, a qual respondeu à interrogação "como as categorias *mulheres*, *gênero* e *feminismos* estão presentes nas teses e dissertações capturadas no Catálogo da Capes, a partir do descritor 'Bolsa Família', de 2004 a 2019[14]?"

Ao digitar o descritor "Programa Bolsa Família", entre aspas, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES[15], a busca mapeou 987 resultados para teses e dissertações (195 teses e 792 dissertações). Já com o descritor "Bolsa Família", entre

---

[13] Entendo por revisão sistemática o "trabajo reflexivo y comprensivo, en el cual se lleva a cabo un análisis histórico-crítico interdisciplinar de un tema" (FERNÁNDEZ-RÍOS, BUELA-CASAL, 2009, p. 331).

[14] O recorte temporal abrangeu o ano de início do PBF, conforme a Lei n. 10.836, de 9 de janeiro de 2004, até o ano de 2019, pois a revisão sistemática foi realizada entre os meses de março do ano de 2020 e junho do ano de 2021.

[15] Disponível em: http://catalogodeteses.capes.gov.br/.

aspas,1.250 teses e dissertações (sendo 259 teses e 991 dissertações). Essa discrepância levou a que se optasse pelo descritor que abrangeu um número maior de produções, no caso o segundo.

No primeiro momento, copiei a relação das teses e dissertações em um documento do Word. Ainda na plataforma da CAPES, visualizei apenas os trabalhos publicados a partir do ano de 2014, e, no ícone *Detalhes*[16], conferi se o anexo referente ao texto da tese ou dissertação constava disponibilizado. Desse modo, foram salvos os documentos na íntegra em duas pastas: uma delas para armazenar as teses e outra, as dissertações. Além disso, foram rastreadas as teses e dissertações anteriores ao ano de 2014, bem como os anexos que não tiveram a divulgação autorizada na Plataforma Sucupira, no repositório das Universidades em que as publicações se encontravam hospedadas ou no repositório da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)[17]. Quando não encontradas nessas fontes, fez-se uma última tentativa digitando o nome do trabalho e autor/a no sistema de busca do *Google*. Ainda assim, algumas produções não foram localizadas.

Das 259 teses, 33 obras não foram divulgadas pelo(a) autor(a). Com a exclusão destas que não tiveram a publicação autorizada, armazenei um total de 226 arquivos na íntegra. Das 991 dissertações, localizei o arquivo de 880. Destarte, a revisão sistemática foi matizada por 226 teses e 880 dissertações, absorvidas a partir do descritor “Bolsa Família”.

Posterior a esse primeiro refinamento, construí uma tabela com as seguintes informações: autor/a; orientador/a; instituição de ensino; programa de pós-graduação; título da tese; ano da defesa; palavras-chave e resumo. Partindo desse material, fiz uma análise prévia buscando aduzir o que havia sido produzido sobre o Programa Bolsa Família a nível *stricto sensu*, tanto doutorado quanto mestrado. Entretanto, para este trabalho, serão apresentados apenas os dados relativos ao ano de defesa e, a

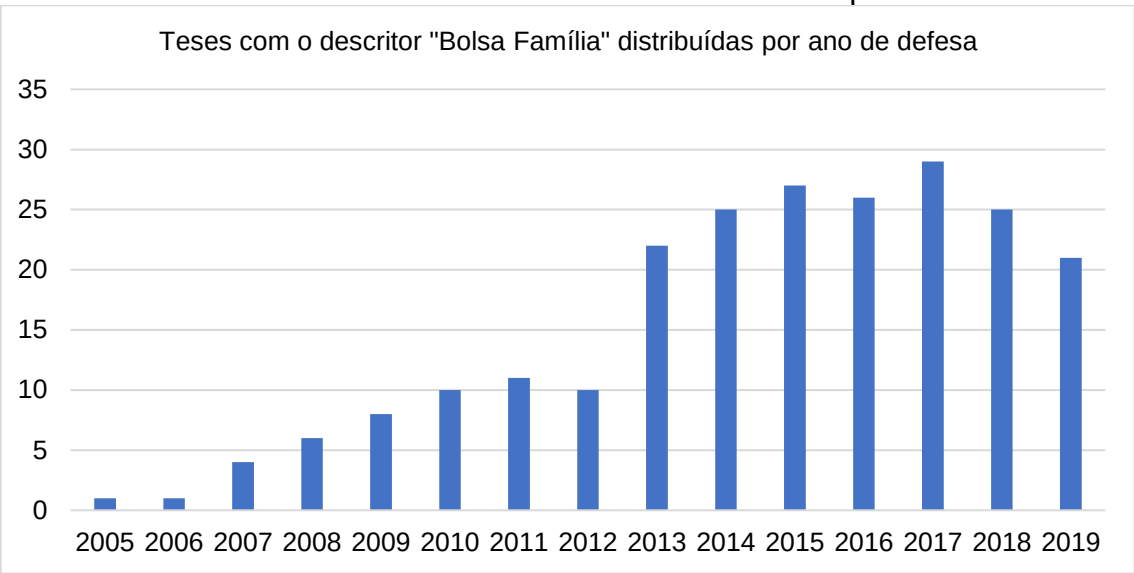
---

[16] O ícone *Detalhes* com as informações da publicação, inclusive a disponibilização do arquivo em anexo, só foi possível ser consultado a partir da data do ano de 2014, quando a Capes instituiu a Plataforma Sucupira. A Capes é responsável por credenciar, avaliar, supervisionar, financiar e regular o Sistema Nacional de Pós-graduação no Brasil. Em 2014, a partir de um esforço entre a Capes e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), foi criada uma ferramenta *on-line* de transparência, compartilhamento das informações da produção acadêmica e agilidade na coleta das informações enviadas pelas Instituições de Ensino Superior: a Plataforma Sucupira. Destaco que, mesmo a partir do ano 2014, alguns trabalhos não foram disponibilizados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, tornando-se necessário realizar a busca no repositório das Universidades.

[17] Disponível em: https://bdtd.ibict.br/.

partir do nome das/os autoras/es, o número de teses e dissertações escritas por *mulheres*[18]. Os Gráficos 1 e 2 apresentam o ano de defesa desses trabalhos.

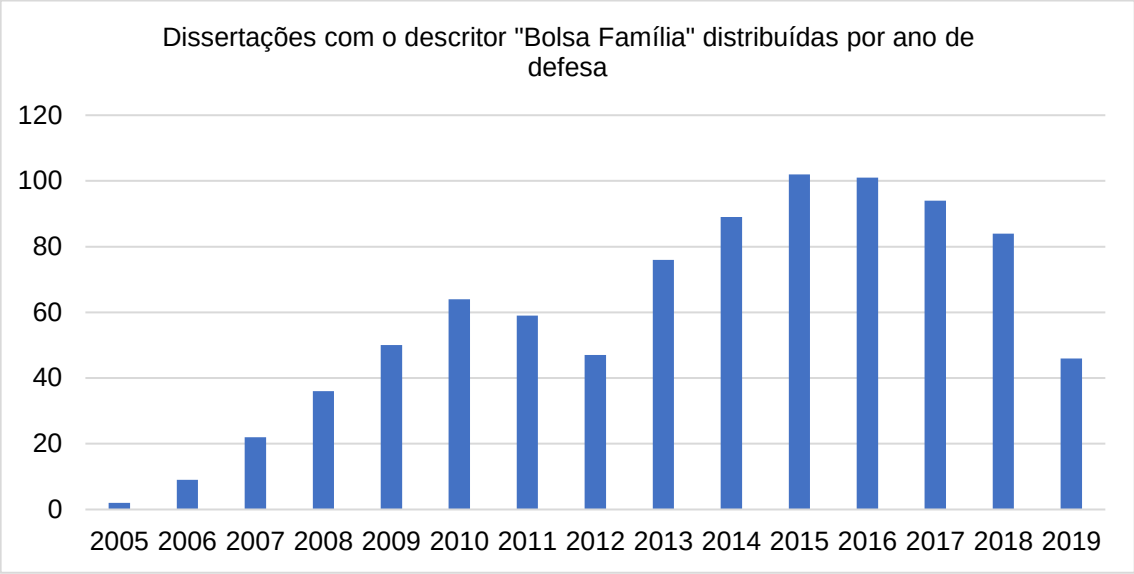
Gráfico 1 – Teses com o descritor “Bolsa Família” distribuídas por ano de defesa.



A primeira tese localizada versa do ano de 2005, vinda de um programa de pós-graduação em Demografia. Como se pode perceber no gráfico, a partir de 2013, o PBF começa a ser um tema bastante estudado. Em se tratando das dissertações, as primeiras produções constam também como defendidas em 2005, sendo uma em um Mestrado em Política Social e outra em um Mestrado em Saúde Pública, como podemos ver no Gráfico 2.

[18] O Programa Bolsa Família é uma política que prioriza as *mulheres* como responsáveis pelo recebimento do valor monetário e, por esse motivo, entendi ser importante trazer informações acerca do número de produções escritas por *mulheres*. Contudo, se faz necessário ressaltar que essa análise é incompleta, haja vista que o binômio *homem/mulher* é uma construção colonial e vem, há séculos, exterminando diversidades corporais e de identidades e perspectivas de gênero (VERGUEIRO, 2016).

Gráfico 2 – Dissertações com o descritor “Bolsa Família” distribuídas por ano de defesa.



No Gráfico 2, demonstra-se a descoberta de intensa publicação de dissertações sobre o Programa Bolsa Família nos anos de 2015 e 2016. Já no ano de 2019, faz-se observar uma redução. A título de comparação, no ano de 2015, foram mapeadas 102 dissertações, enquanto, em 2019, apenas 46 publicações.

A partir do nome das/os autoras/es, foi possível constatar que das 226 teses, 163 foram escritas por *mulheres*, e, das 880 dissertações, 628 foram produzidas por elas. Portanto, do total de 1.106 trabalhos, 791 foram produzidos por *mulheres*.

Dito isso, discorre-se na seção que segue sobre como o tema das *mulheres*, *gênero* e *feminismos* está presente nas teses e dissertações capturadas no Catálogo de Teses e Dissertações disponibilizado pela CAPES, a partir do descritor “Bolsa Família”, compreendendo os anos de 2004 a 2019.

2.2 *MULHER*, *GÊNERO* E/OU *FEMINISMOS* NAS TESES E DISSERTAÇÕES CAPTURADAS A PARTIR DO DESCRITOR “BOLSA FAMÍLIA” NO CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES (2004 - 2019)

Para compor as informações sobre como o tema *mulher*, *gênero* e/ou *feminismos* é discutido nas teses e dissertações capturadas a partir do descritor “Bolsa Família”, realizei a busca pelos termos *mulher*, *gênero* e *feminismo*. Assim, aquelas publicações em que essas expressões foram apontadas no título, no resumo e/ou nas palavras-chave, tiveram o arquivo copiado em uma nova pasta. Desse modo,

do total de 226 teses e 880 dissertações, o refinamento empregado escrutinou 35 teses e 124 dissertações.

Com intuito de organizar os trabalhos levantados, me embasei no artigo do professor Fernando de Sá Moreira, da Universidade Federal Fluminense, publicado no ano de 2019. Nesse artigo, ele apresentou dados de um exaustivo levantamento sobre a população *negra*, as filosofias africanas e afrodiaspóricas. Para categorizar e analisar o material, o autor construiu um quadro de classificação, dividindo as produções em primárias e secundárias (MOREIRA, 2019). Assumindo como referência os critérios estabelecidos por Moreira (2019) e realizando as devidas adaptações para dar conta desta revisão sistemática, foram classificadas como primárias as produções que abordaram as temáticas investigadas (Programa Bolsa Família e *mulher*, *gênero* e/ou *feminismo*), ou seja, que visivelmente apareceram enquanto centrais na tese ou dissertação. Se o tema Programa Bolsa Família foi primário no debate, mas *mulher*, *gênero* e/ou *feminismo* não constasse enquanto temáticas fundamentais (ou vice-versa), a publicação passou a ser qualificada como secundária[19].

Assim as teses e dissertações foram classificadas, processo este que demandou um intenso trabalho, pois foi necessário abrir arquivo por arquivo e realizar uma leitura cuidadosa do título, do resumo, das palavras-chave, do sumário e, algumas vezes, da conclusão do trabalho, além de uma leitura substancial do todo, prestando atenção na descrição de cada capítulo. Das 35 teses, oito discutiram tanto o Programa Bolsa Família quanto as temáticas *mulheres*, *gênero* e/ou *feminismo*. De 124 dissertações, 46 foram classificadas como primárias.

Na Tabela 1 constam informações referentes às oito teses classificadas como primárias. Apresentam-se o ano em que cada uma foi concluída, a instituição de ensino, o programa de pós-graduação e o título do trabalho.

[19] Importante frisar que, assim como Moreira (2019), a análise não tratou sobre a qualidade das publicações, mas sim o envolvimento das produções com as temáticas pesquisadas.

Tabela 1 - Teses classificadas como primárias.

(continua)

ANO	AUTOR/A	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	PROGRAMA	TÍTULO DA TESE
2008	MARIANO, Silvana Aparecida	Universidade Estadual de Campinas	Programa de Pós-Graduação em Sociologia	Feminismo, Estado e Proteção Social: a cidadania das mulheres pobres.
2013	SOUSA, Marcos Aurélio Macedo	Universidade Estadual do Ceará	Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva em Associação Ampla	Vozes e documentos na articulação crítico-hermenêutica do Bolsa Família com o direito humano e social à alimentação.
2014	SANTOS, Giselle Maria Nanes Correia dos	Universidade Federal de Pernambuco	Programa de Pós-Graduação em Antropologia	Gênero, Desenvolvimento e Programa Bolsa Família: Direitos Reprodutivos, Trabalho e Projetos de Vida de Mulheres do Coque (Recife/PE).
2017	MACHADO, Emanuelle Malheiros	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social	A gente não quer só comida? As trajetórias identitárias de mulheres beneficiárias do Bolsa Família na região metropolitana do Rio de Janeiro.
2017	PEREZ, Suyane Campos	Universidade Federal Fluminense	Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social	Programa Bolsa Família e mercado de trabalho para mulheres – um estudo exploratório no município de Alegrete/RS.
2018	SILVA, Ester Nunes Praça da	Universidade Católica do Salvador	Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea	Desafios e estratégias educativas de mulheres-mães de camada popular urbana: um olhar sobre a experiência do Programa Bolsa Família (PBF).
2018	RAMIRES, Sylvio Marinho da Pureza	Universidade Federal do Paraná	Programa de Pós-Graduação em Sociologia	Trajetórias de vida na Amazônia: um estudo sobre as condições de sobrevivência das famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família.

Tabela 1 - Teses classificadas como primárias.

(conclusão)

ANO	AUTOR/A	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	PROGRAMA	TÍTULO DA TESE
2019	MACHADO, Carmen Janaína	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural	O Bolsa Família a partir das margens do estado: um estudo sobre consumo, política pública e desenvolvimento rural.

A primeira tese que aparece dentro do recorte de investigação sobre o Programa Bolsa Família e *mulher*, *gênero* e/ou *feminismo* é de 2008. Há, em seguida, um vácuo nas publicações. Após um período sem trabalhos publicados, em 2013 e 2014, apenas uma publicação foi encontrada em cada ano. Em 2017 e 2018, no entanto, duas teses em cada ano foram publicizadas. Por fim, no ano de 2019, foi localizada uma tese.

Importante apresentar, também, os Programas de Pós-Graduação em que essas teses foram desenvolvidas. Para a exposição dessa informação, dividi os Programas tomando como referência as Grandes Áreas em que estão inscritos, conforme a classificação da CAPES:

a) Grande Área de Ciências Sociais Aplicadas: uma tese no Programa de Pós-Graduação em Política Social.
b) Grande Área de Ciências Humanas: duas teses no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, uma no Programa de Pós-Graduação em Antropologia, uma no Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.
c) Grande Área Multidisciplinar: uma tese no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, uma no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural.
d) Grande Área de Ciências da Saúde: uma no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva em Associação Ampla.

A partir dessas informações, foi possível perceber que apenas uma publicação foi defendida na Área de Avaliação em Ciências Sociais e Aplicadas, a saber no Programa de Pós-Graduação em Política Social.

Como já mencionado, a classificação das dissertações se deu da mesma forma que a das teses: primeiramente, as publicações foram dispostas em primárias e secundárias. Com efeito, de 124 dissertações, 46 foram catalogadas como primárias, as quais fizeram parte da análise.

Na Tabela 2, constam informações referentes às dissertações classificadas como primárias no que tange às discussões acerca do PBF e das categorias *mulher*, *gênero* e/ou *feminismo*, apresentando o ano da defesa, a Instituição de Ensino Superior (IES), o Programa de Pós-Graduação e o título do trabalho.

Tabela 2 - Dissertações classificadas como primárias.

(continua)

ANO	AUTOR/A	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	PROGRAMA	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO
2007	FIALHO, Paula Juliana Foltran	Universidade de Brasília	Programa de Pós-Graduação em Política Social	O Programa Bolsa Família em São Luís (MA) e Belém (PA): um estudo sobre a relação entre a gestão local e os efeitos do Programa na condição de vida das mulheres.
2008	CARNEIRO, Maria da Penha Aparecida Klug Basílio	Universidade Federal de Viçosa	Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica	A percepção das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família sobre sua implementação em Viçosa/MG.
2008	FREITAS, Cristiane Davina Redin	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Programa de Pós-Graduação em Psicologia	“Ele dorme e se acorda comigo”: representações sociais do Programa Bolsa Família.
2010	MOREIRA, Nathalia Carvalho	Universidade Federal de Viçosa	Programa de Pós-Graduação em Administração	Programa Bolsa Família e o empoderamento das mulheres em Minas Gerais.
2010	NASCIMENTO, Ana Cláudia do	Universidade Federal de Juiz de Fora	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais	Mulher, Família e Assistência Social.
2010	COLARES DE PAULA, Luana Rêgo	Universidade Federal do Ceará	Programa de Pós-Graduação em Psicologia	As significações sobre o Programa Bolsa Família: um estudo com mulheres acompanhadas por centros de referência da Assistência Social de Fortaleza.
2010	PEIXOTO, Socorro Letícia Fernandes	Universidade Estadual do Ceará	Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade	Os significados do Programa Bolsa Família na vida das mulheres: um estudo na comunidade Morro da Vitória.

Tabela 2 - Dissertações classificadas como primárias.

(continuação)

ANO	AUTOR/A	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	PROGRAMA	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO
2011	FREITAS, Ana Maria Lacerda	Universidade Estadual de Montes Claros	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social	Políticas Públicas, gênero e autonomia econômica das mulheres: uma análise de programas do governo brasileiro no período de 2000 a 2007.
2012	BARROS, Lia Canejo Diniz	Universidade Federal Fluminense	Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social	Os significados do Programa Bolsa Família na vida das mulheres beneficiárias do Badu/Niterói.
2012	SILVA, Ana Paula Bernardes da	Universidade Federal Fluminense	Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social	Programa Bolsa Família: mudanças e continuidades na vida das mulheres beneficiárias da cidade de Machado/MG.
2013	CRUZ, Luciana Ramirez da	Universidade Estadual de Campinas	Programa de Pós-Graduação em Sociologia	As portas do Programa Bolsa Família: vozes das mulheres beneficiárias do município de Santo Antônio do Pinhal/SP.
2013	TIMO, Theresa Raquel Reis	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais	Políticas de Transferência Condicionada de Renda e seus efeitos sobre a vida das mulheres beneficiárias.
2014	CONCEIÇÃO, Samara Hipólito da	Universidade Federal do Ceará	Curso de Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas	Avaliação do Programa Bolsa Família a partir das trajetórias de mulheres do Pirambu, em Fortaleza/CE: percepções sobre cidadania em processo.
2014	CORGOZINHO, Kamila Delfino Santos	Universidade Federal Fluminense	Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social	A feminização do cuidado no Programa Bolsa Família: reinvenção das tradições?
2014	SILVA, Andréia Bispo Dos Santos	Universidade Católica do Salvador	Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania	O sujeito feminino e a política de assistência social: uma análise da condição da mulher beneficiária do Programa Bolsa Família – estudo de caso no município de Lauro de Freitas/Bahia.

Tabela 2 - Dissertações classificadas como primárias.

(continuação)

ANO	AUTOR/A	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	PROGRAMA	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO
2014	TRIERWEILER, Roberta Rodrigues	Universidade Católica de Pelotas	Programa de Pós-Graduação em Política Social	Gênero e cidadania feminina no Programa Bolsa Família: um estudo no loteamento Dunas em Pelotas/RS.
2015	COUTINHO DE PAULA, Larissa Araújo	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”	Programa de Pós-Graduação em Geografia	Contribuições e limitações das políticas públicas para o fortalecimento das agricultoras: o caso da Organização de Mulheres do Assentamento Tucano (OMAT) em Euclides da Cunha Paulista (SP).
2015	LIMA, Ana Carolina Radd	Universidade Federal Fluminense	Programa de Pós-graduação em Sociologia	Interferência do Programa Bolsa Família na vida das mulheres da Favela do Vidigal: um estudo de caso.
2015	SANTOS, Ladine Teixeira	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social	A ajuda para os fracos: percepções de beneficiárias acerca do Programa Bolsa Família em um pequeno município do interior da Bahia.
2015	SOUZA, Luana Passos de	Universidade Federal Fluminense	Programa de Pós-Graduação em Economia	Bolsa Família: socializando cuidados e mudando as relações de gênero?
2015	TABORDA, Ana Alice	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Programa de Pós-Graduação em Nutrição Humana	Sentidos e significados do benefício do Programa Bolsa Família para mulheres titulares residentes no município de Duque de Caxias.
2016	AMORIM, Christiano das Neves Viana	Universidade Estadual da Paraíba	Programa de Pós-Graduação em Serviço Social	"Quem pariu Mateus que balance": Programa Bolsa Família e Relações de Gênero na perspectiva das(os) beneficiárias(os) (Lagoa Seca/PB).
2016	CECCHIN, Hareli Fernanda Garcia	Universidade Federal do Tocantins	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional	O desempoderamento de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família: questões de gênero no acampamento Ilha Verde/TO.

Tabela 2 - Dissertações classificadas como primárias.

(continuação)

ANO	AUTOR/A	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	PROGRAMA	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO
2016	MUNOZ, Claudio Baradit	Universidade Federal de Pernambuco	Programa de Pós-Graduação em Psicologia	Práticas discursivas e modos de subjetivação de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família (PBF) em contextos rurais. O caso da Zona da Mata Pernambucana.
2016	SCHAEFER, Ana Paula Bezerra	Fundação Universidade Federal de Rondônia	Programa de Pós-Graduação em Geografia	Os impactos da transferência de renda do Programa Bolsa Família na vida das mulheres rurais do assentamento Joana D'Arc III.
2016	SILVA, Crísthenes Fabiane de Araújo	Universidade Federal de Campina Grande	Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais	Gênero, empoderamento e autonomia: a percepção das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família em Maceió/AL.
2016	TEIXEIRA, Lisiany Dantas Lopes	Universidade Federal do Piauí	Programa de Pós-Graduação em Educação	Os impactos dos Programas Bolsa Família e Pronatec no alcance da autonomia de mulheres do bairro Santo Antônio em Teresina.
2017	CUNHA, Ana Cláudia Gusmão	Universidade Católica do Salvador	Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania	O Programa Bolsa Família, a moralização da pobreza no Brasil e a mulher beneficiária.
2017	FRIZZO, Djulia	Universidade de Passo Fundo	Programa de Pós-graduação em Direito	O impacto do Programa Bolsa Família na vida das mulheres beneficiárias.
2017	MOREIRA, Érica Fabrícia Melo	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais	Programa Bolsa Família: uma etnografia a partir da perspectiva das mulheres indígenas Ticuna.
2017	ROCHA, Rafael Borges Guimarães da	Universidade Federal Fluminense	Programa de Pós-Graduação em Ensino	Entre a subjetivação e a singularidade: os múltiplos devires das beneficiárias do Programa Bolsa Família.

Tabela 2 - Dissertações classificadas como primárias.

(continuação)

ANO	AUTOR/A	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	PROGRAMA	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO
2017	SILVA, Djair	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Programa de Pós-Graduação em História	As experiências do Bolsa Família e da educação contextualizada nas vivências das imparáveis mulheres insurgentes do semiárido baiano.
2017	VIEIRA, Daiana Schneider	Universidade Federal de Santa Maria	Programa de Pós-Graduação em Psicologia	Programa Bolsa Família, representações sociais e charges na internet.
2017	VIEIRA, Margarete Cutrim	Universidade Federal do Maranhão	Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas	Impactos do Programa Bolsa Família na vida das famílias egressas com foco nas mulheres titulares do benefício em São Luís/MA.
2018	CAPELETTE, Paula Cristina	Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais	Teoria da Justiça de John Rawls e a missão do Programa Bolsa Família: o caso das famílias monoparentais femininas no município de Palotina/PR.
2018	LIMA, Brenda Rolemberg de	Universidade de São Paulo	Programa de Pós-Graduação em Sociologia	Nas tramas de produção e reprodução: mulheres titulares do Programa Bolsa Família no Município de São Paulo.
2018	MIRANDA, Líbia Mafra Benvindo de	Universidade Federal do Piauí	Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas	Política de assistência social e Programa Bolsa Família: uma análise a partir da perspectiva de gênero.
2018	SERAFIM, Jaciany Soares	Universidade Estadual de Montes Claros/MG	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social	Representação social do Programa Bolsa Família entre beneficiárias de Montes Claros/MG.
2019	BRAGA, Cássia Araújo Moraes	Universidade Federal do Tocantins	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional	Políticas públicas e povos indígenas: uma análise do impacto do Programa Bolsa Família entre os Akwẽ-Xerente.

Tabela 2 - Dissertações classificadas como primárias.

(conclusão)

ANO	AUTOR/A	INSTITUIÇÃO DE ENSINO	PROGRAMA	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO
2019	BRITO, Emídio Fontanele de	Universidade Estadual do Ceará	Curso de Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas	As habilidades sociais das beneficiadas do Programa Bolsa Família no bairro Parque Genibaú – Fortaleza/CE.
2019	MATTAR, Viviane	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Programa de Pós- Graduação em Saúde Coletiva	Moralidades em torno do Programa Bolsa Família, gênero e alimentação: um estudo de caso a partir de uma favela no Rio de Janeiro.
2019	NADÚ, Amanda do Carmo Amorim	Universidade do Estado de Minas Gerais	Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana	Experiências de escolarização e de trabalho de beneficiárias do Programa Bolsa Família.
2019	OLIVEIRA, Carlos Eduardo de	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais	Entre o estigma e o reconhecimento: percepções de cidadania a partir dos relatos das participantes do Programa Bolsa Família no município de Contagem/MG.
2019	PAES, Carolina Nascimento	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais	Raça, classe e gênero no Bolsa Família: uma análise pela perspectiva da segurança alimentar e nutricional.
2019	PINHO, Isabela Vianna	Universidade Federal de São Carlos	Programa de Pós-Graduação em Sociologia	Casa de mulher: os circuitos cotidianos de cuidado, dinheiro e violência em São Carlos/SP.
2019	SABINO, Luíza Wehbe	Universidade de Federal de Minas Gerais	Programa de Pós-Graduação em Sociologia	A pobreza feminina e as políticas públicas: um estudo à luz do Programa Bolsa Família na Rocinha - Rio de Janeiro.

Extraí, das oito teses, o total de 44 palavras-chave[20]. As palavras recorrentes, ou seja, aquelas que apresentaram repetição do termo (duas ou mais vezes), estão disponibilizadas na tabela 3.

Tabela 3 - Palavras-chave recorrentes registradas nas teses.

PALAVRAS-CHAVE	NÚMERO DE VEZES QUE FORAM CITADAS
Programa Bolsa Família	06
Políticas Públicas	03
Pobreza	02

Do total de 46 dissertações, extraí 61 palavras-chave[21]. As palavras recorrentes estão disponibilizadas na tabela 4:

Tabela 4 - Palavras-chave registradas nas dissertações.

PALAVRAS-CHAVES	NÚMERO DE VEZES QUE FORAM CITADAS
Programa Bolsa Família	34
Gênero	22
Pobreza	14
Mulheres	11
Políticas Públicas	10
Família	08
Programa de Transferência de Renda	07
Empoderamento	06
Trabalho	06

[20] As palavras-chave registradas nas oito teses foram as seguintes: Ações Complementares; Alimentação e Nutrição; Assentamento de reforma agrária; Assistência Social; Cidadania; Consumo; Contrapartida; Direito à Alimentação; Direitos Reprodutivos; Empoderamento Feminino; Escolarização; Estratégias de sobrevivência; Estratégias Educativas; Família; Feminismo; Frequência Escolar; Gênero; Identidade; Lógicas Socializadoras; Mercado de Trabalho; Mobilidade na Amazônia; Moralidade; Mulheres; Mulheres camponesas; Mulheres-Mães; Pobreza; Políticas Públicas; Práticas Sociais; Programa Bolsa Família; Projetos de vida; Proteção Social; Saúde Coletiva; Segurança Alimentar e Nutricional; Socialização; Trabalho; Trajetórias de vida.

[21] Palavras-chave encontradas nas 46 dissertações classificadas como primárias: Alimentação; Assentamento Rural; Assistência Social; Assistencialismo; Autonomia; Beneficiárias; Casa de Mulher; Charges; Cidadania; CRAS; Cuidado; Dinheiro; Direitos; Direitos Sociais; Divisão Sexual do Trabalho; Educação; Educação Contextualizada; Empoderamento; Estigma; Euclides da Cunha Paulista (SP); Família; Familismo; Favela; Feminização; Fome; Gênero; Gestão Local; Governamentalidade Neoliberal; Habilidades Sociais, Capitais (econômico, cultural e social); História do Tempo Presente; Homens; Intersecção; Justiça; Micropolítica; Mobilidade tática; Moralização; Mulheres; Pesquisa Qualitativa; Pobreza; Política de Assistência Social; Políticas Públicas; Políticas Sociais; Povos Indígenas; Processos de Significação; Programa de Transferência de Renda; Programa Bolsa Família; PRONATEC; *Propensity Score Matching*; Proteção Social; Psicologia Social; Reconhecimento; Representações Sociais; Rocinha; Ruralidade; Segurança Alimentar e Nutricional; Singularização; Subjetivação; Trabalho; Tradição; Vida Ordinária; Violência.

Autonomia	04
Política de Assistência Social	04
Política Social	04
Cidadania	03
Cuidado	03
Representações Sociais	03
Familismo	02
Moralização	02
Proteção Social	02
Psicologia Social	02

Para entender como os descritores utilizados (Bolsa Família e *mulher*, *gênero* e/ou *feminismo*) estavam apresentados nas teses e dissertações, houve a necessidade do fichamento de todas elas (08 teses e 46 dissertações), buscando, na íntegra do trabalho, os objetivos, as questões de pesquisa, a problematização e/ou hipótese, a metodologia e os principais conceitos abordados. Após esse movimento, desenvolvi uma análise de cada publicação. Nas próximas páginas, socializo, sinteticamente, os principais achados do material.

Primeiramente, busquei traçar o perfil do que foi produzido. O primeiro passo foi categorizar as teses e dissertações a partir do objetivo geral de cada trabalho. Para tanto, separei os objetivos em conjuntos de análise e, a partir deles, criei categorias conforme apresento a seguir:

a) Efeitos/impactos/resultados – Essa categoria se refere aos trabalhos que buscaram responder sobre os efeitos, impactos ou resultados que o PBF imprimiu (ou não) na vida das pessoas, especialmente na vida das *mulheres beneficiárias* deste Programa de Transferência Direta de Renda. Nesse grupo, há referência aos fatores econômicos, à redução da pobreza e exclusão social, à segurança alimentar e à autonomia e ao empoderamento nas relações de *gênero* e interpessoais, na dinâmica familiar, dentre outros aspectos. Quatro teses e vinte dissertações foram identificadas nesse conjunto analítico.

b) Percepções e significações – Esse grupo diz respeito aos trabalhos que buscaram compreender as percepções, os sentidos e os significados atribuídos à política do Bolsa Família. Três teses e onze dissertações foram identificadas nesse item.

c) Contribuições e limites – Esse grupo engloba todas as publicações que buscaram averiguar tanto as contribuições quanto os limites do Programa Bolsa Família na vida das *beneficiárias*, ou seja, refere-se às teses e dissertações que

tencionaram investigar as contribuições e os limites do PBF para a afirmação das *mulheres* como sujeitas de direitos, favorecendo ou não a superação da pobreza. Contempla, ainda, o mencionado item, a contribuição do Programa para o processo de empoderamento, para a promoção da equidade de *gênero*, dentre outros aspectos correlatos. Uma tese e sete dissertações foram inscritas na seção contribuições e limites.

d) Perfil das/dos *beneficiárias/os* – Elencou-se, nesse segmento, as teses e dissertações que buscaram conhecer o perfil daquelas/es que recebiam o *benefício*. Quatro dissertações foram detectadas nesse tópico.

e) Centralidade e Condicionalidades – Fizeram parte desse grupo as dissertações que buscaram compreender a indicação do Estado pela centralidade na *mulher* enquanto principal *beneficiária* e, também, analisar o processo de responsabilização atribuído a ela acerca das condicionalidades. Três dissertações foram enquadradas nesse grupo.

f) Implementação do Programa – Figuram nesse grupo os trabalhos que apresentaram aspectos relativos à implementação do PBF. Uma dissertação foi identificada nessa classificação.

É preciso destacar o quanto a análise, a partir da qual propus traçar o perfil das teses e dissertações, está carregada de subjetividade, pois mesmo as categorias tendo sido elencadas a partir do objetivo geral de cada publicação, um objetivo poderia indicar uma ou duas categorias. Mesmo entendendo os referidos limites, localizar os temas recorrentes explorados nas teses e dissertações foi de uma importância ímpar. Pude inferir que as temáticas em que as/os pesquisadoras/es mais se debruçaram para examinar, a partir do recorte PBF e *mulheres*, *gênero* e/ou *feminismo*, foram os efeitos/impactos/resultados, bem como os tópicos que se reportam às percepções e significações do Programa Bolsa Família na vida das *beneficiárias*.

Em se tratando da abordagem metodológica de pesquisa desses trabalhos (8 teses e 46 dissertações), cheguei ao seguinte arranjo: todas as teses analisadas (8) privilegiaram a pesquisa qualitativa; no que se refere às dissertações, trinta trabalhos eram de cunho qualitativo, seis apresentaram pesquisa quanti-qualitativa, uma dissertação fez uso da metodologia quantitativa e nove não referenciaram a abordagem metodológica adotada.

Em outra análise realizada, segui a direção de apontar o referencial teórico utilizado acerca das categorias *mulheres*, *gênero* e/ou *feminismo*, já que oito teses e

quarenta e seis dissertações foram classificadas como primárias por terem como centralidade pelo menos uma dessas temáticas. Perscrutar minuciosamente os fichamentos de cada trabalho permitiu inferir o seguinte:

a) Havia teses e dissertações em que constava a categoria *mulher* no título, no resumo e por todo o texto, mas a discussão teórica não teve como centralidade a *mulher*, *gênero* ou *feminismo*, tanto que não houve qualquer referência a autores que discutissem as temáticas. Geralmente, são trabalhos que tiveram como sujeitas de pesquisa as *mulheres beneficiárias* e, portanto, suas falas analisadas, mas os temas *mulher*, *gênero* e/ou *feminismo* não foram aprofundados. Mapeei, nesse contexto, duas teses e vinte e seis dissertações;
b) Em outras publicações, a temática *gênero* foi discutida de forma superficial, genérica, ou, ainda, mesmo sendo abordada, era apresentada apenas como um assunto entre tantos outros. Uma tese e cinco dissertações foram enquadradas nessa categoria. Poderia afirmar que foram trabalhos que apresentaram o tema *gênero* através de uma ou duas citações.
c) Havia teses e dissertações em que as categorias analisadas (*mulheres*, *gênero* e/ou *feminismo*) foram exploradas. Desse grupo, selecionei cinco teses e quinze dissertações. Sobre os aludidos trabalhos, desenvolverei uma breve análise.

A tese intitulada *Feminismo, Estado e Proteção Social: a cidadania das mulheres pobres* (MARIANO, 2008) apresentou como objetivo “compreender se a inclusão das mulheres na política de assistência social, notadamente via PBF, contribui para avanços da cidadania, historicamente negada para a população pobre” (MARIANO, 2008, n.p). Buscando investigar como a cidadania está presente no interior da política da assistência social, Mariano (2008) lançou como questões de investigação:

> De que modo os programas de assistência social são desenhados para atender um público majoritariamente feminino? Que função as mulheres desempenham no interior desses programas, na qualidade de usuárias, ou, ainda, de que modo a prática desses programas dialoga com os papéis tradicionais de gênero? Como se constitui a relação entre assistência social e usuária no cotidiano de execução desta política e como o poder é exercido nesse campo? Quais são as possibilidades de ações assistenciais, a exemplo do Programa Bolsa Família, contribuir para o aperfeiçoamento e ampliação da democracia, em especial no que diz respeito à inclusão das mulheres? Que papel desempenha, nesse processo, a sociedade civil representada

> pelas organizações não governamentais conveniadas com o poder público? Estas são algumas questões que nos auxiliam a investigar como a cidadania das mulheres pobres ganha contornos de dramaticidade no interior da política de assistência social (MARIANO, 2008, p. 2-3).

Para chegar às conclusões, Mariano (2008) apresentou capítulos sobre: a) *crítica feminista para a análise sociológica*, analisando gênero e inclusão das mulheres, o sujeito plural e as influências religiosas, b) *cidadania sexuada e mediada na proteção social*, refletindo acerca da participação feminina na esfera pública sobre o direito na era da focalização e das condicionalidades, além de reflexões acerca da execução da política de Assistência Social e a cidadania mediada, c) *cidadania das mulheres pobres na assistência social*, discutindo o acesso aos direitos, a cidadania na perspectiva da gestão, a execução do programa e das *mulheres participantes*, assim como as relações de acesso e relações de poder, d) *cidadania como justiça e reconhecimento*, investigando noções de justiça e reconhecimento, autoridade e hierarquia, proteção social como direito familiar e negação da cidadania feminina e, por fim, *funcionalização*[22] da mulher pobre.

Fazendo uso de uma abordagem qualitativa a partir da realização de um estudo de caso e utilizando como instrumentos de coleta de dados a observação, entrevistas em grupo e entrevistas individuais com as *usuárias* e profissionais executoras dos programas assistenciais, a autora se valeu das seguintes categorias de análise: a Proteção Social, a Assistência Social, o Programa Bolsa Família, a pobreza, a cidadania e o *feminismo*.

A publicação *Gênero, Desenvolvimento e Programa Bolsa Família: Direitos Reprodutivos, Trabalho e Projetos de Vida de Mulheres do Coque (Recife/PE)*, tese desenvolvida por Giselle Maria Nanes Correia dos Santos (2014), teve, como objetivo,

> [...] compreender o debate sobre a titularidade feminina no PBF e a vivência das mulheres titulares focando a discussão sobre três eixos analíticos: (1) Direitos Reprodutivos e Maternidade; (2) Inserção/Qualificação na esfera produtiva, estratégias de agência e processos de autonomia/empoderamento dentro do PBF e (3) Projetos de Vida (SANTOS, 2014, n.p.).

Através de observação participante na comunidade do Coque (Recife/PE) durante os anos de 2012 e 2013, acompanhando a rotina familiar de nove *mulheres* titulares do PBF, Santos (2014) se dedicou a explorar as seguintes categorias:

---

[22] Termo utilizado por Mariano (2008, p. 235).

Programa Bolsa Família, gênero, empoderamento feminino, direitos reprodutivos, maternidade e trabalho.

A tese *A gente não quer só comida? As trajetórias identitárias de mulheres beneficiárias do Bolsa Família na região metropolitana do Rio de Janeiro,* de autoria de Emanuelle Malheiros Machado, publicada em 2017, apresentou como objetivo "descrever e compreender como se configuram os processos de socialização e individuação de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família moradoras da região metropolitana do Rio de Janeiro" (MACHADO, 2017, p. 7). Os temas abordados versaram sobre identidade, socialização, *gênero*, pobreza, políticas públicas, feminização da pobreza, dentre outros. Privilegiando a pesquisa qualitativa, a autora realizou entrevistas com *mulheres beneficiárias* do Programa Bolsa Família moradoras da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

Outra tese localizada foi a de Suyane Campos Perez, denominada *Programa Bolsa Família e mercado de trabalho para mulheres – um estudo exploratório no município de Alegrete/RS* e publicada em 2017. O objetivo do trabalho foi "analisar como o Programa Bolsa Família, por meio das ações complementares, afeta as condições de inserção das mulheres participantes no mercado de trabalho no município de Alegrete/Rio Grande do Sul" (PEREZ, 2017, n.p.) e teve, como palavras-chave, *Programa Bolsa Família*, ações complementares, mulheres e *mercado de trabalho*. Trata-se de uma pesquisa com enfoque na história oral, de caráter exploratório, com observação participante e aplicação de entrevistas com as gestoras e coordenadoras do PBF em Alegrete, assim como entrevistas com as *mulheres* que recebiam ou receberam o PBF e que tinham participado das ações complementares, com o objetivo de analisar como se deu a inserção dessas *mulheres* no mercado de trabalho, bem como "conhecer as suas histórias, seus valores, seu cotidiano e as formas de proteção social por elas acessadas" (PEREZ, 2017, p. 109).

Desafios e estratégias educativas de mulheres-mães de camada popular urbana: um olhar sobre a experiência do Programa Bolsa Família (PBF) designa trabalho de autoria de Ester Nunes Praça da Silva, datado de 2018. Ester propôs como objetivo "refletir sobre as lógicas socializadoras de famílias de camadas populares no âmbito da vivência da escola pública" (SILVA, 2018, p. 18). A fim de alcançá-lo, a autora voltou "seu interesse para as lógicas e práticas familiares evocadas pelas estratégias educativas de mobilização de mulheres mães de estudantes matriculados em escolas públicas da Bahia, no município de Lauro de Freitas" (SILVA, 2018, p. 18).

Portanto, é imperativo apontar que a questão de investigação foi ao encontro de “conhecer as lógicas socializadoras e práticas sociais, entendidas” naquela “pesquisa como estratégias educativas de mobilização das famílias em face do cumprimento da exigência da frequência escolar do Programa Bolsa Família” (SILVA, 2018, p. 19).

Destaco, ainda, que as palavras-chave que constituíram o trabalho de Silva (2018) foram *Programa Bolsa Família*, *mulheres-mães*, *família*, *frequência escolar*, *contrapartida*, *estratégias educativas*, *escolarização*, *lógicas socializadoras* e *práticas sociais*. Em relação à metodologia de pesquisa, a autora utilizou a história de vida e a história oral, e os instrumentos de coleta de dados foram observação e acompanhamento de casos, entrevistas informais e entrevistas não-diretivas/semiestruturadas.

Dando seguimento ao trabalho, os conceitos sobre família, escolarização e educação pautaram as discussões apresentadas por Silva (2018). Dentre as oito teses investigadas, essa foi a única que dedicou um subcapítulo à discussão sobre as interseções de gênero e raça nos estudos de família e escolarização em camadas populares, abordando especialmente a escolarização feminina.

Finalmente, é importante apontar que a autora dedicou um capítulo, intitulado “Levantamento de dados em pesquisas científicas: um olhar sobre a produção acadêmica acerca do Programa Bolsa Família e condicionalidade em educação” (SILVA, 2018), ao mapeamento realizado por ela no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, com recorte temporal entre os anos de 2004 e 2017 e contemplando as temáticas Programa Bolsa Família e educação.

Outro trabalho é a dissertação concluída em 2010 por Ana Cláudia do Nascimento, intitulada *Mulher, Família e Assistência Social*. O objetivo geral buscou “compreender a opção do Estado pela centralidade na mulher, em um programa federal que se propõe a atender a família” (NASCIMENTO, 2010, p. 137). O estudo abordou, dentre outros temas, o lugar da *mulher* enquanto um processo histórico e social, bem como a temática *gênero*.

No trabalho de Ana Maria Lacerda de Freitas, intitulado *Políticas Públicas, gênero e autonomia econômica das mulheres: uma análise de programas do governo brasileiro no período de 2000 a 2007*, datado de 2011, o objetivo foi “analisar a contribuição das políticas públicas para a promoção da equidade de gênero por meio

da análise de alguns Programas Sociais selecionados" (FREITAS, 2011, p. 22). No trabalho, a autora focou sua atenção em discutir *gênero* e o movimento feminista.

A dissertação de Luciana Ramires da Cruz, finalizada em 2013 e intitulada *As portas do Programa Bolsa Família: vozes das mulheres beneficiárias do município de Santo Antônio do Pinhal/SP*, teve como objetivo "demonstrar como as portas de entrada para o PBF são parte do processo histórico que a sociedade brasileira vivenciou nas últimas décadas do século passado e nos primeiros anos que estamos vivenciando do século XXI" (CRUZ, 2013, p. 163). A autora se dedicou a estudar sobre as demandas feministas na Constituição de 1988, assim como as tensões feministas a partir da centralidade da mulher no Programa Bolsa Família, tais como o reforço das funções sociais da mulher e o benefício como porta de entrada para a autonomia. O tema do *feminismo* perpassa a dissertação a partir da história de lutas das *mulheres*.

Andréia Bispo dos Santos Silva defendeu a dissertação intitulada *O sujeito feminino e a Política de Assistência Social: uma análise da condição da mulher beneficiária do Programa Bolsa Família – estudo de caso no município de Lauro de Freitas/Bahia* no ano de 2014. A pesquisa teve como objetivo "analisar as condições da mulher beneficiária do PBF, segundo várias dimensões e sua trajetória, bem como investigar a possibilidade de esse programa promover autonomia e empoderamento às mulheres partícipes" (SILVA, 2014, p. 21). Silva (2014) apresentou o conceito de *gênero* discorrendo também sobre as ondas do *feminismo* e a interseccionalidade.

Em 2014, Roberta Rodrigues Trierweiler defendeu a dissertação *Gênero e cidadania feminina no Programa Bolsa Família: um estudo no loteamento Dunas em Pelotas/RS* com o objetivo de

> investigar qual o efeito do Programa Bolsa Família (PBF), em especial nas relações de gênero e no exercício da cidadania, na vida de um grupo de beneficiárias do período de 2011 e 2012, residentes no Loteamento Dunas em Pelotas, Rio Grande do Sul" (TRIERWEILER, 2014, n.p.).

A dissertação *Contribuições e limitações das políticas públicas para o fortalecimento das agricultoras: o caso da Organização de Mulheres do Assentamento Tucano (OMAT) em Euclides da Cunha Paulista (SP)*, defendida em 2015 por Larissa Araújo Coutinho de Paula, teve como objetivo principal:

> [...] avaliar como o Programa de Aquisição de Alimentos, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, o Pronaf-Mulher, o Programa Nacional de

> Documentação da Trabalhadora Rural e o Programa Bolsa Família estão sendo operacionalizados e quais resultados têm gerado na vida das integrantes da Organização de Mulheres do Assentamento Tucano, em Euclides da Cunha Paulista (SP) (COUTINHO DE PAULA, 2005, p. 19).

Na pesquisa, a autora versou sobre o movimento feminista, *gênero*, poder e a divisão sexual do trabalho na agricultura. Dentro dessa temática, foi abordada a associação entre o trabalho feminino e a "ajuda"[23], as políticas públicas para as *mulheres* rurais, dentre outras questões.

A dissertação de Christiano das Neves Viana Amorim, concluída em 2016 e intitulada *"Quem pariu Mateus que balance": Programa Bolsa Família e Relações de Gênero na perspectiva das (os) beneficiárias (os) (Lagoa Seca-PB)*, apresentou como objetivo "analisar as implicações de gênero nas famílias beneficiárias do município de Lagoa Seca/PB a partir da titularidade do programa e das suas condicionalidades" (AMORIM, 2016, p. 80). O autor discutiu, no trabalho, os discursos que (des)constroem o *gênero* no PBF, a saber o trabalho doméstico, a maternidade, o cumprimento das condicionalidades e as relações conjugais.

Já a dissertação intitulada *O desempoderamento de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família: questões de gênero no acampamento Ilha Verde – TO*, finalizada em 2016 por Hareli Fernanda Garcia Cecchin, teve como objetivo "analisar os efeitos do Programa Bolsa Família no cotidiano das mulheres beneficiárias do Acampamento Ilha Verde, com foco nas relações de gênero e empoderamento" (CECCHIN, 2016, p. 17). A autora apresentou o panorama histórico do *feminismo* e discutiu acerca do empoderamento da *mulher*.

A autora Crísthenes Fabiane de Araújo Silva defendeu, em 2016, a dissertação *Gênero, empoderamento e autonomia: a percepção das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família em Maceió-AL*. O objetivo foi "compreender possíveis impactos dessas ações na vida das pessoas" (SILVA, 2016, p. 07). Silva (2016) destinou um capítulo à abordagem de *gênero*, empoderamento e autonomia feminina, apresentando, também, o histórico do movimento feminista.

Outra dissertação que compôs esse grupo de análise foi a de Djulia Frizzo, denominada *O impacto do Programa Bolsa Família na vida das mulheres beneficiárias*, datada de 2017. O objetivo do trabalho era "identificar o papel do

---

[23] O termo "ajuda" refere-se à desvalorização sofrida pelas agricultoras, as quais entendem o trabalho rural como uma "ajuda", uma complementação ao trabalho masculino (COUTINHO DE PAULA, 2015).

Programa Bolsa Família na afirmação de gênero, bem como o impacto social que o programa ocasiona na vida das mulheres beneficiárias" (FRIZZO, 2017, n.p.). A autora destinou sua atenção a estudar o movimento feminista e a questão de *gênero*, evidenciando a luta das *mulheres* e o empoderamento feminino. Também abordou o surgimento dos conceitos de *gênero* e *feminismo* apontando marcos importantes, tais como a Lei Maria da Penha e a titularidade feminina nos *benefícios* como o Bolsa Família.

A dissertação *Programa Bolsa Família: uma etnografia a partir da perspectiva das mulheres indígenas Ticuna*, de Érica Fabrícia Melo Moreira, defendida no ano 2017, teve como objetivo "analisar a experiência das mulheres Ticuna em território indígena que recebem o benefício do Programa Bolsa Família, considerando os efeitos desta política nas suas vidas e das suas famílias e comunidade" (MOREIRA, 2017, p. 21). Nesse trabalho, a autora abordou *gênero* e diversidade étnica e, também, se ocupou de estudar "uma nova categoria: o feminismo comunitário".

Líbia Mafra Benvindo de Miranda, em 2018, defendeu a dissertação intitulada *Política de Assistência Social e Programa Bolsa Família: uma análise a partir da perspectiva de gênero*, cujo objetivo foi "analisar os efeitos do PBF decorrentes da focalização na mulher sobre o padrão das relações de gênero no interior das famílias beneficiárias no município de Teresina" (MIRANDA, 2018, n.p.). A autora destinou um capítulo para o estudo do *gênero* e do processo de produção e reprodução social, discutindo o conceito em tela (*gênero*) e as ondas do *feminismo*.

A dissertação denominada *Experiências de escolarização e de trabalho de beneficiárias do Programa Bolsa Família*, defendida no ano de 2019 por Amanda do Carmo Amorim Nadu, tinha como objetivo "investigar as contribuições e os limites do PBF para a afirmação das mulheres como sujeitos de direitos a partir de experiências de escolarização e de trabalho de beneficiárias do Programa do município de Ribeirão das Neves, em Minas Gerais" (NADU, 2019, p. 21). A autora dedicou um capítulo à abordagem do tema *mulheres* enquanto *sujeitos* de direitos, enfocando inclusive a articulação entre *classe*, *sexo* e *raça*.

Raça, classe e gênero no Bolsa Família: uma análise pela perspectiva da segurança alimentar e nutricional foi o nome da dissertação defendida em 2019 por Carolina Nascimento Paes. O objetivo do trabalho foi "avaliar, dentro da produção bibliográfica da SciELO, entre 2003 e 2019, a relação entre Segurança Alimentar e

Nutricional e o Programa Bolsa Família" (PAES, 2019, n.p.). A autora trouxe reflexões acerca de *classe*, *raça* e *gênero*, assim como um debate sobre o *feminismo*.

Luíza Wehbe Sabino defendeu, em 2019, a dissertação intitulada *A pobreza feminina e as políticas públicas: um estudo à luz do Programa Bolsa Família na Rocinha – Rio de Janeiro*. A investigação teve como objetivo "compreender o papel do PBF na vida das beneficiárias do programa e sua relação com a questão da pauperização das mulheres" (SABINO, 2019, p. 16). Sabino (2019) trouxe para o debate a feminização da pobreza e a divisão sexual do trabalho.

Feita a apresentação das teses e dissertações que discutiram sobre as categorias Programa Bolsa Família e *mulheres, gênero* e/ou *feminismo*, teço algumas observações sobre o montante dos trabalhos que abarcaram essa revisão sistemática:

a) Das 226 teses e 880 dissertações que dedicaram atenção especial ao Programa Bolsa Família, apenas 5 teses e 15 dissertações incluíram em suas análises teóricas a produção de intelectuais que discutem temas como *mulheres*, *gênero* e/ou *feminismo*. Nesse sentido, as/os autoras/es mencionadas foram, especialmente, Beauvoir (2008), Butler (2003a; 2003b), Farah (2004), Louro (1996, 2001), Mead (1988), Perrot (1998, 2009), Saffioti (2004; 2005) e Scott (1995)[24].

---

[24] BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** Lisboa: Quetzal Editores, 2008.
BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.
BUTLLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. *In*: BUTLLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003b.
FARAH, Marta. Políticas Públicas e Gênero. *In*: GODINHO, Tatau; SILVEIRA, Maria Lúcia (Org.). **Políticas Públicas e Igualdade de Gênero.** São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. 2004.
LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. *In*: LOPES, Marta Júlia; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (orgs.). **Gênero e saúde.** Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e Educação – uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva. 1988.
PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.
PERROT, Michelle. Funções da Família. *In:* PERROT, Michelle. (Org.) **História da vida privada 4:** Da revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
SAFFIOTI, Heleieth. Gênero e patriarcado. *In*: CASTILHO-MARTIN, Márcia; OLIVERA Suely. **Marcadas a Ferro - violência contra as mulheres:** uma visão multidisciplinar. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.
SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1995.

b) Dessas 20 teses e dissertações, apenas sete trabalhos – uma tese e seis dissertações (SILVA, 2018; SILVA, 2014; FRIZZO, 2017; MIRANDA, 2018; NADU, 2019; PAES; 2019; SABINO, 2019) – contemplaram, em suas pesquisas, análises sobre a *mulher negra*. Cinco desses trabalhos (SILVA, 2018; SILVA, 2014; NADU, 2019; PAES, 2019; SABINO, 2019) trouxeram como referencial teórico autoras *negras* para embasar as discussões apresentadas, sendo elas Berth (2018), Carneiro (2011), Crenshaw (1989, 1991, 2002, 2012), Davis (2016), Gonzalez (1979, 1983, 2011), Ribeiro (2016)[25].

c) Das teses e dissertações selecionadas (cinco teses e 15 dissertações), apenas uma dissertação (MOREIRA, 2017) refletiu sobre questões que envolveram o PBF e *mulheres indígenas*, abordando, em sua análise, o feminismo comunitário. Sobre o referencial teórico do feminismo comunitário, a autora dessa dissertação dialogou com Paredes (2010)[26].

Mesmo ciente de que este capítulo, o qual tratou sobre a revisão sistemática, apresentou uma descrição tão minuciosa sobre sua feitura que pode ter gerado um ir e vir cansativo para a leitora e o leitor, endosso sua relevância, pois é a partir desse vaivém que se constrói uma pesquisadora e um pesquisador, bem como uma

---

[25] BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledés**, 6. mar. 2011.
CRENSHAW, Kimberlé Williams. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Volume 1989, Issue 1, p. 139-167, Article 8, 1989.
CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, jul. 1991. p. 1241-1299.
CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialização em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
CRENSHAW, Kimberlé. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero.** Painel: Cruzamentos raça e gênero. Ação Educativa, 2012.
DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.
GONZALEZ, Lélia. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. *In*: **II Conferência Anual do African Heritage Studies Assotiation.** Pittsburgh: 28 de abr., 1979.
GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: SILVA, Luiz António Machado da *et al*. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS, 1983, n. 2, p. 223-244.
GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-Americano. **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino:** batalha de ideias, São Paulo, n. 1, 2011, p. 12-20.
RIBEIRO, Djamila. Prefácio à Edição brasileira. *In*: RIBEIRO, Djamila. **Mulheres, Raça e classe.** São Paulo: Boitempo, 2016. p. 11-15.

[26] PAREDES, Julieta. **Hilando fino:** desde el feminismo comunitário. 31. ed. La Paz: CEDEC y Mujeres, Creando Comunidad, 2010.

pesquisa. Abrir mão de textos já prontos, optar por dados em decorrência de outros, escolher caminhos e estabelecer critérios de refinamento foram, para mim, partes de um processo de amadurecimento. Isso posto, passo de imediato à síntese dos limites encontrados nas teses e dissertações sobre o Programa Bolsa Família e apresento a estruturação desta tese.

2.3 DA REVISÃO SISTEMÁTICA À INDICAÇÃO DOS OBJETIVOS DA TESE

No começo deste capítulo, anunciei que a revisão sistemática teve como objetivo identificar nas teses e dissertações publicadas entre os anos de 2004 e 2019 como se encontravam os debates sobre as "*mulheres beneficiárias* do Programa Bolsa Família", assim como as lacunas que poderiam existir no mesmo campo do conhecimento. Como já mencionado, no mês de março de 2023, o Ministério da Mulher[27] publicou que o total de famílias *participantes* do Programa foi de 21,1 milhões e que, dessas famílias, as *mulheres* responsáveis pelo cartão bancário somavam 17,2 milhões, ou seja, 81% do total.

Olhar para o conjunto de publicações sobre o Programa Bolsa Família permitiu inferir que mesmo as *mulheres* estando entre 81% das *beneficiárias*, essa categoria de análise ainda não encontrou espaço dentro da academia, muito menos em se tratando das *mulheres negras e indígenas*. Do total de 1.106 teses e dissertações (226 teses, 880 dissertações) sobre o PBF publicadas nos mais diversos Programas de Pós-Graduação do país entre os anos de 2004 e 2019, em 35 teses e 124 dissertações, o descritor *mulher* foi identificado. Ficou visível que esse descritor foi indicado no título, no resumo e/ou nas palavras-chave e, consequentemente, no texto, por ser a *mulher* a principal responsável pelo recebimento do valor monetário e, por esse motivo, a *pesquisada*[28], aquela que detém informações fundamentais para a pesquisa de campo.

Portanto, atrevo-me a dizer que a *mulher*, em muitas publicações, serviu apenas como viés para que, a partir dela, fosse possível chegar a outras categorias; como exemplo, cito casos em que as entrevistadas foram as *mulheres*, *beneficiárias* do Programa Bolsa Família, mas a análise contemplou aspectos acerca da família em que elas estavam inseridas. Apesar disso, categorizei cinco teses e 15 dissertações

[27] Informações disponíveis em: https://www.gov.br/mulheres/pt-br. Acesso em 23 mar. 2023.
[28] Destaquei em itálico por não compartilhar desse entendimento.

que exploraram tanto o Programa Bolsa Família quanto o tema *mulher, gênero* e/ou *feminismos*. Desses trabalhos, sete refletiram sobre o Programa Bolsa Família e as *mulheres negras,* e, em cinco dessas publicações, o referencial teórico para embasar as discussões, ainda que com pouca inserção, foram autoras *negras*. Outra informação acerca do montante de 1.106 trabalhos é a de que apenas uma dissertação dedicou atenção para o PBF e as *mulheres indígenas*.

É, ainda, importante comentar que desde a pesquisa de campo desenvolvida por mim, na ocasião do mestrado (SILVA, 2010) e passando pela revisão sistemática aqui apresentada, a relação entre o/a pesquisador/a e os *sujeitos* de pesquisa tem me inquietado. Esclareço que, mesmo se tratando de metodologias de cunho qualitativo, observo que as pessoas convidadas para participarem da pesquisa empírica − estas que chamamos de *sujeitos* de pesquisa – são colocadas em cena, pela maioria dos pesquisadores e pesquisadoras por trazerem informações sobre as categorias de escrita, configurando-se, logo, como *informantes*.

À vista dessas reflexões, esclareço que a problematização da pesquisa desta tese foi, então, assim formulada: *Como as mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família e residentes na localidade Paredão (Piratini/RS) percebem a presença do Programa Bolsa Família?* Dito isso, expresso que o objetivo geral deste trabalho foi *desvelar a compreensão das mulheres residentes na localidade Paredão (Piratini/RS) sobre o Programa Bolsa Família, a partir de uma perspectiva epistemológica do* feminismo *indígena e negro*. Já os objetivos específicos foram:

- Identificar como *raça, etnia, gênero* e *classe* se refletem nos contextos de vida das *mulheres participantes* do Programa Bolsa Família e moradoras do Paredão (Piratini/RS);

- Problematizar o atual contexto de operacionalização do Programa Bolsa Família na localidade do Paredão (Piratini/RS);

- Socializar as experiências de resistência vivenciadas pelas *pesquisandas*.

Assim, anuncio que o que diferenciou os estudos que constituíram a revisão sistemática, apresentada neste capítulo, do estudo da tese é a base epistemológica e metodológica. Dialoguei principalmente com feministas *negras* e *indígenas* e, sobretudo, com a perspectiva epistemológica das intelectuais que escrevem a partir da realidade desse continente – das autoras *negras*, das pensadoras de diferentes

povos *indígenas* de *Abya Yala*[29], da *Améfrica Ladina*[30], das camponesas, das ativistas, das feministas lésbicas, enfim – das *mulheres* que (re)existem diariamente para produzir ciência. Metodologicamente, o conhecimento foi construído com as *mulheres* através dos círculos epistemológicos *com* e *por* imagens. Assim, nós, *pesquisandas*, estivemos envolvidas no processo enquanto *sujeitas*, nos transformando no transcurso da investigação, potencializando, assim, reflexões substantivas, o que permitiu ressignificar, durante essa ação, as políticas públicas, em especial, o Programa Bolsa Família.

De imediato, apresento os pressupostos metodológicos, iniciando as reflexões acerca do *lócus* da pesquisa: a localidade do Paredão, situada no município de Piratini, no estado do Rio Grande do Sul e, após, os Círculos Epistemológicos *com* e *por* imagens, bem como a construção de *foto*biografias.

---

[29] Abya Yala, na língua do povo Kuna, significa "*Terra madura, Terra Viva* ou *Terra em florescimento* [...] Abya Yala vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente em oposição à América" (PORTO-GONÇALVES, 2009, p. 26).

[30] Lélia Gonzalez, ao desenvolver a categoria político-cultura de Amefricanidade, afirmou que essa "incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada [...]. Portanto, a Améfrica enquanto sistema etnogeográfico de referência é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos" (GONZALEZ, 1988, p. 76-77). E ainda, a pesquisadora assevera acerca do debate que "trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente européias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o t pelo d para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: *Améfrica Ladina*" (GONZALEZ, 1988, p. 69).

3 O *LOCUS* DA PESQUISA E OS PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

3. 1 FERIDA COLONIAL, PIRATINIM[31] E PAREDÃO: INTERSECÇÕES

Desde a invasão de Colombo em *Abya Yala*, mediante o encontro desigual e a edificação do sistema-mundo moderno, é produzido o apagamento das pessoas, das culturas, dos hábitos e das línguas daqui originárias. A hierarquia dicotômica entre o humano e o não-humano (LUGONES, 2014), a construção do outro como não-ser (CARNEIRO, 2005) e o encobrimento do outro (DUSSEL, 1993) são centrais para entendermos a modernidade colonial. A obra de Enrique Dussel (1993), intitulada *1492: o encobrimento do outro – a origem do mito da modernidade*, situa o ano de 1492 como o ano de nascimento da modernidade. Em 1492, aconteceu a expulsão dos judeus e mouros da Península Ibérica, mesmo ano em que a América começou a ser invadida pelos espanhóis. Conforme Dussel,

> O ano de 1492, segundo nossa tese central, é a data do "nascimento" da Modernidade, embora sua gestação - como o feto – leve um tempo de crescimento intra-uterino. A modernidade originou-se nas cidades européias medievais, livres, centros de enorme criatividade. [...] 1492 será o momento do "nascimento" da Modernidade como conceito, o momento concreto da "origem" de um "mito" de violência sacrifical muito particular, e, ao mesmo tempo, um processo de "en-cobrimento" do não-europeu (DUSSEL, 1993, p. 8).

É importante recuperarmos alguns momentos histórico-sociais que se deram desde a invasão dos europeus em *Abya Yala*. Cristóvão Colombo, até sua morte, acreditou ter desembarcado na Ásia. Esse grande chiste durou até as investidas de Américo Vespúcio, que percebeu se tratar de um novo continente e o batizou com o

[31] O nome Piratinim (Piratini), o mesmo nome do rio que nasce neste município, é originário do Tupi Guarani e significa *peixe barulhento – pira* (peixe) e *tinim* (barulho). O Município está localizado na Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul, encontra-se a uma distância de 100 km da cidade de Pelotas e a 350 km da capital, Porto Alegre.

nome de América. Assim, “uma vez reconhecidos os territórios, geograficamente, passavam-se ao controle dos corpos, das pessoas: era necessário ‘pacificá-las’ – dizia-se na época” (DUSSEL, 1993, p. 43). Foi esse o momento que Henrique Dussel denominou de *conquista,* enquanto “[...] dominação das pessoas, dos povos, dos ‘índios’. Não é mais a ‘theoria’, agora é a práxis de dominação” (DUSSEL, 1993, p. 42), seguido por um processo violento de imposição, indicado, portanto, como *colonização*[32].

> A América Latina foi a *primeira colônia* da Europa moderna [...]. A colonização da vida cotidiana do índio, do escravo africano pouco depois, foi o primeiro processo “europeu” de “modernização”, de civilização, de “subsumir” (ou alienar) o Outro como “si-mesmo”; mas agora não mais como objeto de uma práxis guerreira, de violência pura, [...] e sim de uma práxis erótica, pedagógica, cultural, política, econômica, quer dizer, *do domínio* dos corpos pelo machismo sexual, da cultura, de tipos de trabalhos, de instituições criadas por uma nova burocracia política, etc., dominação do Outro. É o começo da domesticação, estruturação, colonização do “modo” como aquelas pessoas viviam e reproduziam sua vida humana (DUSSEL, 1993, p. 50-51).

O mito da modernidade é esse argumento, essa justificativa do colonizador, com todos os aparatos de dominação para ocultar, encobrir, espoliar, dominar, oprimir e inferiorizar, obrigando os povos originários a seguirem o modelo moderno, seja através da brutalidade ou da tecnologia das armas, seja controlando “o imaginário a partir de uma nova compreensão religiosa do mundo da vida” (DUSSEL, 1993, p. 59). Assim, impõe-se o idioma e a religião, controlando, uniformizando, enquadrando comportamentos e modos de ser e de agir com o propósito de civilizar aquele que foi “descoberto”. Trata-se de um estratagema cruel (tanto no discurso quanto na prática). O mito da modernidade se protege nessa faceta de mão única: de um lado, a cultura do homem europeu vendida enquanto superior e, de outro, a cultura dos povos originários enquanto inferior, necessitada de modernização. Em nome desse pseudoprocesso civilizatório, toda e qualquer violência foi justificada.

Henrique Dussel trouxe uma substancial contribuição para refletirmos sobre o projeto moderno colonial, o mito da modernidade e o quanto nossas narrativas, as instituições e a sociedade estão entranhadas, impregnadas pela matriz colonial e o quanto esse projeto é racista e patriarcal, impactando de forma violenta especialmente

---

[32] A colonização é um processo histórico que teve início e fim. Em Pindorama (batizado mais tarde com o nome de Brasil), a intrusão colonial começou no ano de 1500 e se estendeu, oficialmente, até 1822. A colonialidade é a herança desse processo histórico e ainda é vigente.

a vida das *mulheres indígenas* e *negras*. É um projeto que não ficou no passado, mas que se atualiza diuturnamente.

A exploração colonial na região do estado do Rio Grande do Sul, especialmente no território nomeado Piratini, *locus* da pesquisa de campo, começou com os militares, por ordem do governo português, e, mais tarde, com a chegada dos açorianos. A terra, até então, era habitada pelos povos tupi-guarani e tapes. Sobre esse período, Almeida (1997) escreveu que:

> Em 1789, por ordem da Rainha Da. Maria I, o Governo português permutou com o sesmeiro José Antônio Alves as três léguas de campos que possuía nas pontas do rio Piratinim por igual extensão na coxilha de São Sebastião [...] foi essa área dividida em 'datas' (272 hectares e 25 ares) de iguais tamanhos e concedidas a 48 casais vindos das ilhas dos Açores (ALMEIDA, 1997, p. 15).

Em 06 de julho de 1789, instalaram-se os primeiros açorianos, e, no ano de 1814, o número de habitantes era de 3.673, distribuídos assim: "brancos de ambos os sexos, 1.439; índios, idem, 182; livres de cor, idem, 335; escravos, idem; 1.535; recém-nascidos d'aquele ano, 182" (ALMEIDA, 1997, p. 24). Esse complexo sistema colonial, patriarcal e racista se consolidou a partir de uma série de dispositivos, os quais abordarei no decorrer da Tese, mas, de antemão, registro que o genocídio/apagamento dos habitantes originários e a construção de identidades artificiais foram facetas importantes para que esse projeto se aperfeiçoasse. Em 25 anos de exploração em Piratinim, os povos tupis-guaranis e tapes, residentes naquela região (consoante informações registradas à época), já haviam sido reduzidos a pouco mais de 100 pessoas. Não sabemos quantos tupis-guaranis e tapes habitavam aquela localidade, tampouco a violência sofrida; o que sabemos é que muitos se exilaram às margens do rio Camaquã, local hoje denominado Paredão (VERGARA, 1997, SILVA, 2010, LOSEKANN, 2011), e até hoje essas pessoas não obtiveram o reconhecimento jurídico-político enquanto *indígenas*.

Reduzir o quantitativo de pessoas e invisibilizar processos de resistência foram/são estratégias para a apropriação do território e imposição de um modo de ser ocidental. Ainda sobre esse período, Almeida disse que "a população da Freguesia crescia sucessivamente" (ALMEIDA, 1997, p. 24). Essa população, a qual encontrava-se registrada nos documentos oficiais e na historiografia eram de pessoas *brancas*.

Nesse pouco tempo (25 anos), os *brancos* só não eram em maior número que as pessoas escravizadas.

Branco não é uma cor, mas sim uma afirmação do colonizador, já dizia Grada Kilomba em entrevista a Djamila Ribeiro (2018), e continua: “as pessoas brancas não se veem como brancas, se veem como pessoas. [...] Esse ser é a norma, que mantém a estrutura colonial e o racismo” (KILOMBA, *in* RIBEIRO 2018, p. 68). Esse sistema colonial, também, passou a nomear pessoas enquanto *índios* e *negros.* Essas palavras são de extrema violência, pois encobrem milhares de civilizações e várias formas de organização social e política. É Mbembe (2014) que nos diz que,

> Através de um processo de disseminação, mas, sobretudo de inculcação, já muito estudado, esta enorme ganga de disparates, de mentiras e de alucinações tomou-se uma espécie de invólucro exterior cuja função foi, desde logo, substituir-se ao seu ser, vida, trabalho e linguagem (MBEMBE, 2014, p. 77).

Aproprio-me das palavras de Mbembe (2014) para relembrar outros fatos encobertos e que formaram/formam o imaginário gaúcho, em especial, dos piratinenses. Estou falando sobre a Guerra Farroupilha (1835-1845), que eclodiu no Rio Grande do Sul a partir da insatisfação de fazendeiros escravagistas com a política fiscal adotada pelo Governo Imperial[33]. Em 1836 (46 anos após a chegada dos primeiros açorianos aquela região), a vila de *Piratinim* foi escolhida como lugar estratégico para instalar a capital da República Rio-Grandense, permanecendo temporariamente como tal. Durante a guerra, a região abrigou batalhas: de um lado, à frente do exército farroupilha, lutaram pessoas *escravizadas*, *indígenas* e peões pobres comandados por uma *elite branca*; de outro, os soldados do governo imperial.

Foram praticamente dez anos de peleia na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, atual estado do Rio Grande do Sul, até que começaram as negociações de paz. Contudo, havia um impasse: a alforria dos *homens escravizados* e que lutaram iludidos com a promessa de liberdade. Em 14 de novembro de 1844, no local hoje denominado Cerro dos Porongos, na época terras “pertencentes” de *Piratinim*, esses homens, os quais formavam o Corpo de Lanceiros Negros e estiveram à frente do exército farroupilha, foram atraídos para uma emboscada,

[33] O período do Governo Imperial do Brasil foi de 1822 a 1889.

atacados e mortos. Estima-se que mais de 700 homens tenham sido brutalmente assassinados.

A cidade de Piratini preserva os vestígios da guerra farroupilha conservados nas ruas de pedra e nos casarios tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE), em que residiram Bernardo Pires, Vicente Lucas de Oliveira, Gomes de Freitas, Bento Gonçalves, Giuseppe Garibaldi e tantas outras figuras *brancas* da guerra. O decênio farroupilha é rememorado anualmente no estado do Rio Grande do Sul, especialmente na cidade de Piratini, através da Semana Farroupilha, uma festa com duração de onze dias, com diversas atividades, incluindo um desfile de cavalarianos no dia 20 de setembro, para lembrar a bravura desses “heróis”. Logo, fica evidente que esse patrimônio material e imaterial nunca é revisitado a partir daqueles que o construíram, daqueles que deram a vida iludidos por um ideal que não era seu. Histórias invisibilizadas. A história oficial exclui o protagonismo de peões pobres, dos povos *indígenas* e das pessoas *escravizadas*.

Ouvimos, assim, segundo Adichie (2019), uma *história única*. Pouco sabemos dos habitantes originários do sul do Rio Grande do Sul; passamos a enaltecer a figura dos generais e a apagar o protagonismo daqueles que estiveram à frente das batalhas, invisibilizando suas dores, suas lutas, suas façanhas. Fomentamos e perpetuamos um modelo, o protótipo de homem, que é gaúcho, que é guerreiro imponente, intensificando com crueza as diferenças de *gênero*. Essa supremacia eurocêntrica, a qual conta a história a partir da lógica do *colonizador*, apresenta-se de forma linear e opressora exaltando e cultuando a ideia de uma hegemonia, de exemplos a serem adotados, de uma racionalidade moderna. Dos povos originários e das pessoas traficadas para o trabalho *escravo*, as quais tiveram suas terras saqueadas e vidas dizimadas, pouco ou quase nada tem sido contado ou valorizado no imaginário social e cultural. Ainda citando Chimamanda Adichie, a autora contribui para esta reflexão afirmando que “é impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder” (ADICHIE, 2019, p. 12), e é sobre poder que estamos tratando aqui: o poder de narrar, o poder de produzir mecanismos para dominar, inferiorizar, apagar e subalternizar, o poder de criar identidades e hierarquizá-las.

Acerca da categoria identidade, Yásnaya Gil (2017) traz uma importante contribuição. Diz ela:

> As identidades coletivas são formadas pela potencia de certos traços contrastantes em comum ao longo da história, que acabam fazendo parte de experiências identitárias particulares. No entanto, os fatores que determinam qual traço será o contrastante, aquele promovido por símbolos, narrativas e rituais, podem ser produto de certa manipulação dos grupos de poder para alcançar determinados fins[34] (GIL, 2017, p. 21, tradução minha).

Para essa autora, a identidade é construída a partir daquilo que estabelece contraste, e os elementos determinantes serão potencializados por símbolos, narrativas e rituais engendrados historicamente por grupos que se colocaram como detentores do poder. A categoria *indígena*, por exemplo, segundo Gil (2020), é uma categoria política, mas as estruturas de poder, ao racializarem e ao homogeneizarem essa categoria, estabelecem contraste, constituindo, assim, em contrapartida, um traço da identidade de uma população, enquanto

> Ser indígena significa pertencer a uma das nações do mundo que sofreu colonização e que, ademais, não formou Estado próprio nos processos de criação dos atuais Estados modernos, uma nação que, sem ser consultada, foi encapsulada nos Estados que criaram minorias com poder, esses Estados também lutaram contra a existência dessas nações. Ser indígena é fazer parte de uma nação sem Estado [...]. Não basta deixarmos de nos intitular indígenas para que a racialização, exotização e opressão que tal categoria implica deixe de existir. Não se trata então de simplesmente escolher uma identidade. O cardápio de identidades está servido, desenhado e controlado pelos sistemas que estabelecem os contrastes. Muitos desses contrastes são criados a partir de sistemas de poder e operam além de nossas vontades e afiliações. O fato de alguém pertencer ao grupo de pessoas cujo lóbulo da orelha é unido e não separado é um traço físico, assim como o fato da cor da pele (relacionada à quantidade de melanina nela, que é gradativa), sem embargo, o sistema de poder que racializa não lê as características do lóbulo da orelha, lê a cor da pele e, a partir disso, hierarquiza. A racialização hierarquiza os traços físicos, nem sequer os lê todos, mas apenas um subconjunto deles. O contraste criado pela leitura que o sistema racista faz de certas características físicas para exercer a opressão sistêmica serve ao cardápio das identidades ao criar e controlar contrastes[35] (GIL, 2020, p. 02, tradução minha).

---

[34] "Las identidades colectivas se forman potenciando ciertos rasgos contrastantes en común a través de la historia, que terminan formando parte de experiencias identitárias particulares. Sin embargo, los factores que determinan qué rasgo será el contrastante, el potenciado por símbolos, narrativas y rituales, pueden ser producto de una manipulación determinada desde los grupos de poder para conseguir ciertos fines" (GIL, 2017, p. 21).

[35] "Ser indígena significa pertenecer a una de las naciones del mundo que sufrió colonización y que, además, no conformó un Estado propio en los procesos de creación de los Estados modernos actuales, una nación que, sin ser consultada, quedó encapsulada dentro de los Estados que crearon minorías con poder, estos Estados además han combatido la existencia de estas naciones. Ser indígena es formar parte de una nación sin Estado [...]. No basta con dejar de llamarnos indígenas para que la racialización, exotización y opresión que implica tal categoría dejen de existir. No se trata entonces de elegir simplemente una identidad. El menú de las identidades está servido, diseñado y controlado por los sistemas que establecen los contrastes. Muchos de estos contrastes se crean desde sistemas de poder y operan más allá de nuestras voluntades y adscripciones. El hecho de que alguien pertenezca al conjunto de las personas que tienen el lóbulo de la oreja unido y no separado es un rasgo físico como lo es el hecho del color de

Os sistemas de poder leem a cor da pele e hierquizam, criando assim, categorias dicotômicas, o bem e o mal, o civilizado e o selvagem, enfim, o humano e o não humano. Ainda, importante registrar, que conforme Gil (2020) não há a possibilidade de pensarmos a categoria *indígena* enquanto identidade de uma nação, pois estamos falando de uma diversidade de povos encapsulados em diversos estados:

> A criação de um mundo dividido em países, em estados nacionais, prefigurava uma experiência identitária antes inexistente: a nacionalidade oficial. O mundo foi dividido em pouco mais de 200 países, sua criação foi acompanhada pela geração de identidades artificiais que quase sempre se opõem ou combatem experiências identitárias nacionais que não são as criadas pelos Estados. Milhares de nações e povos foram encapsulados em pouco mais de 200 entidades jurídicas que, além de sua função administrativa, monopolizam a geração de experiências identitárias. São ideologias convertidas em experiências identitárias por meio de discursos e práticas nacionalistas. Honras à bandeira às segundas-feiras, a lei dos símbolos patrióticos, a representação do estado em feiras esportivas como as Olimpíadas ou competições esportivas mundiais, livros oficiais de história e "feriados patrióticos" criam experiências de identidade únicas[36] (GIL, 2019, p. 22, tradução minha).

O Estado, então, é produtor de discursos, símbolos e estratégias que validam ideologias, consolidando-as a partir de uma identidade nacional, a qual Yásnaya Gil (2017) nomeará como *identidades artificiais*. Tais identidades passarão a sobrepor e a apagar experiências identitárias desempenhadas antes mesmo da divisão do mundo em países. Ainda citando a autora, “as identidades nacionais existem porque tentam monopolizar e silenciar outras identidades políticas e históricas”[37] (GIL, 2017, p. 22,

---

la piel (relacionado con la cantidad de melanina en ella que es gradual), sin embargo, el sistema de poder que racializa no lee la característica del lóbulo, lee el color de la piel y con base en ello asigna jerarquías. La racialización jerarquiza los rasgos físicos, ni siquiera los lee todos sino solo un subconjunto de ellos. El contraste creado por la lectura que el sistema racista hace de ciertas características físicas para ejercer una opresión sistémica sirve el menú de las identidades por la creación y el control de los contrastes” (GIL, 2020, p. 02).

[36] “La creación de un mundo dividido en países, en estados nacionales, prefiguró una experiencia identitaria antes inexistente: la nacionalidade oficial. El mundo se dividió en poco más de 200 países, su creación se vio acompañada de la generación de identidades artificiales que casi siempre se contraponen o combaten experiencias identitarias nacionales que no sean las que han creado los estados. Miles de naciones y pueblos quedaron encapsulados dentro de poco más de 200 entidades legales que, más allá de su función administrativa, monopolizan la generación de experiencias de identidad. Se trata de ideologias convertidas en experiencias identitarias a través de discursos y prácticas nacionalistas. Los honores a la bandera de los lunes, la ley de los símbolos patrios, la representación estatal en justas deportivas como las Olimpiadas o las competencias mundiales deportivas, los libros de historia oficial y las “fiestas patrias” crean experiencias de identidad únicas” (GIL, 2019, p. 22).

[37] “las identidades nacionales existen porque intentan monopolizar y silenciar otras identidades políticas e históricas” (GIL, 2017, p. 22).

tradução minha). É a partir dessas identidades artificiais que a agência colonial tenta silenciar e apagar as identidades dos diversos povos da África, de *Abya Yala*, de Pindorama.

Anunciei, na dissertação de mestrado (SILVA, 2010), e a partir das contribuições de Marilse Losekann (2011) e Fábio Schaffner (2000), que é possível afirmar que os tupis-guaranis e tapes encontraram no Paredão – zona rural, distante 100 km do perímetro urbano de Piratini – lugar para (re)existirem. Local de difícil acesso devido à distância e condições das estradas. Moradores que não passam ao largo da conjuntura história que venho costurando neste capítulo. São herdeiros desse processo de violência colonial. Muitos que lá residem se autodeclaram *indígenas*, mas não são reconhecidos na grafia da lei. A eles nunca foram dados os direitos originários à terra. Moradores às margens política e administrativamente do município, mas incluídos pelas águas do rio Camaquã. A imagem a seguir é do rio Camaquã, na localidade Paredão[38].

[38] "A origem do nome da localidade Paredão é devido à formação geomorfológica em que o rio Camaquã cavou seu curso em meio a um morro originando um paredão de cerca de 100 metros de altura do pico do morro até o leito do rio, contudo, outra explicação que nos foi dada pelos moradores é que o nome teria origem em guerras que existiram neste lugar, quando haviam construído grandes trincheiras de pedras para enfrentar os espanhóis. Paredão era, portanto, um local estratégico para organizar as defesas das guerras, lugar de onde se tem uma visão privilegiada do inimigo, apropriada para a defesa. Cabe esclarecer que a localidade hoje conhecida como Paredão já foi designada e conhecida a alguns anos de Minas do Paredão, por ter sido essa uma região mineradora muito explorada até 30 anos atrás, esse grupo social ficou conhecido como os moradores da Mina do Paredão" (LOSEKANN, 2011, p. 50).

Figura 01 – Fotografia do rio Camaquã margeando a localidade Paredão.
Autoria: Darlene Furtado, fev./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Marilse Losekann, no ano de 2011, publicou a dissertação de mestrado intitulada *Saber e identidade dos agricultores familiares camponeses da Costa do Bica e Paredão, Piratini, RS* e, ao apresentar a região, salientou que o município de Piratini faz parte do território conhecido como Alto Camaquã[39]. Uma das características dessa região, segundo a autora, é o relevo, predominando por paisagens em declive e um solo pedregoso. Nos meses do verão, há deficiência hídrica, ocasionando o uso restrito da agricultura.

Em levantamento realizado no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na cidade de Pelotas[40] (sede regional do citado instituto), foi identificado um

[39] O Alto Camaquã é a parte superior da bacia do rio Camaquã, localizado sobre o Escudo Cristalino (formação geológica) e incluindo áreas dos municípios de Bagé, Caçapava do Sul, Encruzilhada do Sul, Lavras do Sul, Piratini, Pinheiro Machado e Santana da Boa Vista. Disponível em: https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/98539/1/Folder-Borba-AltoCamaqua.pdf. Acesso em 12 de mar. de 2023.

[40] O levantamento foi realizado no dia 18 de fevereiro de 2019 pela Agência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, situada à rua 7 de setembro, n. 274, Sala 201, Centro, Pelotas/RS.

total de 252 pessoas residentes no setor censitário[41] 0003[42] (IBGE, 2010). Não há possibilidade de identificarmos o total de moradores por localidade no caso específico do Paredão, pois os dados se referem ao montante de moradores do setor, compreendendo, assim, uma extensão maior.

A partir da inexistência dessas informações, optei pelo levantamento de moradoras do Paredão e *beneficiárias* do Programa Bolsa Família. Assim, no mês de fevereiro do ano de 2020, foi realizado um levantamento na Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social do município de Piratini/RS, com o intuito de buscar informações acerca das *beneficiárias* do PBF. Averiguei que 16 famílias da localidade Paredão constavam cadastradas e ativas no Programa Bolsa Família e que, nessas famílias, a *mulher* era a responsável pelo recebimento do valor monetário dessa política. Assim sendo, a realização dos Círculos Epistemológicos aconteceu com as mulheres *beneficiárias* do Programa Bolsa Família e residentes na localidade do Paredão, 3º distrito do município de Piratini. Na seção a seguir, apresentarei mais informações sobre a pesquisa de campo a partir da metodologia dos Círculos Epistemológicos, esse diálogo verbo-visual *com* e *por* imagens.

3.2 CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS

A pesquisa científica que apresento nesta tese foi assentada em uma abordagem qualitativa. Nas palavras de Minayo (1994),

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1994, p. 21-22).

---

[41] O setor censitário é a “unidade territorial de controle cadastral da coleta, constituída por áreas contíguas, respeitando-se os limites da divisão político-administrativa, do quadro urbano e rural legal e de outras estruturas territoriais de interesse, além dos parâmetros de dimensão mais adequados à operação de coleta” (IBGE, 2011, p. 9).

[42] Segundo levantamento realizado na Agência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Município de Pelotas/RS, as informações referem-se ao Setor 0003. Descrição deste setor: “do ponto inicial segue pelo rio Camaquã até sua confluência com o Arroio da Bica ou Guaramana. Segue por este até a estrada dos Alves. Segue por esta até a estrada das minas do Paredão. Segue por esta até o ponto inicial” (IBGE, 2010).

No âmago da abordagem da pesquisa qualitativa e das diferentes metodologias que ela apresenta, utilizei como aporte metodológico os Círculos Epistemológicos, apresentados, em um primeiro momento, por Romão *et al*. (2006). No desenvolvimento da pesquisa de campo, os Círculos Epistemológicos foram produzidos a partir de um diálogo verbo-visual *com* e *por* imagens (BRUNO, 2009, 2012; DANTAS, 2021; DIDI-HUBERMAN, 2002, 2011, 2012, 2015; SAMAIN, 2011, 2012a, 2012b). Isso posto, apresento, nas linhas que seguem, a base teórico-metodológica dos Círculos Epistemológicos.

Os construtos argumentativos de Romão *et al*. (2006), ao propor a realização dos Círculos Epistemológicos em investigações científicas, valem-se da prerrogativa de que essa metodologia está encharcada dos conceitos basilares da teoria freiriana. Inclusive, germina a partir dos Círculos de Cultura desenvolvidos por Paulo Freire, contrapondo-se à relação vertical entre pesquisadoras/es e interlocutoras/es, estes aludidos enquanto objeto de análise, como comumente acontece em intervenções de pesquisa de campo.

Portanto, os Círculos Epistemológicos apresentam-se, segundo Accorssi, Clasen e Veiga Júnior (2021, p. 08), para “quebrar o esquema vertical”, pois “tanto a pesquisa quanto a educação problematizadora afirmam a dialogicidade como princípio suleador das práticas e das relações” (ACCORSSI; CLASEN; VEIGA JÚNIOR, 2021, p. 8). À vista disso, pressupõem afirmar o lugar dos *sujeitos* de pesquisa enquanto protagonistas do estudo, *sujeitos* de sua realidade. E o/a pesquisador/a, por seu turno, também passa a participar da investigação não mais como detentor de um saber ou aquele/a que acessa uma determinada realidade para dela extrair dados e, posteriormente, analisá-los. Em outras palavras, esse princípio teórico-metodológico “preserva o princípio freiriano de que todos, no Círculo, pesquisadores e *pesquisandos* são sujeitos da pesquisa que, enquanto pesquisam, são pesquisados, e, enquanto são investigados, investigam” (ROMÃO *et al.*, 2006, p. 177) e, mais do que isso, pois todos que estão envolvidos no processo e se transformam no transcurso da investigação.

Considerando o exposto, Romão *et al.* (2006) asseveram que:

> Romper com a relação de dominação e subordinação na pesquisa implica uma desconstrução social. A tarefa do sujeito pesquisador é promover as condições para que haja uma logística de pesquisa [...], incluindo aí um método que seja capaz de sistematizar o saber desagregado, que os sujeitos pesquisadores e pesquisandos(as) possuem, agregando-os, dialeticamente,

> e enunciando-os no ambiente criado pelo pesquisador (ROMÃO *et al.*, 2006, p. 181).

Para tanto, propiciou-se momentos de encontro entre os diferentes atores da pesquisa, de modo que a palavra passou a circular em diálogo aberto e criativo, traduzindo-se em conhecimento, registro, memória e método. Romão *et al.* (2006, p. 182) aduzem que “é o diálogo, no sentido freiriano de interação dialético-dialógica das verdades e perspectivas individuais que dá a dimensão transindividual ao sujeito coletivo e ao conhecimento por ele produzido”. Tanto os pesquisadores se modificam na relação dialógica com os *pesquisandos* quanto os *pesquisandos* na relação com os pesquisadores produzem um conhecimento ressignificado e ressignificam suas compreensões sobre determinados acontecimentos. Podemos dizer que o ato dialógico é um dos elementos basilares na perspectiva metodológica do Círculo Epistemológico. Sendo assim, “o conhecimento construído nos Círculos Epistemológicos é manifestação de um processo de conscientização capaz de transformar as concepções que os sujeitos têm da realidade e, consequentemente, a sua atuação sobre ela” (ACCORSSI; CLASSEN; VEIGA JUNIOR, 2021, p. 7).

José Eustáquio Romão *et al.* (2006), citando Rosa Maria Torres, afirmam que

> [...] no círculo de cultura desvelam-se as denúncias e revelam-se os anúncios. Portanto, é uma metodologia de diálogo prático, pois permite ao grupo dialogar, destacar o comum, discutir o incomum e confrontar sua experiência, seu sentir, seu pensar (ROMÃO *et al.* 2006, p. 185-186).

Complementam a declaração dizendo que “isso se dá mediado pelo diálogo fomentador da crítica reflexiva” (ROMÃO *et al.*, 2006, p. 186). Transformado em Círculo Epistemológico, ele se metamorfoseia “de uma metodologia de intervenção, em uma metodologia de pesquisa/intervenção” (2006, p. 186), registrando uma produção de conhecimento dos envolvidos naquele processo, que, em diálogo sobre seus mundos da vida e seus processos culturais, conseguem compreender esses movimentos, conseguem ressignificar, produzir um outro conhecimento que é o conhecimento partilhado, do processo de estar em círculo, em movimento, em diálogo.

A partir da prerrogativa de cumplicidade e acolhimento mútuo, partindo sempre da escuta atenta, respeitando a autonomia e a singularidade de cada uma das

pesquisandas[43], realizei, na localidade Paredão, quatro círculos epistemológicos *com* e *por* imagens.

3.3 DIÁLOGO VERBO-VISUAL *COM* E *POR* IMAGENS

Sempre prezando pela gentileza e estabelecendo pontos de contato, realizei os Círculos Epistemológicos a partir de um diálogo verbo-visual *com* e *por* imagens (SAMAIN, 2012b; DANTAS, 2021) e a construção de *foto*biografias (BRUNO, 2009, 2012). Emiliano Dantas (2021), a partir dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, propôs o Círculo Cultural em sua tese, intitulada *A imagem enquanto leitura e escrita do mundo: leveleve*[44] *e a ferida colonial em São Tomé,* defendida no ano de 2021, e, ao escrever sobre a experiência *com* e *por* imagens junto aos moradores de São Tomé, relatou:

> *Com* as imagens nos relacionamos, alguns falaram com elas, outros passavam as mãos, alguns andaram, outros, ao aproximá-las e ao afastá-las, iam percebendo o mundo. *Por* imagens nós seguimos os fios da vida, nos deparamos com o território tão reivindicado pelas injustiças imperialistas, com as questões humanas de poder, classe, opressão, gênero e tantas outras (DANTAS, 2021, p. 261).

Destarte, entendo a imagem não como objeto, representação do real, ilustração ou suporte/comprovação para o texto. Neste trabalho, pensei a imagem enquanto "fenômeno" (SAMAIN, 2012a; 2012b), um "acontecimento" (BRUNO, 2012), enquanto "leitura e escrita do mundo" (FREIRE, 1989; DANTAS, 2021), pois ela é *survivance* (DIDI-HUBERMAN, 2002) – termo traduzido para o português como *sobrevivência*. Seguindo os passos de Aby Warburg e Didi-Huberman, Etienne Samain (2012b, p. 33) pensa a imagem enquanto "uma vivência, melhor, uma sobrevivência e, mais: uma

---

[43] No decorrer da tese utilizo o termo *pesquisandas*, pois na perspectiva dos Círculos Epistemológicos todos são *pesquisandos* "que, uma vez que pesquisam, também são pesquisados/as; ou seja, os lugares de análise e de enunciação circulam no grupo. Tal posicionamento está baseado na premissa freiriana de que não há um/a que sabe mais do que outro/a; há, sim, saberes diferentes produzidos em contextos também diversos. Uma vez que os "pesquisandos/as" atuam ativamente no processo interpretativo – são, ao mesmo tempo, autores/as de sua própria história e da materialização das interpretações e das análises, portanto corresponsáveis pela pesquisa (ACCORSSI, CLASSEN, VEIGA JUNIOR, 2021, p. 05).

[44] Emiliano Dantas explica que *leveleve* é uma "categoria émica que ajuda a pensar como os santomenses se protegem da violência colonial [...]. Quando se pergunta em crioulo santomense 'como você vai?', a resposta que se segue é: *leveleve*. Toda ilha fala ou sabe bem o que isso significa. [...] O termo, no Dicionário Livre São Tomé, de 2013, significa: assim-assim, devagar, mais ou menos (DANTAS, 2021, p. 234).

supervivência que atravessa o tempo (histórico) e que se nutre de um tempo – passional, pulsional, patético, isto é, humano – anacrônico". Esse tempo anacrônico rompe com a ideia de linearidade, de cronologia do tempo, e transforma-se em um tempo múltiplo, heterogêneo. Samain (2012a; 2012b) disse que as imagens, inclusive, "pertencem à ordem das *coisas vivas*" e afirmou categoricamente:

> Se admitirmos, deste modo, que toda imagem pertence à grande família dos fenômenos, não poderemos mais equiparar uma imagem a uma bola de sinuca ou a um prego que a tábua engole quando, nela, o martelo bate. Sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante [...]. Ela é a eclosão de significações, num fluxo, amplo e contínuo, de pensamentos que sabe carregar. É por essa razão que a imagem pode-se tornar um clarão numa noite profunda, a aparição de uma espécie fantasmal esquecida, que, de repente, se desvela por um curto instante, se revela, nos lembra de outros tempos e de outras memórias (SAMAIN, 2012a, p. 158).

Ainda, entendo a imagem enquanto uma potência dialética e política, desvelando percepções cognitivas, sensoriais e afetivas. Como bem afirmou Didi-Huberman (2011, p. 119), "a imagem é um operador temporal de sobrevivências – portadora, a esse título, de uma potência política relativa a nosso passado como à nossa 'atualidade integral', logo, a nosso futuro".

Partindo das construções acerca do conceito de imagem, tanto para Etienne Samain quanto para Georges Didi-Huberman[45], os quais encontraram na teoria warburguiana[46] chaves para pensar o campo da imagem enquanto um lugar pulsante e que denota vida, busco apoio nos construtos teóricos desses autores para propor, nesta tese, a metodologia dos Círculos Epistemológicos *com* e *por* imagens.

O interesse de dar visibilidade às histórias de vida das mulheres da localidade Paredão vem de longa data, remontando a época em que trabalhei como professora na E.M.E.F Antenor Elias de Matos. Mesmo pulsante, por diversas razões, fugiu por

---

[45] Georges Didi-Huberman, um dos principais intérpretes da obra de Aby Warburg.

[46] Aby Warburg (1866 – 1929), filho de banqueiros judeus, abriu mão de sua herança ao irmão mais novo em troca do recebimento, por toda sua vida, de livros e subsídios para suas pesquisas. Fundou a *Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg* – Biblioteca Warburg para as Ciências da Cultura (KBW), em Hamburgo. Essa biblioteca, além de compor uma vasta gama de livros, transformou-se em seu laboratório de pesquisa. Aby Warburg morreu em 1929 e em 1933, com a ascensão do regime nazista ao poder, a KBW foi transferida para Londres, por Fritz Saxl, após tensas negociações com os nazistas. Metodologicamente, não só a organização e a disposição do acervo da biblioteca, mas a construção de um *Atlas de imagens*, denominado, posteriormente, de *Atlas Mnemosyne*, tem servido às/aos pesquisadoras/es como método de pesquisa.

entre os dedos algumas vezes. Fortaleceu-se quando conheci a tese de Fabiana Bruno (2009), *Fotobiografia: por uma metodologia da estética em antropologia*. Ganhou vida quando entendi genuinamente que

> A fotografia – sobretudo no horizonte de uma *Foto*biografia – nos interpela, ressuscita e deixa aflorar outros instantes de *nossa* própria existência. Por natureza, uma *Foto*biografia será sempre uma interrogação sobre a nossa. É por esta razão que nos cativa e, ao mesmo tempo, nos atormenta e nos questiona (BRUNO, 2009, p. 129).

Portanto, a composição de *foto*biografias, essa forma de pensar as histórias de vida das mulheres parceiras da pesquisa, procurou

> [...] mostrar, com particularidade, como as pessoas [...] constroem suas histórias, por meio de suas memórias, e a partir de um detalhe de uma imagem, revelando um certo tipo de registro de memória pessoal e familiar, que se concretiza sobre a forma de imagem e evoca as próprias imagens (BRUNO, 2009, p. 4).

Já como ferramenta de pesquisa, utilizei o diário de campo. As autoras Kroef, Gavillon e Ramm (2020) fazem uma descrição do diário de campo como ferramenta de pesquisa que visa a um detalhamento dos “procedimentos do estudo, do desenvolvimento das atividades realizadas e também de possíveis alterações realizadas ao longo do percurso da pesquisa, além de servir como uma narrativa textual das impressões do(a) pesquisador(a)” (KROEF; GAVILLON; RAMM, 2020, p. 466). No caso desta pesquisa, o diário de campo foi um espaço para anotações acerca de informações sobre as *pesquisandas*, registros sobre as percepções, sentimentos e curiosidades ocorridas em campo, além de um espaço com escritas realizadas a partir de fotografias tiradas na hora por mim com uma câmera de revelação instantânea. Assim, o retrato revelado foi fixado no diário de campo, e no vazio da folha frases foram registradas. Em casa, no verso de cada página, as palavras soltas começaram a tomar sentido em pequenos textos.

Tratarei, assim, na seção que segue, das reminiscências da pesquisa de campo, apresentando, nos intervalos, passagens escritas no diário de campo.

3.4 CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS *COM* E *POR* IMAGENS: ENTRE A PESQUISA CONTADA VERBO-VISUALMENTE E A DENÚNCIA ESCRITA EM VOZ ALTA NO DIÁRIO DE CAMPO

Notas do diário de campo

Às 6h do dia 15 de novembro de 2021, saímos da cidade de Piratini em direção ao Paredão.

Há 13 anos não vou lá.

No caminho, percebo que a paisagem mudou. É certo que as árvores foram violentamente arrancadas para dar espaço às plantações de soja, trigo, pastagens e criação de gado.

Já percorremos 55 km[47]*.*

Saímos da estrada de terra e andamos um curto trajeto na BR-392.

Visualizo a placa: "PAREDÃO".

Novamente estrada de chão.

O cheiro me faz lembrar a infância. É pinus.

Logo avisto uma serraria.

Seguimos.

Caminhões carregados com madeira passam por nós. Só deixam a poeira para trás.

As árvores de reflorestamento nos acompanham por todo o trajeto. Pelos dois lados da estrada, pinus, eucalipto e acácia disputam espaço.

Taperas.

Meu coração aperta.

(FURTADO, Diário de Campo, 15/11/2021).

[47] Para chegar até a localidade Paredão, dois trajetos são possíveis: passando pelo 3º Distrito, localidade Capela, são 80 km até a localidade Paredão; já pelo 4º Distrito do município, passando pela localidade Agrofil, são 100 km.

Com os nomes das pessoas com cadastro ativo no Programa Bolsa Família anotados em meu diário de campo, os quais totalizavam dezesseis *mulheres*[48], cheguei ao primeiro domicílio. Três horas se passaram desde o momento em que saí da cidade. Levei comigo duas pastas contendo fragmentos da pesquisa de campo realizada em 2008, na ocasião do mestrado. São fotografias e informações das moradoras e moradores do Paredão e da Costa do Bica. Esse material foi a credencial de apresentação, colocando-me em cena para a descrição da pesquisa que desenvolvia naquele momento. Durante a manhã, visitei sete residências, outras nove à tarde. Quatro mulheres não se encontravam em casa.

Esse primeiro contato foi individual, percorrendo casa a casa. Algumas famílias eu já conhecia, outras não. Receptivas como sempre, convidaram-me para entrar. A conversa acontece na rua, por estarmos, ainda, vivendo uma pandemia[49], e, ali, naquele momento permeado por curiosidade, nós, mulheres, introduzimos um primeiro diálogo. Para aquelas que haviam participado da pesquisa em 2008, entreguei as fotografias registradas por mim, à época, e pertencentes a suas famílias. Silêncio, saudade, nostalgia, lembranças, risos, houve até quem não se reconhecesse.

É nesse ambiente que apresento a pesquisa e faço o convite para que, em breve, nos encontremos em algum lugar com outras *mulheres*. Já na primeira morada encontrei respaldo para a continuidade: Dona Lorena[50] oferece sua casa para as reuniões. Organizamos de maneira que metade do número de *mulheres* se encontrasse pela manhã, na casa de Dona Lorena, e o outro grupo se juntasse no mesmo local, à tarde.

---

[48] O levantamento do cadastro das *beneficiárias* do Programa Bolsa Família residentes na localidade Paredão foi realizado na Secretaria de Assistência Social do município de Piratini/RS em fevereiro do ano de 2020. Os dados foram atualizados em agosto de 2021, quando já estava sendo pago o Auxílio Emergencial.

[49] Desde o início da pandemia até o dia do primeiro contato com as *pesquisandas* - 15 de novembro de 2021 -, foram registradas 611.384 mortes em decorrência da Covid 19. O estado do Rio Grande do Sul, naquela data, apresentava estabilidade na média de vítimas. Informações disponíveis em: https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/11/15/brasil-tem-media-movel-de-mortes-por-covid-abaixo-de-300-pelo-15o-dia-seguido-curva-aponta-estabilidade.ghtml. Acesso em 15 de nov. de 2021.

[50] No último encontro, 19 de março de 2023, apresentei no computador as *foto*biografias construídas no decorrer dos encontros. Constavam nomes fictícios naquelas histórias, antecipadamente escolhidos por nós. Ao apresentar o material às mulheres, questionei-as sobre a continuidade dos nomes fictícios ou se gostariam de utilizar o nome. Todas optaram pelo uso do nome conforme são chamadas, por exemplo, tia Alzira, Dilma e assim por diante.

Quatro semanas se passaram e, em 18 de dezembro de 2021, parto para realizar o que deveriam ser dois Círculos Epistemológicos na localidade. Contudo, ao chegar à casa de Dona Lorena, encontro todas as *mulheres* que afirmaram a participação na pesquisa à minha espera. Organizaram-se e optaram por estarem juntas as oito *mulheres* em um mesmo grupo.

Figura 02 – Fotografia do primeiro Círculo Epistemológico na localidade Paredão.
Autoria: Darlene Furtado, dez./2021.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Tendo em vista a situação epidemiológica daquele momento, mesmo as pessoas estando com as doses da vacina contra a Covid-19, entreguei máscaras descartáveis[51] e propus nos sentarmos à sombra de alguma árvore, em lugar aberto. Assim, li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido[52], deixando à vontade caso desistissem de participar, e solicitei a assinatura dele. Das oito *mulheres* presentes, quatro não sabiam assinar o nome; sendo assim, o Termo foi novamente lido e a autorização gravada em vídeo.

Naquele momento passei a fundamentar o propósito do Círculo Epistemológico. Na continuidade da apresentação, mostrei uma fotografia medindo 10x15cm,

[51] No primeiro Círculo Epistemológico, diante dos cuidados necessários à prevenção de Covid-19, distribuí máscaras a todas as pessoas que estavam no local. Ainda comentei sobre a importância dos cuidados necessários. Desse modo, registro que as pessoas (que aparecem sem máscara nas imagens) assim procederam por opção dos responsáveis.

[52] Também solicitei a permissão para gravação dos encontros em áudio, utilizando o celular.

impressa em folha de ofício A4, para que comentassem sobre aquela imagem. Utilizando-se de frases curtas, as *mulheres* passaram, então, a descrever[53] a cena. Tratava-se de uma foto capturada na minha infância, e a pessoa retratada era eu.

Entre as tantas lembranças que tenho daquele período retratado na foto, nos aniversários ou quando minha mãe, eventualmente, comprava uma roupa nova de um vendedor que chegava em seu fusca amarelo em nossa casa, um objeto sempre esteve presente: a câmera fotográfica. Mesmo assim, tenho poucas fotos, pois a inviabilidade de ir à cidade somada ao alto custo da revelação fazia com que todos os retratos fossem cuidadosamente pensados. Poderia acreditar que meu interesse por fotografias tenha se dado pelo acesso precário à tecnologia, mas prefiro entender que essa curiosidade por imagens, especialmente as fotográficas, deva-se, por perceber, assim como Didi-Huberman (2012), que,

> [...] a imagem não é um simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. É uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares – fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que, como arte da memória, não pode aglutinar (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 207).

Buscando rastros desse tempo que é anacrônico e heterogêneo, comecei a narrar fatos da minha história para aquelas mulheres. Morei até os dezessete anos de idade na zona rural, no município de Piratini, e até os nove anos em uma residência sem energia elétrica e água encanada, na localidade Agrofil. Naquele tempo, raramente íamos à cidade. Meu pai era pequeno agricultor, e minha mãe, além de trabalhar na lavoura, era responsável pelo cuidado da casa e dos filhos. Meus três irmãos, mais velhos do que eu, trabalhavam em madeireiras. Meu pai e minha mãe não tiveram a oportunidade de estudar, e meus irmãos estudaram somente até a 4ª série do Ensino Fundamental, pois cedo começaram

Figura 03 – Fotografia da pesquisadora quando criança.
Autoria: Desconhecida, s.d.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

[53] Alguns dos comentários aludidos acerca da imagem foram “que lugar é esse?”; “ai! que bonitinha, toda de vermelho”; “tem prantação de *pinho*” (sic.); “lá tava tudo seco”; “esse mato parece aqui”.

a trabalhar para auxiliar nas despesas da casa. No ano de 1997, já com quatorze anos de idade, residindo ainda na zona rural, mas dessa vez a 4 km de distância do perímetro urbano, ingressei no Ensino Médio – Magistério[54], em uma escola localizada no centro da cidade de Piratini. Fazia o trajeto de 8 km diariamente a pé, pois era inviável custear as passagens do ônibus, o qual, embora transportasse gratuitamente os alunos do Ensino Fundamental, requeria pagamento para que os do Ensino Médio pudessem usufruir do serviço. Quando eu tinha dezessete anos, nos mudamos para a cidade e tão logo comecei a trabalhar em malharias. Durante a Licenciatura em Pedagogia, fui aprovada em concurso público como professora e passei a trabalhar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antenor Elias de Matos – a 30 km da localidade Paredão. Assim, começou a minha história com as pessoas dessa localidade.

Tendo terminado a minha narrativa, convidei as *mulheres* também a exporem aspectos de suas trajetórias de vida. Um silêncio ruidoso se fez presente, mas logo foi quebrado pela voz de uma delas que, com poucas palavras, organizou a sua narrativa. Outras vozes se juntaram àquela. Algumas *mulheres* continuaram em silêncio. Aproveito esse momento, no texto, para apresentar algumas informações acerca das *mulheres*.

Tabela 05: Informações sobre as *mulheres* que participaram dos Círculos Epistemológicos, residentes na localidade Paredão, *beneficiárias* do Programa Bolsa Família (2021).

Tia Alzira	Tinha, à época, 65 anos de idade. Autodeclarada *indígena*, mãe de quatro filhos, morava sozinha na localidade Paredão, mesmo local em que nasceu. Tia Alzira não teve oportunidade de estudar, pois desde pequena enfrentou o trabalho pesado.
Dona Lorena	Autodeclarada *indígena*, nasceu na localidade Costa do Bica. Com 52 anos de idade, mãe de cinco filhos, residia com o marido, de 56 anos de idade, natural da localidade Paredão. O casal não sabia ler nem escrever. O marido de Dona Lorena migrava temporariamente para outras localidades, trabalhando, na época de safra, em outras cidades do estado do Rio Grande do Sul, como, por exemplo, Viamão, a aproximadamente 350 km da localidade Paredão.
Camila	Com 29 anos de idade, filha de Dona Lorena, autodeclarada *indígena*, morava com o marido e duas filhas de quatro e nove anos de idade. Estudou até à 5ª série do Ensino Fundamental. O marido de Camila, oriundo da zona urbana do município, também se inseriu no serviço temporário como safrista.

[54] Designado, atualmente, como Curso Normal.

Dilma	38 anos de idade, autodeclarada *indígena*, estudou até a 3ª série do Ensino Fundamental e é mãe de quatro filhos. Dois deles moravam com ela. Um com 10 anos, e outro com 11 anos de idade. Outros dois, com 18 anos e 14 anos de idade, não moravam mais com a mãe. Oriunda da localidade Costa do Bica.
Dona Eva	60 anos de idade, autodeclarada *indígena*, mãe de três filhos, morava com o marido, de 76 anos de idade. Dona Eva não frequentou a escola.
Liziane	21 anos de idade, autodeclarada *branca*, natural de Porto Alegre. Morava com o marido, de 27 anos de idade, e o filho, de 3 anos de idade.
Franciely	Com 22 anos de idade, autodeclarada *indígena* e mãe de uma menina de 1 ano de idade, Franciely estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Nasceu na Costa do Bica e à época da pesquisa morava na localidade Paredão com o marido e a filha. O marido, de 24 anos de idade, era safrista. A família se deslocava para outras cidades do estado na época da safra.
Dona Maria	37 anos de idade, mãe de três filhos, autodeclarada *indígena*, natural da localidade Costa do Bica, morava com o marido, de 48 anos de idade, safrista. Dona Maria não sabia ler nem escrever.

A tarde nos encontramos novamente e então dispus fotografias[55] em uma mesa, sugerindo que escolhessem uma delas. Cabe pontuar que mais de uma pessoa poderia escolher a mesma imagem[56]. Dantas (2021), nesse sentido, assim diz: “amplio a relação para as pessoas com o mundo, no momento que retiro as imagens e as coloco em círculo no grupo, soltas em cartões e espalhadas pela mesa, local onde se anda, possível de se aproximar e se afastar, em áreas amplas e pequenas” (DANTAS, 2021, p. 139).

As fotografias, com exceção da imagem do cartão do Programa Bolsa Família[57], foram capturadas na localidade do Paredão durante a pesquisa de campo, por ocasião do mestrado em 2008, e escolhidas por representarem, para mim, aspectos que levariam ao diálogo sobre a localidade; algumas, por sua vez, foram selecionadas por poderem remeter a discussões acerca das políticas públicas ou inexistência delas. Contudo, o material suscitaria outras leituras, pois em momento algum mencionei o parâmetro de seleção, apenas instiguei as *mulheres* a falarem o

[55] As fotografias foram impressas em tamanho 15x21cm, em folha A4.

[56] A pesquisa de campo desenvolvida na ocasião do doutorado por Emiliano Dantas (2021) foi, além de inspiradora, base teórica e metodológica para a proposição da investigação *com* e *por* imagens. Dantas (2021) buscou, em seu trabalho, “perceber como a imagem ativa os pontos de vista das pessoas nas roças de São Tomé (DANTAS, 2021, p. v).

[57] Imagem disponível em https://www.programabolsadafamilia.com.br/como-ativar-cartao-bolsa-familia/. Acesso em 12 de novembro de 2021.

motivo de terem escolhido a fotografia ou, ainda, o que sentiram ou o que pensaram ao observá-la, pois “não há imagem sem imaginação” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 208). A seguir, as fotografias escolhidas para o referido momento.

Figura 04 – Fotografias utilizadas no Círculo Epistemológico.
Autoria: Darlene Furtado, jan.- mar./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Muito mais do que palavras, as imagens reverberaram histórias, evocando outros tempos e tempos de agora. Samain (2012b, p. 154), nesse sentido, assevera que “efêmeras, fugazes, sempre de passagem, as imagens, tanto quanto as borboletas, não mudarão tão cedo. Permanecerão inquietantes, intrigantes e insistentes”. E elas tinham muito a dizer, as fotografias e as *mulheres*. As *mulheres* falavam não só sobre a imagem escolhida, mas também sobre aquelas escolhidas por outras *mulheres* e, assim, verbalizavam suas verdades, entendendo que “as verdades são relacionais – não relativas –, isto é, as verdades são representações histórico-sociais e parciais, dependendo, portanto, da perspectiva e do contexto de quem as enuncia” (ROMÃO *et al.* p. 5). As imagens a seguir são de Tia Alzira nesse processo de observação, organização do pensamento, escolha da imagem e narrativa.

Figura 05 – Fotografias dos processos de observação, escolha da imagem e narrativa.
Autoria: Darlene Furtado, dez./2021.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Decorrida aproximadamente uma hora desse momento, deixei sobre a mesa apenas as imagens que fomentaram narrativas e convidei as mulheres a disporem-nas na parede da casa de Dona Lorena. Esse processo de montagem, esse "ato de interrogar às imagens" (BRUNO, 2019, p. 200), de entender como as pessoas organizam as imagens, "como 'formam' – a imagem enquanto 'forma' – e como 'montam' – a problemática da 'montagem' – a sequência das imagens por elas escolhidas" (BRUNO, 2012, p. 92), por si só, carrega uma potência para o diálogo: selecionar, incluir, excluir, deixar de lado, revelar, agrupar, organizar, cruzar, reordenar, enfim, produzir sentido. Didi-Huberman (2015, p. 134) assevera que "o que constrói a montagem é um movimento, [...] o que torna visível a montagem – seja de maneira 'intermitente', logo, parcial – é um inconsciente". Portanto, assegurei às *mulheres* a organização e a disposição das imagens, continuando, desse modo, com a narrativa verbo-visual, distanciando-se da prerrogativa de uma narrativa linear e cronológica, construindo-a pelas aproximações, pelas características e pelo encontro.

Figura 06 – Fotografias da montagem.
Autoria: Darlene Furtado, dez./2021.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Analisar os intervalos entre imagens, bem como o processo de montagem e desmontagem, é tão ou mais importante do que a apresentação final, pois, dessa maneira, foi possível analisar as imagens enquanto *formas que pensam*. Etienne Samain (2012b) contribui com a referida discussão dizendo que

> [...] *independentemente* de nós – autores ou espectadores – toda imagem, ao *combinar nela* um conjunto de dados sígnicos (traços, cores, movimentos, vazios, relevos e outras tantas pontuações sensíveis e sensoriais), ou ao *associar-se com* outra(s) imagem(ns), seria uma 'forma que pensa' (SAMAIN, 2012b, p. 23).

Ao final do Círculo Epistemológico, fiz duas solicitações: primeiro, retomei minha história, a qual foi contada a partir de uma fotografia, e convidei-as para que, quando chegassem em casa, revisitassem suas próprias fotografias, fosse em álbuns, na câmera do celular, em quadros ou mesmo dispersas, para, então, no próximo encontro, rememorarem aspectos de suas biografias. Poderiam, inclusive, utilizar objetos, recortes de jornal ou as fotografias presenteadas por mim, na ocasião do primeiro encontro, enfim, elementos imagéticos que permitissem a composição de uma *foto*biografia. Lembra Etienne Samain (2012a), quanto ao pertinente debate em tela,

> As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. Precisam de nós para que sejam desdobrados seus segredos. As fotografias são memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas. É por essa razão, ainda, que as fotografias se acumulam como tesouros, dentro de pastas, de caixinhas, de armários, que elas se escondem dentro de uma carteira. Elas são nossos pequenos refúgios, os envelopes que guardam

> nossos segredos. As pequenas peles, as películas, de nossa existência. As fotografias são confidências, memórias, arquivos (SAMAIN, 2012a, p. 160).

A partir desse material, nos encontros que seguiram, montamos as *foto*biografias. É um modo de fazer que vai na contramão da pesquisa tradicional, aquela em que o pesquisador observa, extrai dados de uma determinada cena, testando hipóteses, para assim produzir uma escrita. Trata-se de uma pesquisa permeada por histórias de vida[58], não só daquelas *mulheres*, como da minha também.

Ainda, naquela tarde, entreguei câmeras digitais compactas às *mulheres*. Solicitei que fizessem registros fotográficos por alguns meses a partir da seguinte questão *suleadora*[59]: *como o Programa Bolsa Família impactou/impacta (ou não) o teu dia a dia?*

Assim, encerramos o encontro. Um dia carregado de afetos, emoções, risos largos e muita aprendizagem. Nas páginas que seguem, veremos as reminiscências do segundo Círculo Epistemológico.

---

[58] No decorrer dos encontros, montamos *foto*biografias de cada uma *pesquisandas*, as quais encontram-se no quarto capítulo desta tese.

[59] Conforme a pedagogia freiriana, o sulear contrapõe-se ao nortear. A segunda expressão (nortear) traz consigo as marcas de um processo colonizador em que o Norte é o horizonte a ser considerado como centro do debate. Diante do exposto, ao propor o sulear, Freire (2014) propõe um movimento de descolonização da linguagem e do pensamento, uma vez que o ponto de partida para as reflexões é o contexto concreto, histórico e cultural do sul.

Notas do diário de campo

Novembro de 2022. O dia está ensolarado,

porém frio.

Praticamente um ano se passou desde a última vez em que estive com elas.

E, sim! Eu estava grávida de 20 semanas.

Minha filha, que nasceu prematura, já fez 7 meses.

A estrada do Paredão está ali.

Paro o carro.

Sento-me em um barranco e fico escutando o som do lugar.

Sigo meu caminho.

Começo a contar os caminhões que passam por mim carregados de madeira.

Nove.

Fileiras... dezenas de fileiras com centenas, milhares de toras de madeira de acácia e eucalipto cortadas.

Exploração.

Por quanto tempo essas mulheres resistirão em suas terras?

Reticências.

(FURTADO, Diário de Campo, 06/11/2022).

No dia 06 de novembro de 2022, retornei à localidade do Paredão. Ao chegar na casa de Dona Lorena, contemplei as mulheres à minha espera. Dessa vez, eram sete. Uma delas tinha ido com o marido para Viamão, já estavam lá há 5 meses; ele estava trabalhando na plantação de arroz, e retornariam apenas no mês de dezembro.

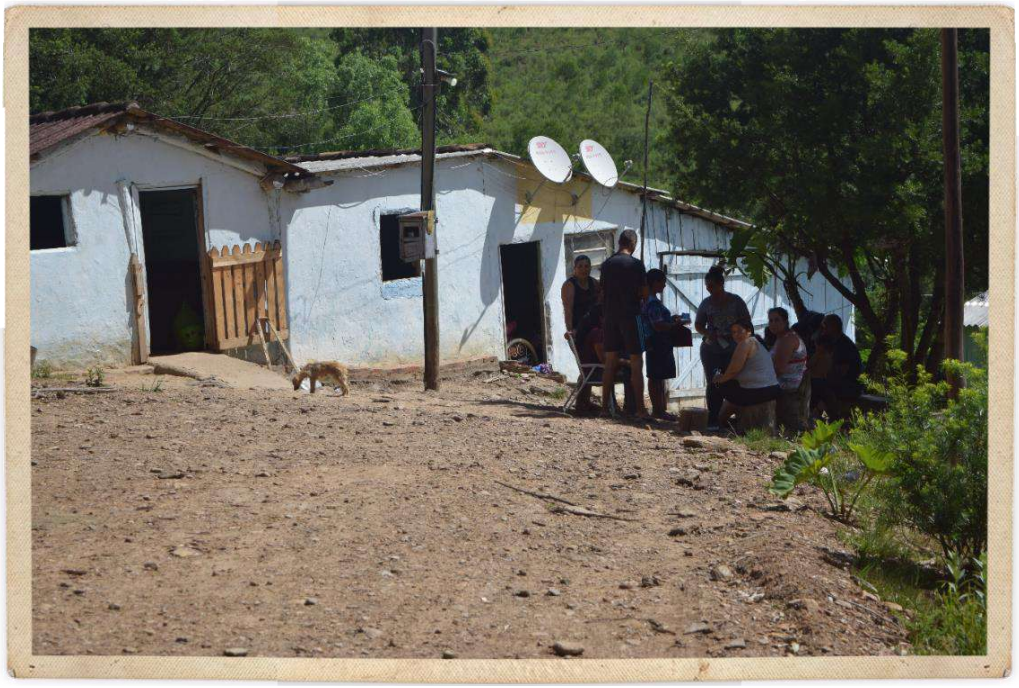


Figura 07 – Fotografia das mulheres aguardando para mais um Círculo Epistemológico.
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Comecei a conversa contando todo o enredo do longo período em que ficamos afastadas fisicamente. Durante esse tempo, mantive contato com uma delas, a qual já havia recolhido e entregue a mim os cartões das câmeras fotográficas[60], aquelas emprestadas às mulheres no encontro anterior para que registrassem, por três meses, os impactos percebidos a partir do recebimento do Programa Bolsa Família. Ali ficamos, então, proseando por um longo período.

Aproveitei a oportunidade para perguntar se haviam trazido as fotografias ou algo que as ajudasse a contar suas histórias de vida e, assim, começamos a evocar memórias, dando início à construção das *foto*biografias[61]. Assim como Bruno (2012), busquei “descobrir com elas, a partir de suas fotografias (visualidade) e de seus

[60] Das oito *mulheres* que estavam com as câmeras, seis haviam entregues antes do encontro acontecer (06/11/2022). Essas fotografias foram impressas por mim, sem tratamento digital. As impressões foram feitas em folha de ofício A4, tamanho 15x21cm. Nesse encontro, o segundo Círculo Epistemológico, outras duas entregaram o material.

[61] Fabiana Bruno compreende a *foto*biografia “como uma imagem-memória” (BRUNO, 2012, p. 91).

depoimentos (verbalidade), a memória[62] que guardam e traçam de sua própria existência" (BRUNO, 2012, p. 91). Fabiana Bruno (2012), em sua tese de doutorado, "sem desprezar o verbal, priorizou e deu confiança ao trabalho das imagens. Por serem carregadas de memórias, elas, as imagens, puderam, diferentemente do verbal, 'refletir' e 'pensar', 'redescobrir', e 'esquecer', a memória de pessoas [...]" (BRUNO, 2009, s. p.). Ainda citando a autora, a *foto*biografia

> [...] pensa a imagem [...] não como um mero objeto, mas como um 'acontecimento' – ora epifania, ora fenômeno no sentido etimológico das palavras –, um campo de forças que se cruzam e um *sistema* de relações que coloca em jogo diferentes instâncias enunciativas (o verbal), figurativas e perceptivas (o visual) (BRUNO, 2009, p. 75).

Dona Lorena selecionou duas fotografias, sendo uma delas a fotografia da família do marido, por representar um fato marcante que impactou também a sua vida. Dilma disponibilizou o arquivo de fotografias do celular, com aproximadamente dez imagens e, destas, separou três; também utilizou o envelope[63] contendo as fotografias presenteadas por mim na primeira visita. Tia Alzira levou um álbum de família. Dona Eva também levou o envelope com as fotografias de minha autoria. Camila disse que não conseguiria falar naquele momento e solicitou narrar a sua história por WhatsApp[64], encontros esses que aconteceram naquela mesma semana, e Liziane escolheu uma imagem para aquele momento.

Fotografei todas as imagens levadas por elas. Fizemos uma rodada de apresentações das fotografias. Assim como Didi-Hubermam, reverenciei aquelas imagens, entendendo que "cada vez que depomos nosso olhar sobre uma imagem, deveríamos pensar nas condições que impediram sua destruição, sua desaparição"

---

[62] Assim como Fabiana Bruno, "a memória, aqui, não será tratada do ponto vista conceitual histórico, nem pretendemos tratar das questões da neuroanatomia funcional. Interessa-nos sim o trabalho da recuperação de lembranças, a dinâmica da memória humana e a expressão da memória tanto na lembrança quanto no esquecimento" (BRUNO, 2009, p. 16).

[63] Importante mencionar que todas as fotografias capturadas por mim, tanto na pesquisa de campo por ocasião do mestrado, em 2008, quanto aquelas que compreenderam o período de 2021 e 2023, por ocasião do doutorado, foram entregues às *mulheres*. Portanto, para a construção das *foto*biografias, algumas dessas imagens foram escolhidas pelas *pesquisandas*.

[64] Franciely não levou fotografias para esse encontro, mas se sentiu convidada a participar e, no dia 17/01/2023, ela chegou ao encontro com quatro imagens para montar a sua *foto*biografia, mas solicitou que a narrativa fosse feita por WhatsApp e, assim, em fevereiro de 2023, procedemos com as trocas de mensagens. Na primeira oportunidade, mencionei que poderia pegar uma fotografia por vez e gravar um áudio falando sobre a imagem. Ela então disse, "Eu não consigo falar direito nos áudios, me atrapalho toda" (Franciely, WhatsApp, 12/01/2023) e a narrativa *foto*biográfica foi então escrita e na apresentação dessa *foto*biografia, os *emotions*, inclusive, foram conservados.

(DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 210). A partir dessas fotografias verneculares[65], foi possível às mulheres evocar memórias, construírem histórias, apresentando os seus *mundos da vida*, além de compartilhar a história da localidade, relacionando esses diferentes tempos-espaços de existência com as políticas públicas que se faziam (ou não) presentes naquele contexto.

Decorrido algum tempo, coloquei sobre a mesa papéis com excertos de frases[66], produzidas no Círculo Epistemológico do encontro anterior, relacionadas ao Programa Bolsa Família, as quais foram gravadas em áudio e degravadas por mim. À medida que íamos lendo as frases, com vagar, também refletíamos sobre elas. Após, convidei-as a fixar os papéis com os excertos escolhidos[67] por elas para discussão na parede da casa de Dona Lorena, potencializando as reflexões a partir das escolhas, montagem e desmontagem de trechos das narrativas coletadas ao longo dos encontros, como mostram as imagens a seguir.

---

[65] Para Riedl (2010, p. 17) fotografia vernacular é “uma fotografia anônima, geralmente íntima e sem pretensões artísticas”.

[66] Os excertos escolhidos para a discussão foram os seguintes (a representação dos excertos em texto segue a forma como foram ditos na oralidade): “quando foi pra fazê o cartão, eu passei muito trabalho”; “tinha quatro filhos e os quatro estudavam, era um mês pra um, um mês pra outro, pra podê dividí. Um calçado, um caderno... era assim”; “eu comprei carçado pras crianças”; “os homens trabalham quando tem safra, só quando tem safra mesmo”; “é coisa dada do governo, a gente não escolhe”; “300 pila pra gente í em Piratini. Se é uma pessoa solita paga 300 pila. Se é dois, 150 pra cada um. Esses dias eu fiz assim: nós fumo duas, 150 pila para cada uma”; “a gente vai ter que se ajuntar e fazer um abaixo-assinado, se não nós não vamos ter ônibus”; “posto de saúde mais perto”; “o Bolsa Família ajudou muito a criar meus filhos”; “é um dinheiro dado”; “tem que ir lá em Piratini fazer a pesagem”; “telefone é ruim pra pegar”; “direito de todo mundo recebê”; “quando eles vem da safra, eles ficam descansando”; “tem dias que a mulher cansa”; “diz que os homens são forte, as mulhê que são”; “poderosa” (CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS, dez./2021).

[67] Os excertos que compuseram a montagem foram: “os homens trabalham quando tem safra, só quando tem safra mesmo”; “diz que os homens são forte, as mulhê que são”; “tem dias que a mulher cansa”; “poderosa”; “o Bolsa Família ajudou muito a criar meus filhos”; “direito de todo mundo recebê”; “300 pila pra gente í em piratini. Se é uma pessoa solita paga 300 pila. Se é dois, 150 pra cada um. Esses dias eu fiz assim: nós fumo duas, 150 pila para cada uma”; “a gente vai ter que se ajuntar e fazer um abaixo-assinado, se não nós não vamos ter ônibus”; “posto de saúde mais perto”; “telefone é ruim pra pegar” (CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS, dez./2021-nov./2022).

Figura 08 – Fotografia dos excertos e das montagens.
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Após o almoço, sentamo-nos à sombra e entreguei a elas suas fotografias, as quais foram capturadas a partir da questão motivadora: como o Programa Bolsa Família impactou/impacta (ou não) o teu dia a dia? Esse material, um total de sessenta e seis (66) fotografias, apresento na página que segue:

Figura 09 – Fotografias capturadas pelas mulheres do Paredão a partir da questão "como o Programa Bolsa Família impactou/impacta (ou não) o teu dia a dia?"[68]
Autoria: *mulheres* do Paredão, beneficiárias do PBF, fev. – abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

[68] Aqui constam todas as imagens, inclusive dos cartões fotográficos entregues após o encontro desse dia.

Fizemos ali uma triagem, pois havia fotos repetidas e distribuímos as que restaram na mesa. Assim, solicitei que, individualmente, pegassem da mesa as fotos de sua autoria e comentassem.

Figura 10 – Fotografia da seleção das imagens.
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Após esse exercício, o qual foi permeado por muita descontração, reflexões e aprendizagens, as mulheres selecionaram uma ou duas fotografias, explicando as motivações da escolha. Essas imagens ocuparam a parede da casa de Dona Lorena a partir de uma nova montagem construída por nós. Ficamos imersas nessa atividade a tarde inteira.

Figura 11 – Fotografia da organização das imagens em um processo de montagem e desmontagem de painéis.
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Diversas experimentações foram feitas até chegarmos à montagem apresentada na Figura 11. Pacientemente, fomos construindo conhecimentos a partir das narrativas, das imagens e das montagens, estabelecendo relações *com* e *entre* imagens, de maneira que pudessem “entrar em diálogo” (SAMAIN, 2011, p. 36). E foi nesta perspectiva do diálogo, da conversa, em que ninguém se elevou à condição de querer ensinar, apagar ou excluir, que compartilhamos as condições existenciais de cada uma de nós e aprendemos uma com as outras.

Notas do diário de campo

A casa de Dona Lorena é a última de um corredor.
No começo dele, bem na curva, tem um cemitério.
Murta é o nome daquela estrada estreita.
Percorremos 4 km de carro em poucos minutos.
Se fôssemos a pé, seriam horas.
Talvez quinze famílias, ou mais, morem ali.
Naquela estrada de terra não entra [nunca entrou] ônibus de transporte de passageiros.
Mas não só ali.
Por meses a rota Paredão x Piratini e Piratini x Paredão ficou desativada.
Moradores isolados.
Mas, de tantos jeitos, de muitas formas,
não de hoje, muito menos de agora,
resistem.
Muitos, sem nunca ter escutado o som da palavra ***RESISTÊNCIA.***
Fizeram um abaixo-assinado.
E o ônibus começou novamente o trajeto, passando pela estrada principal do Paredão até a cidade de Piratini e vice-versa.
Os moradores daquele corredor e de tantos outros precisam caminhar até a estrada principal, se quiserem utilizar o ônibus, que passa uma vez por mês.
Apenas.

(FURTADO, Diário de Campo, 24/11/2022).

Ainda no mês de novembro de 2022 retornei à localidade. Dessa vez fui à casa de cada uma das participantes levando as *foto*biografias, o material verbo-visual que fomos construindo durante os encontros. Procedi a sua leitura e, naquele momento, passamos a excluir e incluir falas, possibilitando, assim, que rememorassem outros aspectos a partir das narrativas e, em especial, das fotografias. Nesse sentido, Fabiana Bruno (2009), ao comentar sobre sua pesquisa de campo, fez uma importante declaração: “sem jamais, renegar o verbal, demos prioridade às imagens na criação de outro modo de pensar e de realizar histórias de vida” (BRUNO, 2009, p. 117). Importante destacar que ela ainda asseverou que:

> [...] não tínhamos balizas críticas definidas e nenhuma ambição, senão as de não nos atrelarmos diretamente a um modelo de história de vida, nem de lançar mão ao puro acaso. Nosso horizonte primeiro consistiu em não definir de antemão nossa geografia, mas ao contrário, em deixar a geografia humana e seus interlocutores nos questionarem passo a passo. Não queríamos apenas traçar histórias de vida e sim pensá-las através de seus labirintos de signos, de figuras, de palavras, de silêncios, de contextos. Não queríamos nos fechar em sistemas sociológicos enclausurados em determinados parâmetros. Era necessário dar confiança às imagens na construção de histórias de vida. Isto significava, portanto, entender, com a contribuição de outros autores, em que medida a fotografia representa um excelente explosivo para fazer ressurgir lembranças (BRUNO, 2009, p. 144).

O que seria, portanto, montar uma *foto*biografia? Partindo do entendimento de Fabiana Bruno (2012), a *foto*biografia é:

> [...] esse esforço intenso de ordem arqueológica, essa tentativa de descobrir e, na medida do possível, desvendar, camada após camada, imagem após imagem – dentro, embaixo, em cima, nos arredores, nos entrecruzamentos de *figuras* de ordens múltiplas – traços e vestígios de emoções, sensibilidades, sentimentos, sempre, fragmentos da vida de uma pessoa ímpar (BRUNO, 2009, p. 80).

A história oficial foi construída no apagamento das (re)existências, das memórias, das narrativas e dos diversos povos originários da diáspora africana[69]. As *foto*biografias tiveram como objetivo socializar essas experiências, essas “violencias (re)encubiertas” (CUSICANQUI, 2010b) e os processos de (re)existências.

[69] A diáspora africana é o nome dado à imigração forçada de pessoas durante o tráfico transatlântico.

Notas do diário de campo

Na pesquisa de campo realizada na ocasião do mestrado, em 2008, fiquei nessa localidade por três meses. Montei acampamento em uma das salas da Escola Municipal Acelino Morales, em funcionamento na época.

Da frente da escola eu avistava o senhor Oli.

Meus olhos viram aquela imagem, repetidas vezes, emoldurada pelo marco de madeira.

Já era de costume, à tardinha, pegar meu chimarrão e ir prosear com ele, à sombra de uma figueira.

Hoje, janeiro de 2023, decorridos 15 anos, voltei àquela residência.

Encontrei o filho.

A árvore e a casa ainda estavam ali, mostrando as rugas do tempo.

Senhor Oli, não.

Covid.

(FURTADO, Diário de Campo, 17/01/2023).

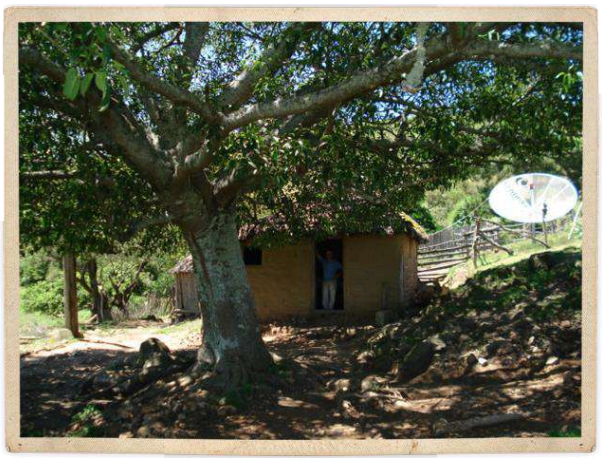


Figura 12 – Fotografia do Sr. Ari, emoldurado pelo marco da porta, em sua residência, no ano de 2008.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2008.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

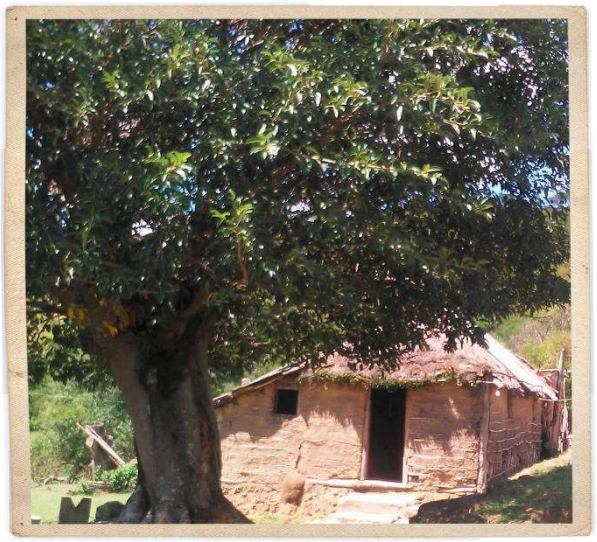


Figura 13 – Fotografia da residência, no ano de 2023.
Autoria: Darlene Furtado, jan./2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

No dia 17 de janeiro de 2023, pela manhã, voltei às casas das mulheres levando o material das *foto*biografias. Novamente houve leitura, inclusão e exclusão de informações acerca da biografia delas. À tarde, na casa de Dona Lorena, nos reunimos, e ali propus mais um Círculo Epistemológico, talvez o último. Dessa vez, as imagens levadas por mim e espalhadas sobre a mesa refletiam sobre aquilo que me impactou na localidade, especialmente sobre a violenta exploração de madeireiras. As imagens selecionadas são as que seguem:

Figura 14 – Fotografias capturadas na localidade Paredão entre os anos de 2021 e 2023 e trabalhadas no Círculo Epistemológico.
Autoria: Darlene Furtado, 2021/2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A pensadora Silvia Rivera Cusicanqui, na apresentação do livro *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*, assevera que

> As imagens têm o poder de construir uma narrativa crítica, capaz de desmascarar as diferentes formas de colonialismo contemporâneo. São as imagens mais do que as palavras, no contexto de uma evolução histórica que hierarquizou o textual em detrimento das culturas visuais, que permitem

> captar os significados bloqueados e esquecidos pela língua oficial[70] (RIVERA CUSICANQUI, 2010a, p. 5, tradução minha).

Se eu pudesse escolher uma palavra para esse encontro, ela seria *impactante*. Saímos dele caladas, e, pelo menos eu, levei algum tempo assimilando as imagens e as narrativas. Ao observarem as fotografias, começaram a ver aquilo que o olhar já estava acostumado a enxergar e, assim, pensar enquanto algo natural.

Após esse momento, retomamos algumas falas que reverberaram dos encontros anteriores acerca do Programa Bolsa Família. Posteriormente, entreguei fotografias de cada uma delas, previamente escolhidas por mim. Assim, cada uma de nós com a fotografia de si (inclusive eu com a minha foto) olhou para a sua própria imagem e refletimos juntas sobre quem eram aquelas *mulheres* que víamos registradas. Assim, finalizamos mais um Círculo Epistemológico, eu absorvida pelas ideias de Romão *et al.* (2006), que argumentam que a pesquisa qualitativa tem "na relação social, a razão de sua existência e a força da produção dos seus resultados".

Nesse instante, faz-se necessário recuperar a problematização desta tese: *como as mulheres, beneficiárias do Programa Bolsa Família e residentes na localidade Paredão (Piratini/RS), percebem a presença do Programa Bolsa Família?* A partir dessa problematização cabe-me assegurar que houve um compromisso firmado muito antes da proposição do anteprojeto para concorrer a uma vaga no Curso de Pós-Graduação em nível de Doutorado, o compromisso de estar em sintonia, produzindo conhecimento *com* as pessoas. Assim, escolhi enquanto metodologia os Círculos Epistemológicos *com* e *por* imagens e a construção de *foto*biografias. É com esse entendimento que escutamos as palavras das *mulheres* do Paredão, reafirmando que são elas, sujeito, quem descreve, quem narra, autoras e autoridade da sua própria realidade (KILOMBA, 2019, p. 238).

Vale ressaltar que com as fotografias e narrativas busquei trabalhar "conjuntamente – imagens e textos -, oferecendo uma representação estética/poética[71] [...] de uma trajetória existencial" (BRUNO, 2012, p. 105) e, com

---

[70] "Las imágenes tienen la fuerza de construir una narrativa crítica, capaz de desenmascarar las distintas formas del colonialismo contemporáneo. Son las imágenes más que las palabras, en el contexto de un devenir histórico que jerarquizó lo textual en detrimento de las culturas visuales, las que permiten captar los sentidos bloqueados y olvidados por la lengua oficial" (RIVERA CUSICANQUI, 2010a, p. 5).

[71] A profissional Caelen Vargas desenvolveu o design gráfico das *foto*biografias apresentadas nessa tese.

esse material na tela do computador, no dia 19 de março 2023, retornei ao Paredão, apresentando o resultado a cada uma das autoras[72].

É com Lorena Cabnal que encerrarei esse diálogo, fazendo um convite para que sintam as palavras das autoras das *foto*biografias, pois "sentir a palavra é um ato de descolonização da racionalidade [...]. Somos corpos sentipensantes" (CABNAL, compilado por KOROL, 2021, p. 02), e, assim sendo, sintam as palavras dessas mulheres, escutem as palavras delas, sentindo-as. Só sintam a palavra, que não é de delas na individualidade, mas vem de vários corpos de mulheres indignadas, com quem teço essa proposta (CABNAL, compilado por KOROL, 2021). Sem demora, o capítulo[73] que segue são as *foto*biografias das pesquisandas, totalizando sete[74]. Esses "*arranjos visuais"* (BRUNO, 2012) foram construídos com palavras fortes, frases intensas, feridas abertas, que merecem ser lidas com vagar, atenção e cuidado.

---

[72] Importante observar que a leitura das *foto*biografias para as autoras foi realizada conforme a degravação das falas. Ao final, mostrei que havia mantido a forma oralizada na escrita e interroguei se poderia manter assim, havendo o aceno positivo de todas. Também questionei sobre a utilização do nome fictício, conforme constava no material ou a utilização de seu próprio nome para a apresentação das *foto*biografias. Elas optaram pela utilização da forma como são chamadas, por exemplo, Tia Alzira, Dona Eva etc. Também importante registrar que a fotografia da capa de cada uma das *foto*biografias também foi escolha das autoras, as *mulheres* do Paredão.

[73] Por uma escolha estética, as páginas que compõem as *foto*biografias das pesquisandas não estão numeradas sequencialmente. Importante também registrar que, na contabilização das páginas da tese, essas laudas integram o corpus quantitativo do texto.

[74] Ao ler e apresentar a *foto*biografia de Dona Maria, no dia 19 de março de 2023, percebi o quanto essa *mulher* ficou emocionada. Indiquei que aquele material era dela e, assim sendo, ela poderia escolher mostrá-lo ou não a outras pessoas. E, assim, decidiu pela não-publicação.

Fotobiografia:

Tia Alzira

Nasci aqui e me criei aqui.

Eu me criei ali,

do lado de lá da estrada.

A vida era tão bonita, tão bonita, tão bonita,
quando a gente era pequena.
Meu Deus!
Era tanta criança, tanta criança,
tudo junto, tudo brincando.
Bah! Como era bonito.

Tinha uma ladeira ali,

que nós se rolava da beira da estrada até lá na beira da casa.

Nós tudo se criemo capinando feijão, milho.
Meu pai plantava muito.

Como a gente era feliz quando era pequena

até uma certa idade.

E a gente muitas vezes nem tinha o que cumê.

A gente se alimentava com rapadura,
com farinha de mandioca com açúcar.

A gente trabalhava na mina.

Eu me criei na mina, desde pequenininha

eu ia de
C O M P A N H A
d o m e u p a i
p r a m i n a .

Chegava lá na mina, era uma pedra de gelo
e a gente nem achava difícil aquilo.

Era chuva, era tudo, e a gente tava trabalhando,
tirando minério pra comprá rapadura.

Eu fui uma guria que desde pequeninha
trabalhei pra me sustentá,

trabalhava nas casa pra tê o que cumê,

porque a gente era uma turma muito grande

e eu trabalhava nas casa pra me sustentá,
pra me vestir.

Me levavam de COMPANHA.

Como era muita criança a mãe me dava eu,
pediam eu e a mãe me dava.

Diziam que era de COMPANHA.

Chegava lá e tinha que enchê uns
taião d'água todos os dias.
Aquelas taia de barro.
Carregá torta aqueles balde e enchê a taia.

Aqui sô eu.

Era criança,
Ia de COMPANHA,
mas chegava lá, tinha que trabalhá,

buscá ovelha no campo,
de pezinho no chão,
e os pé duro de frio,
ia buscá vaca pra tirá leite de manhã.

Saí de lá, nem um vestido velho não ganhei.
Nem um chinelinho de dedo.
A gente era pobre, só pra tê o que cumê.

Então, não estudei por isso, porque me criei
trabalhando nas casa de família,
ficava de COMPANHA.

Eu era tão bonitinha, bem redondinha.

Com 12 anos já fui pra Arroio Grande pra trabalhá,
pequena,
e por ali já fui pra Pelotas.

Fui pra casa de família.

Fazia comida,

limpava a casa.

Essa foto
eu tirei em
Arroio Grande.

O dia do meu casamento foi muito lindo,
foi inesquecível.

Meu pai capinando lá na chácara do meu
padrinho e aí foi o João, meu irmão, que já
é falecido, foi lá dizê pra ele que o noivo
tinha vindo pra casá.
Aí o pai disse: mas então tenho que deixá isso aqui tudo!

E já tratou um porco lá, um leitão pra assá.
Foi bem ligero, porque o noivo morava em
Santa Vitória

Ele era daqui,

mas trabalhava pra lá
e veio pra cá.

meu casamento.

Aqui tá

A festa foi ali debaixo daquela figueira.
Aquilo era cheinho de gente.

Aqui os noivo com os pai.

Meu pai comprô uma ropa bonita,
rosa,
uma brusa rosa,
de gola afogada, com botão.

Era só o bolo e o refri,
e aquilo era uma vida,
era uma alegria.

E carne assada,
batata assada naqueles forno de rua.

O bolo era grande.
O que eu pedi foi um bolo bem grande.

O bolo nós fumo buscá em quatro pessoa, a pé.
Truxemo o bolo, como que eu vou dizê?
Lá perto do Chapadão.

Entrava por uma fazenda, assim,
ia estrada afora e lá em cima,
minha madrinha morava lá e fez o bolo pra mim.
Levamo uma manhã pra chega, entre quatro,
agarrando o bolo.

A gente era pobre,
então eu só sonhava com o bolo.

E quando nós fumo encontrá o noivo lá no
cerro, a minha cunhada já vinha com aquela
caixa com o vestido. Era alugado.

Vê aí, tudo de chinelinho de dedo.
Um casamento bem pobrezinho.
Tudo trabalhando, assim,
e olha que foi um festão,
um festão que vocês nem acreditam.

Meu pai tocando gaita,
e tudo bebendo e farreando.
Deu uma festa tão bonita,
tão bonita.

Daqui não vieram porque não gostavam de ...

acharam que eu não podia casá com ele,

porque ele era de família,

diziam eles,

que era negro,

porque o pai dele era índio.

Pois eu também, sou o quê?

Mas isso aí não importava.

Meu pai sempre dizia que nós tinha
sangue de índio.

Eles falavam que mais antes eu morrer,
m e m a t a r ,
o tempo que eu fosse me casar com ele.

Eles diziam "bugre", eu não sei por quê.

Porque ele era moreno.
Eu digo "moreno",

mas eles não chamavam moreno.

Fomos pra Guaíba.
Ele era um plantador de reflorestamento.
Depois moremo em Portão.
Tive 20 anos em Portão.

Sentia saudade.

Cada vez que eu vinha aqui era um festão.
Aqui não tinha fogão a gás, não tinha nada.
Eu vinha com uns bardi de rapadura feita em
casa, bolo, tudo que não podia fazê aqui e eu
podia fazê pra tazê pra eles, eu fazia.

Meu marido dizia:
o burro de carga já vai.

E lá vinha eu, feliz da vida. Era minhas irmã
tudo, enchia a casa da mãe, porque eu trazia
bastante coisa boa. O que eles não tinha eu
fazia lá e trazia.

Eu sempre fui AQUI mais feliz, com tudo isso,
com tudo eu tê passado, **eu era mais feliz aqui.**

E lá a gente foi pra trabalhá, né?

Fui chorando pra lá.

Aluguemo uma casa em Canguçu, não paremo.
Arrumemo outra em Piratini.
Meu gurizinho vinha de bicicleta pra cá.
Depois meus guri vieram embora pra morá com a minha mãe e eu vim também.
E não saí mais e nem saio.

Só que meu casamento durô poco.

Poco, assim, uns 20 ano.

Passei trabalho.

Eu não era nada pra ele.

Agora me aposentei.
Já tô com 68, fiz dia 15 de outubro.
Demorô por falta de terra, não tinha terra.
Nós tinha, mas tinha que ter o documento, o registro.

Eu tenho cabrito, tenho um inço aí, tenho umas ovelhinhas, eu não tenho mais ovelha, porque os cachorros chegaram a matá trinta ovelha de uma vez.
Em três anos os cachorro limparam minhas ovelhas.

E eu vô dizê,
o que me ajudô muito foi o cartão do **Bolsa Família**, porque eu não era aposentada.

Me ajudô nas minhas despesas,
nas minhas compra,
em tudo.
Comprá comida pra mim e pro meus bicho.

Uma lembrança boa é quando eu tinha minha mãe,
meus pai vivo,
era a coisa mais linda do mundo.

Quando eu vinha lá naquela esquina,

E ela sentadinha debaixo
daquela figueira ia correndo
até lá em cima me encontrá,
com a cuia na mão.

Aquilo ali vai ficar na
minha lembrança pra sempre.

dobrando lá eu já gritava a mãe:
"M Ã E E E E E!"

Aqui é minha mãe.

Esse era meu pai,
com a guria mai moça que ele tinha.

Meu pai e minha mãe ali,
que coisa linda!
Que lembrança maravilhosa!

Essa era a nossa casinha nova.

A nossa casa era aqui.
Tinha a sala com uns banco bem grande
assim, um banco em cada parede.
Tinha o quarto dos velho.
Depois tinha o quarto nosso,
as guria durmia tudo amontoadinha.

Aqui é nossa morada.

Todo mundo se quexa de fome,
eu nunca sube o que foi fome.
Não sube não sei porquê.

Não me quexo daquele tempo,
não me quexo
porque não tinha nada, nada
e era feliz.

Eu era tão feliz com meus pai,
com minha gente tudo.

Aqui é minha gente,
meus pai e meus irmão.
Aqui é meu pai,
minha irmãzinha mai moça,
minha mãe,
minha irmã mai velha
meu sobrinho,
meu irmão, minha irmã e eu.

Não me quexo daquele tempo,
não me quexo
porque não tinha nada, nada
e era feliz.

Eu era tão feliz com meus pai,
com minha gente tudo.

Fotobiografia:

Dona Lorena

Eu morava no Bica.

A gente ajudava os pai da gente.
Era no cercado, capinando, carregando
lenha, nós usava o fogão a lenha.

Picava a lenha e colocava pra dentro de casa.

A água, nós carregava a água assim, nos bardi,
da cacimba, que era longe, pra nós pude usá.

Aí eu casei e vim pra cá.

Eu era bem novinha quando vim pra cá.
Meu marido trabalhava em Viamão, descascando madera.

Desde novinho,
sempre trabalhô.

Uma das ida pra Viamão, o pai dele morreu.
Foi ele, o pai e o outro irmão,
que tinha dez ano pra trabalha em Viamão.
Ele tinha 15 ano, já trabalhava pra lá.

Aí, quando desceram do ônibus, o pai dele foi
atravessá a faixa e uma caçamba pegô.
Deu um desespero nele.

Só ele e o irmão ali
e o pai dele naquele estado.
Ele fico muito tempo era vômito,
dor de barriga. Uma depressão.

Por isso que ele é assim, nervoso.

Aí ele ficô pra lá trabalhando,
depois ele veio e buscô a mãe dele pra levá pra lá.

E a mãe dele foi junto morá pra lá, com uma das
irmãzinha dele, pequena.
Depois eles viero embora pra morada deles devorta.

E aí eu casei com ele e até a urtima hora nós cuidemo da mãe dele.
A mãe dele morreu há pouco, com oitenta e sete ano.

Eu tenho uma foto. É essa aqui.

O meu sogro é esse de casaco preto.
Essa foto é uma das última dele vivo.
Aquela que tá no costado do meu sogro é a
Dona Gasparina, que é a minha sogra.
Ela tava com a filha no colo.
Aquela de branco era a mãe da minha sogra,
a Dona Esperança. Depois a irmã do meu marido.
O meu marido é esse de camisa azul e os outro são os
irmão dele também. Esse que tá na ponta, tava junto
quando o pai deles morreu. Tinha 10 ano.

Aqui os homens trabalha quando tem safra,
só quando tem safra mesmo.

Lori [marido] tá desde junho pra lá. Viamão.
Volta agora no Natal e depois vai em
março de novo, na colheita.
E nós aí, com as criança.
Sozinha.

Aqui o difícil é negócio assim, uma doença,
é tudo difícil, tem que tá chamando carro,

**tem que saí do bolso o dinheiro
pra gente í consultá.**

E aí é muito difícil.

E agora esse problema de não ter o ônibus para nós viajá.

É um sacrifício para a gente í na cidade.

A gente depende do ônibus pra í na cidade.

Pagá um carro não tem condições.

Mas de mais é muito bom Paredão,
eu gosto daqui, gosto mesmo.

Sô bem feliz de estar aqui,
porque é gostoso de estar aqui.

É um lugar muito bom.

É uma irmandade,
tudo são irmão.

Fotobiografia:

Dona Dilma

Eu não gosto

de contá,

por causa que

a gente tem o

p a s s a d o

m e i o

d i f í c i l .

Eu morava lá na Costa do Bica.

Logo no início, assim, era bem ruim,
eu pra mim achava bem ruim, por causa que
já tinha o problema de í pra escola,
tinha que í de a pé, às vezes com chuva,
tinha que enfrentar chuva e tudo pra í, era uma dificuldade pra í.

Eu era meia rebelde pra estudá.

Até uma certa idade, eu era pequena mesmo,
eu aprendi trabalhando lá na casa da L.

Eu cuidava as criança pequena,
lavava ropa,
fazia a janta,
ajudava a cuidar das crianças,
mudar e tudo,

depois eu ia para escola,
chegava de noite e ajudava
a fazer janta de novo.

Depois eu fui, com o tempo, pro Cancelão
cuidar a minha sobrinha,
que a minha irmã trabalhava.

Eu aprendi assim,
principalmente nas casa dos outros.

Porque em casa eu não fazia, tinha muita mordomia, né? Era a mãe e o pai que faziam as coisas, mas na horta eu ajudava a capiná. Capinança de manhã cedo, eu tinha que capiná antes de sair pra a escola.

Eu era pequena.

Quando fiquei grávida dimudô muita coisa.
Aí já tive que pará de estudá.

Aí vim morá aqui, que é aquela foto que tu me deu.

Não tinha luz, água encanada,

tinha o arroio que a gente tomava banho,

lavava ropa e tudo.

O banheiro nosso era no mato.

Telefone eu fui conhecê depois de velha.

Tudo depende da luz, né?

A gente pode comprá uma geladerinha,
a gente, sei lá, pode tê alguma outra coisa a mais.

E sem a luz, tu tem que busca água no arroio
ou na cacimba no purso mesmo, passando trabalho,
lavando de canequinha.

Banho mesmo tem que sê no arroio.
Só essa decida daqui ali na cacimba,
depende o galão de água, chega aqui morta de cansada.

Depois que veio a luz começo a dimudá muito.
A água veio depois que veio a luz pra nós.
Ai nós encanemo água, pra podê puxá com a bomba.

Ai quando farta luz, nós fiquemos sem água.
Nós já fiquemo uns quantos dias sem água encanada.
O Bolsa Família me ajuda a pagá as conta da luz,
compra um carçado pras criança.

Olha essa foto aqui dos dois pequeno.

A guria tem quinze,
casô
com quatorze.

Tem uma filha
de um ano.

Esse guri aqui
é o mais velho,
já tem dezenove.

As coisa que a gente tem agora não tinha antes, né?
Até coisa pra cumê, coisa assim.

Antigamente tinha umas penelinha que tinha um pezinho,
assim, faziam fogo no chão, assim, faziam aquela broa
batida com torresmo, assava ali.

Todo mundo comia e gostava.
Faziam um pão de farinha de milho, todo mundo gostava.

Agora, hoje em dia,
ninguém come uma canjica,
ninguém come qualquera comida.

Se fosse no meu tempo
a gente tinha que cumê.

Depois me mudei pra cá.

Essa aí sô eu. Muita diferença, né?

Olha, se eu vô te contá, tem muita coisa.
Tem dias feliz, tem dias triste,
tem momentos que a gente passa bem, tranquili.
Tem outros que a gente passa, como diz, né?

Eu digo, assim,

não é por a gente sê pobre,

mas eu queria tê mais um pouquinho.

Principalmente alguma coisa que eu pudesse tê e
adquiri, eu não queria pra mim, por que a gente,
hoje em dia, a gente não sabe o dia de amanhã,
mas principalmente alguma coisa,
principalmente pra mim deixá pros meus filho.

Alguma coisa que eu pudesse ajudá eles.

Tenho quatro filho,
mas só dois mora
aqui comigo.
Esses dois aqui.

Quero vê se compro um telefone pra eles,
quero vê se compro uma internet.
Pra muitos não é grande coisa, mas pra mim é.

É minha vontade.

Comprá um guarda-roupa pra eles, pra colocá as coisa deles.
E como diz o ditado, comprá alguma coisa que eles vão valorizá enquanto são pequenos.

Essa foto é do meu filho ali no rio.
O quê que ele tava pensando ou passando pela cabeça?
Aí que é minha pergunta.

Eles são lindos!
São arteiro? São! Não nego.
São intiquento um com outro? São!
Me arrenego com eles? Me arrenego! Com certeza!

Mas pra mim eles são importante.

É uma companha, é um amigo, uns companheiro
que a gente tem em casa, é uns afeto quando a
gente precisa desabafá, pra conversá...

Eu já
passei
muito
trabalho.

Fotobiografia:

Dona Eva

Eu vô contá.
Eu me criei com meus pais, junto.
Nasci, me criei com eles.

Na Costa do Bica.

Eu posso dizê: nós não tinha nada.
Era só a nossa plantaçãozinha,
capinada de enxada de mão.

Nossa casa era uma casinha de barro e Santa Fé.

A cozinha era fogo no chão,
com as panela no gancho, pendurada.
E quando tinha o que cumê,
tem mais essa, que **comia quando tinha**.

É! Nós fumo criado na lavora, desde pequeno.
Nosso pai ia pra lavora e nós ia junto com eles.
Era milho, era abóbora, batata,
mandioca, era de tudo.

Nós não tinha nada.

Era fome e as panela pendurada no gancho.

Carçado nós não tinha pra botá.
O nosso carçado era um cartucho de palha de milho
que nós lavava os pé e carçava
pra podê dormí de noite.

Se não, não tinha.

Tirava a espiga do milho
e a palha nós fazia um carçado
pra carçá de tarde
e podê dormi de noite.

Se não, nós não tinha nada.

Nossos pai eram pobre, era só o que nós tinha.

E as veis,

sem mentira nenhuma,

nós só tinha arguma coisinha pra cumê era no armoço.

De manhã não tinha café,
na tarde não tinha nada.
Porque nós era pobre, não tinha nada.

Ai depois sim, aí foi indo.
Já entrou a prantá mais,
aí já tinha mais umas coisas,
era batata, era mandioca, era milho, amendoim,
engordava porco.
Aí já foi adiantando mais as coisa pra gente.

Aí depois eu **casei.**
Aí tinha as coisas, prá cumê eu tinha, graças a Deus.

Aqui,
quando nós viemos pra cá,

nós moremo numa casinha de barro que era ali.

Ai depois que nós vendemos o campo que era dos meus pai,
aí nós fizemos esta casa aqui.

Água numa subida, carregá de bardi.
Que era uma subida incrível,
nós passava trabalho,
tinha que lavá roupa lá embaixo.

Ai depois que foi melhorando as coisas,
aí deu pra comprá uma bomba e encanemo a água.
Agora não dependemo mais de carregá de bardi.

Depois eu fiz a minha borsa família também, né?
Aí quando chegou o dinheiro,
eu tinha e os guri tinham também.

Agora eu me aposentei, graças a Deus.
Agora eu tenho o meu dinheirinho,
posso gastá,
eu posso fazê o que eu quisé.

Eu tenho agora.
Agora eu tenho.

E agora que eu tenho o meu netinho, bah!
Depois que meu neto nasceu é uma alegria.

Eles vão vim embora pra cá.

Eles tem que trabalhá, né?

Eles tão lá em Viamão,

nas granjas de arroz

Gosto de morá aqui
e vô morá até quando Deus quisé.

Meu filho também vai vortá pra mora aqui,

vai fazê casa.

Minha nora também qué vortá.

O meu filho mais novo mora em Piratini.
A guria em Canguçu.
Ela tem um baita estudo, cada vez estuda mais.
E o outro guri mora lá em Viamão também.
Lá mora dois.

Tô sempre prantando, de tudo um bocadinho nós
prantemo aqui. Crio minhas
galinhas. A minha criação é grande.

Com a minha **Bolsa Família**,
essa aí, graças a Deus, fiz muita coisa.
Serviu pra mim e pro meus guri
comprá ropa e carçado pra eles í pro colégio.

Serviu!

Essa tela eu comprei tudo
com o dinheiro do Bolsa Família
e aí eu fiz esse espaço pra criá galinha.

Comprei telha pra fazê galpão pras ovelha,
arame pra tapá o campo.
Tudo com dinheiro da Bolsa Família.

Por isso eu digo, dinheiro da Bolsa Família,

bah,

me serviu muito, tanto eu quanto pros meus filho.

Aí depois eu me aposentei.

Passei trabalho quando era pequena.

Agora eu moro aqui.

Sô feliz, gosto muito do Paredão.

Fotobiografia:

Camila

Eu nasci aqui.
A infância foi muito boa,
brinquemo, fizemo bagunça.

Com o tempo casei.
Fui embora,
não deu certo e resolvi voltá pra morada véia.

A morada aqui é muito boa, não tem como í embora.
Eu estudei até a quinta.
Casei muito nova. Com dezesseis.

Mas eu escolhi essa foto,

Da minha vó,

porque praticamente a vó
foi a nossa segunda mãe,
de todos nós.

Ela era uma pessoa
muito querida.

Eu me alembro que ela falava que no tempo dela
eles lavavam roupa na sanga,
na sanguinha que tem aqui perto de casa.

Que levava os mais grandinho com ela pro arroio
e tinha uns que era de colo.

Que ela estendia um lençol no chão
pra eles dormirem pra ela lavá as roupinhas deles,
porque naquele tempo não tinha água encanada, nem nada,
dependia de carregá água de balde,
lavá roupa na sanga,
tomá banho na sanga.

Naquela época não tinha luz,
aí ela fazia uns bichinho, uns passarinhos,
ela fazia com as mãos contra luz
e aparecia aqueles desenhos na parede.
A gente adorava.

Ela foi uma pessoa muito especial nas nossas vidas.
Foi a mesma coisa que uma mãe, ajudou a criar a gente.

Era brincalhona, gostava de agradar as pessoas.
Adorava o fogão a lenha sempre aceso,
sempre com a chaleira no fogo.

Ela sempre dizia:

a chaleira tando quente, chega uma pessoa tem água pra oferecê um chimarrão.

Aqui, com o chimarrãozinho dela.

Ela fazia canjica no pilão.

Dia de chuva, ela colocava aquele pilão na cozinha e fazia canjica de milho pra nós.

Bom, e eu puxei muito ela.
Sou uma pessoa que gosto de brincá com as pessoas, sou alegre, amo minha família e sou grata por ter eles na minha vida.

Minha mãe e meu pai são tudo na minha vida.

Amo minhas filhas.

Adoro minha vida.

Ah e sou gremista de coração,
por isso eu trouxe essa foto aqui.

Sei que tem que trabalhar,
mas aqui não tem muito serviço.
Graças a Deus tenho a mãe comigo, pertinho.
Se não ia me sentir sozinha.
Quando nós ficamos sozinha,
quando o pai e o meu marido vão pra granja,
nós se ajudemo uma a outra.

Somos unidas.

Fotobiografia:

Franciely

Bom, um pouco da minha história...

Escolhi a foto da minha avó.

Aqui é minha irmã, minha vó e eu.

Quando eu era pequena adorava brincar,
ir na casa da minha avó.

Minha avó me dava coisas pra comer e era tão legal.

Eu adorava escutar meus avós contando histórias antigas.

E também gostava de brincar com meus irmãos.
Brincava bastante
que no final do dia era uma sujeira só 🕳

E ainda mais quando era final de ano
que vinha a família e as crianças,
daí ficava mais divertido.

Aquilo era um esparramo de criança,
tudo gritando, dando risada.

Era uma alegria só!
Era muito bom minha infância.

Depois fui ficando grande,
fui começando a **entender as coisas.**

Ah,

quando comecei a estudar foi legal,

conheci colegas, tinha professores bom.

Daí no começo eu aprendi ligeiro a escrever e a ler.

Era uma aluna muito dedicada, adorava estudar.

Depois foi aumentando as turmas,
foi dificultando as coisas, as matérias.

Daí rodei de turma.

Daí rodei,
perdi meus colegas que já estava acostumada.

Daí tive que me esforçar mais.

Aí me esforcei e comecei a passar de ano.

Terminei meus estudos.

Mais de um lado foi bom.
E de outro foi ruim,
porque não ia mais estudar e não
ia ver mais meus queridos colegas.

Cada um ia seguir seu caminho.

E no final do ano, era no final de novembro,
descobri que estava grávida.

Daí eu não fiz formatura porque começou os enjoos.

Ainda bem que já tinha terminado tudo as provas
e já tinha passado de ano.

Graças a Deus terminei meu Ensino Médio.

Depois eu só ia cuidar da minha pequena
que eu esperava em junho,
minha Lavínia,
com muito medo de como seria dali pra frente.

Com medo do parto.

Se seria perfeita minha menina.
Graças a Deus deu tudo certo.

Agora tá aqui Linda e saudável.

Aqui no Paredão é melhor que a Costa do Bica,
lá não pega nem telefone.

Meu marido trabalha na safra, em Viamão.
Este ano ele nos levou.

Lá tá a Lavínia na frente da casa que nóis parava.

Aqui também.

Eu gostei muito de lá, é maravilhoso.

Mas aqui tá a minha família.

É muito ruim ficar longe.

Agora, dessa vez, eu não fui.

Quando fui pra Viamão fiquei muito triste em deixar minha família, mesmo sabendo que ia ficar pouco tempo lá.

De um lado era bom, outro não.

Era legal porque ia sair um pouco daqui pra conhecer coisas diferentes, porque nunca saí pra lugares diferentes.

Então era uma coisa boa, de viajar com a família, que fiz agora.

E foi uma experiência boa, quando fui pra Viamão conhecer novas amizades.

Saí chorando daqui por deixar minha família e vim chorando também de lá de Viamão por deixar pessoas maravilhosas também.

Fotobiografia:

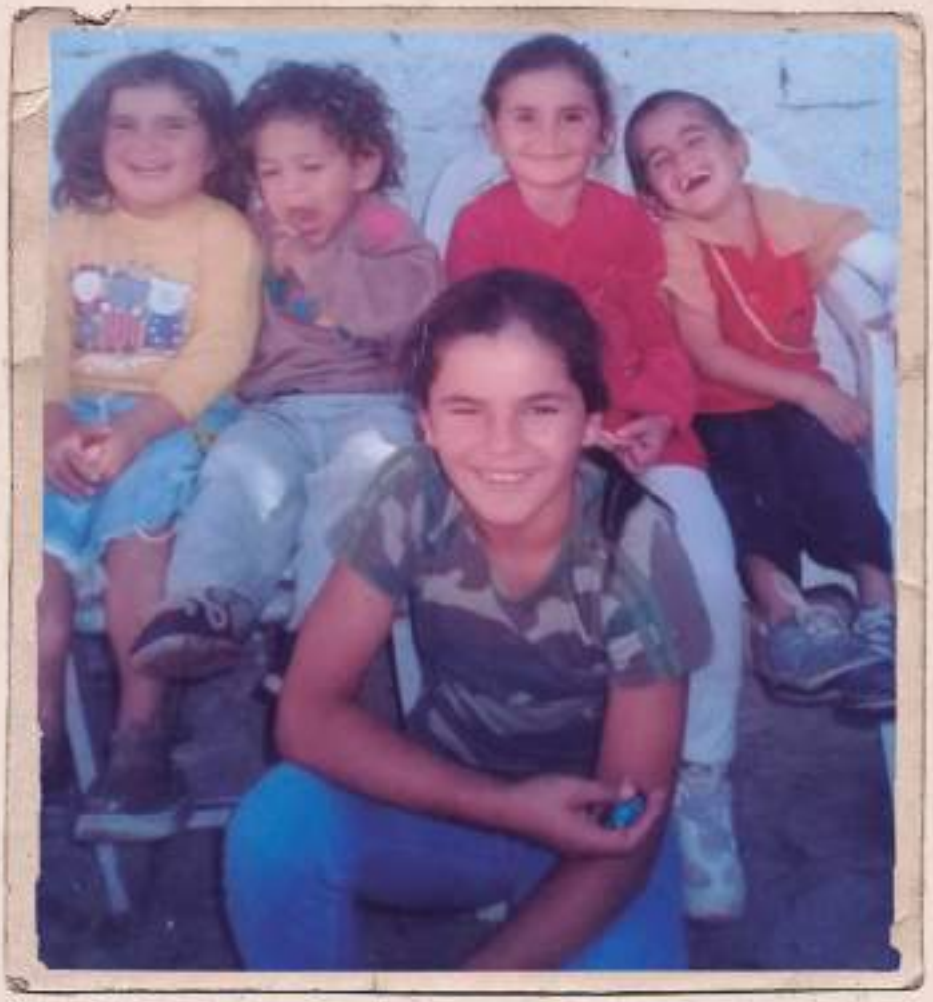
Liziane

Meu nome é Liziane, tenho 22 anos.
Nascida e criada em Porto Alegre,
mas hoje vivo em Piratini, no Paredão.

Essa foto eu gosto muito,
porque me faz lembrar de quando a gente era criança.

Era a coisa mais boa que tinha.

Essa de amarelo é minha irmã mais nova,
de marrom é o meu primo, eu de vermelho,
o de braço quebrado é meu irmão e,
na frente, minha irmã mais velha.



Vivia tudo junto, os irmãos tudo junto.

Porque hoje em dia todo mundo é apartado,
cada um pro seu lado.

Meu irmão mesmo mora em Porto Alegre.
A gente não vê ele mais, faz tempo.

Enquanto a gente era criança era bom,
dá pra vê na foto que a gente não tinha muitas condições.

Que pra criá 4 crianças,
com diferença de 1 ano, 2 anos,
não é fácil.

E a **mãe**, ela trabalhava mais que meu pai,
foi mãe e pai pra criá a gente,
ela teve ajuda da minha vó e do meu vô, morava do lado.

Eu morei lá até meus 15 anos.
Lá a gente teve nossas dificuldades,
mais tirando isso, era a coisa mais boa.

As crianças se reunia tudo lá em casa.
Era casa de pobre, pequena,
mas todas as crianças gostavam de í pra lá.

Tinha um campo na frente, de futebol.

Dia de chuva a gente tomava banho de chuva.

Eu tive uma infância boa,
da pra vê na foto que a gente era faceiro.

E dos meus 15 anos em diante vim morá aqui no interior.
Aqui tem minhas irmã e minha mãe.
O meu pai e o meu irmão voltaram pra Porto Alegre.
Conheci o meu marido e vivo com ele até hoje.
Tenho o meu filho de 4 anos.

Não tem tanta dificuldade hoje em dia,
que nem era antes.

Tu passava mais trabalho pra criá uma criança.

No meu caso, a mãe trabalhava e o pai não,
mas graças a deus a mãe crio os filho tudo.

Antigamente nenhum de nós tinha telefone,
e nem sabia o que era isso,
e só sabia brincá na rua,
inventá nossos brinquedo.

A gente não comprava e nem ganhava, tinha que inventá.

Ganhava mais era roupa,
ganhava a sacola básica do governo,
mas os brinquedo a gente mesmo inventava.

E hoje tem o Bolsa Família,
que me ajuda também
a comprá minhas coisas
e pro meu filho, também.

5 O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA, *MULHERES*, *GÊNERO* E *FEMINISMOS*

5.1 *MULHERES*, *GÊNERO* E *FEMINISMOS*[75]: UMA DISCUSSÃO FUNDAMENTAL

No início desta tese, apresentei dados da revisão sistemática elaborada a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Com o descritor "Bolsa Família" e o recorte temporal entre os anos de 2004 e 2019, encontrei 1.250 teses e dissertações. Destas, os arquivos completos de 1.106 foram identificados e salvos, passando, portanto, a compor a análise da revisão sistemática. Depois disso, classifiquei as teses e dissertações como primárias ou secundárias. Entendi como sendo primários os trabalhos em que as categorias de análise (Bolsa Família e *mulher*, *gênero* e/ou *feminismo*) se encontrassem enquanto discussões centrais nas publicações. Se, por exemplo, o PBF estivesse classificado como uma categoria primária, mas *mulheres*, *gênero* e/ou *feminismo* não (ou vice-versa), aquela publicação seria qualificada como secundária. Assim, foi possível identificar 46 dissertações e 8 teses. Com esse material em tela, fiz o fichamento, indicando os objetivos, as questões de pesquisa, a problematização e/ou hipótese, a metodologia e os principais conceitos abordados. Desse modo, foi possível inferir acerca das categorias *mulheres*, *gênero* e *feminismos*. Em duas teses e 26 dissertações, a categoria *mulher* foi identificada no título, no resumo, perpassando por todo o texto; contudo, as discussões teóricas não tiveram como centralidade a *mulher*, *gênero* ou *feminismo*; em uma tese e cinco dissertações a temática *gênero* foi trazida nos trabalhos apenas com uma ou duas citações, e, portanto, entendi que a discussão foi realizada de forma superficial; por fim, em 5 teses e 15 dissertações as categorias analisadas (*mulheres*, *gênero* e/ou *feminismo*) foram exploradas pelas autoras das publicações. À vista disso, entendi a importância

[75] Agradeço a oportunidade de ter sido aluna da professora Magali Mendes de Menezes, da UFRGS, no Seminário Avançado *Feminismos descolonizados: pensadoras indígenas latino-americanas*. As reflexões publicizadas nessa seção reverberaram a partir das contribuições da professora Magali e colegas do Seminário.

de discutir o Programa Bolsa Família, *mulheres*, *gênero* e *feminismos* com aquelas que constam enquanto titulares, preferencialmente, do recebimento do valor monetário desse programa, que são as *mulheres*. O que reverberou desse diálogo consta nesse capítulo.

As narrativas sobre a história do *feminismo* associam a gênese deste movimento, principalmente, às revoluções liberais do final do século XVIII, em especial a Revolução Francesa, que aconteceu entre 1789 e 1799. Um marco do período foi quando a revolucionária francesa Olympe de Gouge, à frente de um grupo de mulheres movidas por ideais iluministas, publicou a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã[76] em resposta à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, proclamado pela Assembleia Nacional Constituinte Francesa. Outro período em destaque compreende o final do século XIX e o início do século XX, quando mulheres, em sua maioria brancas e de classe média, saíram às ruas para reivindicar não só o direito ao voto, mas também o direito de serem votadas, pleiteando assim a participação política e na vida pública em igualdade aos homens, com especial atenção ao ingresso no mercado de trabalho e à educação formal.

Assim, a história *oficial* documentada dá ênfase a países da Europa e aos Estados Unidos enquanto precursores desses momentos de efervescência pela luta por direitos das *mulheres*. Importante esclarecer que não só nesses países, e antes mesmo das revoluções liberais, *mulheres* foram ativas na reinvindicação por direitos, mas, pela cor, localização geográfica e reinvindicações consoantes a sua realidade, foram invisibilizadas; daquelas que conseguiram se transportar no tempo ainda pouco sabemos. Impossível não lembrar de Bartolina Sisa, companheira de Túpak Katari. Juntos, mobilizaram mais de mil e quinhentos *indígenas* e resistiram ao domínio colonial em 1781. Foi Bartolina quem liderou o exército dos aymaras na luta pela libertação dos povos quechuas e aymaras do jugo espanhol[77] (SANTOS, 2013).

---

[76] A *Déclaration des Droits de la Femme et de la Citoyenne* foi assinada por Olympe de Gouge, pseudônimo de Marie Gouze. Aos 45 anos de idade, Marie Gouze foi condenada à morte, tendo, como justificativa de sua sentença, ser “desnaturada” e “perigosa demais”. Foi executada na guilhotina em Paris, no ano de 1793.

[77] Segundo Heloísa dos Santos, Bartolina Sisa, “nascida em 1753 na comunidade de Sullkawi del Ayllu, conviveu com a repressão do governo espanhol. Seu pai, José Sisa, e sua mãe, Josefa Vargas, eram comerciantes de tecido e coca e se deslocavam pelos povoados bolivianos para vender seus produtos. A vida itinerante permitiu que Bartolina presenciasse a pobreza e humilhação sofridas por seu povo. Em 13 de março de 1871, já casada com Tupac Katari iniciaram o cerco a La Paz, que durou 109 dias. Em 5 de setembro de 1782, Bartolina e Gregoria Apaza, combatentes aymaras, foram levadas nuas pelas ruas de La Paz e torturadas. Partes de seus corpos foram levados a locais simbólicos de resistência indígena para exibição pública. Em

Além de Bartolina, recupero aqui o discurso improvisado por Sojourner Truth, no ano de 1851, na Convenção dos Direitos das Mulheres realizada na cidade de Akron, nos Estados Unidos. A ativista política, escravizada por décadas, tem, em sua biografia, as marcas da opressão, da negação, da expropriação e de todas as mazelas sofridas. Contudo, carrega, especialmente, as marcas da resistência, da autenticidade e da luta. Mulher analfabeta, que aprendeu com as durezas da vida o poder da oratória, tão necessária na peleia pela custódia de seus filhos. Ao subir ao púlpito naquela convenção e bradar palavras de desassossego, Truth não foi só, levou consigo a honra de seus antepassados; afetada pelas histórias dos seus, levou a esperança, a indignação e todas as certezas de quem não teme os obstáculos e sentiu, de perto, o arfar dos *homens brancos* que ali estavam. Através da palavra, contou não somente a sua história, mas denunciou os contextos de opressão vivenciados, naquela época e ainda hoje, por muitas *mulheres*. Sem demora, a potente reflexão apresentada por Sojourner Truth:

> Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? (TRUTH, 1851 *apud* RIBEIRO, 2017)[78]

A célebre pergunta proferida por Truth, “E não sou uma mulher?”, em um lugar majoritariamente *branco*, atravessou décadas e, infelizmente, ainda é atual. Estava ali reivindicando o reconhecimento do seu corpo, enquanto corpo humano, e pleiteando esse *ser mulher*. As palavras de Truth já nos alertavam para as diversas opressões que afetam as mulheres *negras*. Para as mulheres *brancas* que se encontravam naquela convenção e que lutavam pelo direito ao sufrágio feminino, as experiências

---

sua homenagem, assim como de todas as mulheres que combateram a dominação e o etnicídio espanhol, se celebra na data de sua morte, 5 de setembro, o Dia Internacional da Mulher Indígena”. Disponível em https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875806_d9a06dc75f1c389c37b9eb72acf09fb1.pdf. Acesso em 15 dez. 2022.

[78] Excerto extraído do livro: RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

existenciais eram diferentes daquelas sentidas e vivenciadas por Sojourner Truth, intersectada não só pelas questões de *gênero*, mas, sobretudo, pela *cor*.

Assim como Truth, as mulheres do Paredão desde sempre enfrentaram as cruezas da vida, na "capinança de manhã cedo [...] antes de ir pra escola" (DILMA, *foto*biografia, 2021-2023), ajudando o pai "no cercado, capinando, carregando lenha" (LORENA, *foto*biografia, 2021-2023), acompanhando o pai na mina e depois sendo levada por pessoas da região, com a promessa de comida e de companhia para *mulheres brancas* – "diziam que era de companha [...] mas chegava lá, tinha que trabalhá, buscá ovelha no campo, de pezinho no chão, e os pé duro de frio, ia buscá vaca pra tirá leite de manhã" (ALZIRA, *foto*biografia, 2021-2023) e "até uma certa idade, eu era pequena mesmo, eu aprendi assim, trabalhando nas casa dos outro" (DILMA, *foto*biografia, 2021-2023). Elas também sentiam fome: "e as panela pendurada no gancho" (EVA, *foto*biografia, 2021-2023) sem ter o que cozinhar. Sentiam frio e o agasalho "era um cartucho de palha de milho que nós lavava os pé e carçava pra podê dormí de noite" (EVA, *foto*biografia, 2021-2023), única forma de manter os pés aquecidos.

Devemos olhar para essas biografias e retomar o questionamento de Truth, "E não sou uma mulher?" (TRUTH, 1851 *apud* RIBEIRO, 2017). Essas *mulheres*, *negras* e *indígenas*, vivenciaram uma experiência histórica diferente daquela que o discurso clássico sobre a opressão da mulher tem reconhecido, e o efeito dessa opressão teve e ainda tem impacto na vida das pessoas (CARNEIRO, 2020).

Lélia Gonzalez, memorável intelectual, professora, ativista, política, foi uma defensora e é referência do *feminismo* afro-latino-americano. Teve em sua vida e obra uma das principais pautas de concentração: a articulação entre *gênero* e *raça*. Em um texto publicado em 1988[79], o qual reflete sobre o centenário da Lei Áurea, Lélia, ao abordar o *feminismo* e o racismo, pontua as lutas e conquistas do *feminismo branco* e o quanto a atuação política, teórica e prática desse movimento transformou a sociedade, afirmando que, por conta da ação dessas feministas, o mundo não foi mais o mesmo. Contudo, Lélia Gonzales (1988) nos chama atenção para o fato de que é imperativo asseguramos que, sem a contribuição do movimento negro, nada disso teria sido possível. A autora faz uma crítica ao *feminismo* hegemônico alertando que, "no interior do movimento, as negras e as indígenas são as testemunhas vivas dessa

[79] Texto originalmente publicado em "Mujeres, crisis y movimiento: América Latina y El Caribe", in Isis Internacional – Mujeres por un Desarollo Alternativo, vol. 6, jun 1988. p. 133-141.

exclusão" (GONZALEZ, 2020, p. 49); entretanto, "o que geralmente se constata, na leitura dos textos e da prática feminista, são referências formais que denotam uma espécie de esquecimento da questão racial" (GONZALEZ, 2020, p. 51). Há uma exclusão histórica das *mulheres* dos diversos povos originários, das *mulheres negras*, enfim, *mulheres* de cor[80], as quais não são reconhecidas nas pautas das batalhas estabelecidas em nome da *mulher* universal e este esquecimento é traduzido pelo "racismo por omissão e cujas raízes, dizemos nós, se encontram em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista da realidade" (GONZALEZ, 2020, p. 52).

A pensadora Sueli Carneiro (2011) também contribuiu afirmando que

> As mulheres negras assistiram, em diferentes momentos de sua militância, à temática específica da mulher negra ser secundarizada na suposta universalidade de gênero. Essa temática da mulher negra invariavelmente era tratada como subitem da questão geral da mulher, mesmo em um país em que as afrodescendentes compõem aproximadamente metade da população feminina. Ou seja, o movimento feminista brasileiro se recusava a reconhecer que há uma dimensão racial na temática de gênero que estabelece privilégios e desvantagens entre as mulheres (CARNEIRO, 2011, p. 122).

Portanto, em se tratando da luta feminista, existem problemas políticos, teóricos e ideológicos sobre os quais não podemos deixar de discutir. Os sistemas de opressão operam de forma diversa entre *mulheres brancas* e *mulheres negras* e *indígenas*. Nos protestos incitados e já mencionados neste capítulo, na primeira onda[81] do *feminismo*, as *mulheres brancas* pleiteavam a possibilidade de trabalharem fora, pois viam-se posicionadas pelo *homem branco burguês* ao lar, lutavam pela igualdade de direitos atribuídos aos *homens*, participação política, direito ao sufrágio, dentre outras reivindicações. Já para a *mulher negra*, por exemplo, essas pautas não abarcavam suas necessidades, pois elas já trabalhavam na residência das *mulheres brancas*.

Falo das *mulheres* que sentiram na pele as durezas da vida para garantir o sustento, como mão de obra barata, recebendo um valor irrisório e cumprindo uma carga horária de trabalho desumana, desempenhando uma jornada de trabalho

---

[80] Lugones (2020, p. 107) faz "uso o termo 'mulheres de cor', cunhado nos Estados Unidos por mulheres vítimas da dominação racial, como um termo de coalizão contra múltiplas opressões. [...] 'Mulheres de cor' não propõe uma identidade que separa, e sim aponta para uma coalizão orgânica entre mulheres indígenas, mestiças, mulatas, negras, cheroquis, porto-riquenhas, siouxies, chicanas, mexicanas, pueblo – toda a trama complexa de vítimas da colonialidade do gênero, articulando-se não enquanto vítimas, mas como protagonistas de um feminismo decolonial".

[81] As ondas do feminismo foram/são momentos históricos de importantes reinvindicações e produção teórica.

infinita; não posso mencionar jornada dupla, pois estaria reduzindo o tempo de trabalho dessas *mulheres*, que, ao chegarem em casa, ainda davam conta das demandas daquele lar, dos cuidados com a sua família, sem esquecer de que, muitas vezes, tinham que se alojar de forma degradante no quartinho escuro destinado às empregadas na casa das *patroas*. Também não podemos esquecer que, enquanto algumas *mulheres* estavam ocupando as ruas, outras milhares ainda vivenciavam um escravismo criminoso[82], uma política de morte, de extermínio de populações.

E, no caso das tupi-Guaranis e tapes do Paredão, autoras das *foto*biografias apresentadas nesta tese, estas eram subjugadas à *benevolência* da *mulher branca*, que encontrava na *indígena* a acompanhante, a empregada, aquela que fazia a lida campeira em troca de um prato de comida e de ensinamentos de uma cultura *brancocêntrica*. Nesse sentido, tomo, ainda, a contribuição da dominicana Yuderkys Espinosa Miñoso (2022), quando sustenta que:

> [...] na medida em que o feminismo se concentrou no que se chamou de 'opressão da mulher por ser mulher', não fez mais do que trabalhar em benefício de um grupo de 'mulheres' [...]. Implica admitir, finalmente, que o feminismo é uma revolução branco-burguesa e que, como tal, para se realizar não só exclui, como também necessita que fiquem de fora de seu programa libertador a grande maioria das 'mulheres', já que será sobre elas – as pobres, as racializadas e as inferiores do mundo – que descansará a possibilidade de que se obtenham as liberdades oferecidas (ESPINOSA MIÑOSO, 2022, p. 434).

Os dispositivos de opressão, tais como racismo, sexismo, heteropatriarcado, entre outros, colocaram as mulheres *negras* e *indígenas*, bem como os grupos explorados historicamente, em um entrelugar. A lógica advinda da modernidade colonial, que padronizou os corpos e normatizou as identidades, definiu uma compreensão do que é ser *homem* e *mulher* e negligenciou, por consequência, a percepção da multiplicidade que constitui esses mesmos corpos. No processo colonizador, a manutenção desse padrão dicotômico tornou-se condição necessária para os artifícios de exploração e perpetuação das relações de poder em seus diferentes contextos (vide o movimento colonizador nas Américas).

Portanto, precisamos observar que quando trazemos a categoria *mulher* para a reflexão, indicamos novamente uma categoria universal e dicotômica. Luíza Bairros (1995), ao escrever sobre esse conceito, já alertava que, assim como a dimensão do

---

[82] A escravidão começou no século XV por iniciativa dos portugueses. No Brasil, o tráfico de pessoas para a escravidão começou no século XVI, mais especificamente no ano de 1535.

sexo biológico e a construção social de gênero, a reinvenção conceito *mulher* ainda carrega

> […] os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal - passiva emocional etc - como forma de lidar com os papeis de gênero. Na prática, aceita-se a existência de uma natureza feminina e outra masculina fazendo com que as diferenças entre homens e mulheres sejam percebidas como fatos da natureza. Dessa perspectiva a opressão sexista é entendida como um fenômeno universal sem que, no entanto, fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais (BAIRROS, 1995, p. 459).

María Lugones diz que "se *mulher* e *negro* são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostra-nos a ausência das mulheres negras – e não sua presença" (LUGONES, 2014, p. 935), ou seja, as *mulheres não brancas* não estariam representadas pelas categorias criadas pela modernidade.

Diante do exposto, retomo a pergunta pronunciada por Sojourner Truth (1851): "e não sou uma mulher?" María Lugones dirá que a "resposta colonial a Sojouner Truth é, obviamente, 'não'" (LUGONES, 2014, p. 939), pois, se o que funda a modernidade colonial é a hierarquia dicotômica entre o humano e o não-humano, imposta pelos colonizadores, Sojourner Truth e todas as outras *não brancas* e vítimas da colonialidade não eram consideradas *mulheres*, mas, sim, identificadas como não-*humanas*. Assim, a autora argumenta que:

> Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens (LUGONES, 2014, p. 936).

Desse modo, "o homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão" (LUGONES, 2014, p. 936). Já a *mulher branca*, *burguesa*, *europeia* não era o complemento desse *homem*. Contudo, ela era vista como "alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu

burguês” (LUGONES, 2014, p. 936). Por isso, também, entendida como universalmente *humana*. Já as/os colonizadas/os (povos *indígenas* e pessoas *escravizadas*) foram colocadas enquanto animais e, assim, categorizados como machos e fêmeas, “sendo o macho a perfeição, a fêmea a inversão e deformação do macho [...] todos eram entendidos como aberrações da perfeição masculina” (LUGONES, 2014, p. 937), portanto *não-humanos*.

Os colonizadores utilizavam essas separações categoriais para justificar as crueldades exercidas contra os povos originários e africanos. Por tudo o que foi exposto, María Lugones justifica a resposta que daria a Sojourn Truth, pois nenhuma mulher é colonizada e nenhuma fêmea colonizada é mulher, e, portanto, *mulher colonizada* não existe, é uma categoria vazia (LUGONES, 2014) e esta é a consequência da colonialidade de gênero.

> Ao usar o termo colonialidade, minha intenção é nomear não somente uma classificação de povos em termos de colonialidade de poder e de gênero, mas também o processo de redução ativa das pessoas, a desumanização que as torna aptas para a classificação, o processo de sujeitificação e a investida de tornar o/a colonizado/a menos que seres humanos. Isso contrasta fortemente com o processo de conversão que constitui a missão de cristianização (LUGONES, 2014, p. 939).

A maneira pela qual o racismo se apresenta, a indulgência do patriarcado e a tirania da desigualdade de classes, especialmente em relação às mulheres *negras* e *indígenas*, prenuncia formas peculiares de ações, atitudes e representações, e esse debate deve constar na proposição das políticas públicas, pois “a absoluta maioria dos excluídos tem cor e sexo, e a política social tem de expressar essas dimensões” (CARNEIRO, 2011, p. 161). Sigo essa ideia, ponderando também aquilo que Lélia Gonzalez disse:

> [...] a afirmação de que somos todos iguais perante a lei assume um caráter nitidamente formalista nas nossas sociedades. O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas (GONZALEZ, 2020, p. 56).

A fala de Lélia Gonzales repercutiu nos Círculos Epistemológicos, os quais foram realizados com as *mulheres beneficiárias* do Programa Bolsa Família e residentes na localidade Paredão. Das oito *pesquisandas*, sete se autodeclararam *indígenas*. Ali, naquele espaço, ouvimos denúncias, anúncios e (re)existências. As

seções que compõem este capítulo foram pensadas, elaboradas, desmontadas, excluídas, abraçadas desde o primeiro Círculo, em dezembro de 2021. Acredito que só tenha entendido o desígnio deste texto quando imprimi excertos das degravações e as fotografias trabalhadas em cada encontro e fiz de uma das paredes de minha casa um grande quadro, dispondo essas "*imagens críticas"* (DIDI-HUBERMAN, 2010b, p. 172) e entendendo que "uma imagem que critica nossas maneiras de vê-la, na medida em que nos olha, ela nos obriga a olhá-la verdadeiramente. E nos obriga a escrever esse olhar, não para 'transcrevê-lo', mas para construí-lo" (DIDI-HUBERMAN, 2010b, p. 172). É, portanto, na esteira da construção que vou tecendo este texto, a partir das narrativas reverberadas nos Círculos Epistemológicos e das fotografias capturadas tanto por mim quanto pelas *mulheres* do Paredão. São, enfim, denúncias, anúncios e marcas da resistência. A seguir apresento algumas reminiscências desses momentos.

5.2 DENÚNCIAS, ANÚNCIOS E (RE)EXISTÊNCIAS: O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E O (NÃO)ACESSO A OUTRAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Importante registrar que, nos Círculos Epistemológicos, os saberes, as vivências das *mulheres*, os diálogos sobre o Programa Bolsa Família e o referencial teórico configuraram-se em um movimento de coexistência, no qual o aporte do campo teórico se consubstanciou da relação com a pesquisa de campo, do diálogo ali fecundado, desse tensionamento entre a empiria e teoria. Foi, portanto, ali nos Círculos Epistemológicos, na relação *com* as *mulheres*, de escuta atenta ao dito e ao não-dito que fomos construindo chaves analíticas, como aprendi com Lorena Cabnal (2018), que diz que

> [...] é necessário abrir nossas mentes para outras epistemologias, para outras formas de saber, de pensamento. Estamos rodeados por muitas razões, muitas teorias. O pensamento indígena não teoriza. Não construímos categorias de pensamento, como faz o pensamento positivista. O pensamento positivista cria um método científico para validar o conhecimento. Os povos ancestrais, povos indígenas, constroem saberes de acordo com o que sentem, e não com o que pensam – é uma relação de cosmossentir – cosmopensante. Ou seja, é um sentir pensante. Essa ideia rompe com a lógica da filosofia que diz 'primeiro penso e, somente por isso, existo'. É outro lugar de construção dos conceitos (CABNAL, 2018, p. 37).

É nesse outro lugar, nessa relação cosmopensante (CABNAL, 2018), que teço esta seção. Lembro que, em uma passagem do Diário de Campo, assim escrevi: “levamos três horas para chegar à localidade Paredão. É chão!” (FURTADO, 15/11/2021). É chão percorrer 100 km em uma estrada de terra, sem manutenção. De novembro de 2021 a março de 2023, período da pesquisa de campo, percebi que a estrada se modificava dependendo do seu uso. Por ser uma região bastante explorada para extração de madeiras de reflorestamento, na ocasião do corte e escoamento dessa madeira, a estrada apresentava-se em boas condições de trafegabilidade; caso contrário, não. Em novembro de 2021, Dona Eva assim descreveu: “300 pila pra gente í em Piratini. Se é uma pessoa solita paga 300 pila. Se é dois, 150 pra cada um. Esses dias eu fiz assim: nós fumo duas, 150 pila pra cada uma. Por isso que eu digo, o ônibus é obrigatório” (DONA EVA, nov./2021).

O pagamento de “300 pila” (R$ 300,00) refere-se ao valor que aquelas pessoas pagavam a algum morador da localidade que tivesse carro, para que fizesse o transporte até a cidade e depois retornasse à localidade. As moradoras relataram que o ônibus passava em Paredão três vezes por semana, mas, com o tempo, a empresa alterou para duas, depois uma vez e, em julho de 2021, não passou mais. Desse modo se configurou a situação até os moradores se mobilizarem. Disseram elas, no segundo Círculo Epistemológico, que ocorreu em novembro de 2022, quando fizeram um abaixo-assinado e entregaram ao prefeito da cidade. Ficaram praticamente um ano sem transporte. Contudo, mesmo com essa mobilização, a empresa de ônibus voltou a fazer aquele trajeto apenas uma vez ao mês, com o preço de R$ 100,00 a passagem (ida e volta).

Assim, aquelas *mulheres*, ao se deslocarem para sacar o valor referente ao PBF, gastavam R$ 300,00, haja vista que precisavam pagar ao vizinho para levarem-nas à cidade, já que não havia como conciliar a data do pagamento do PBF[83] com o dia em que o ônibus fazia o trajeto na localidade Paredão. Tomando como exemplo a família composta pela mulher, o *companheiro* e duas crianças (de dois e sete anos), cujo valor monetário recebido do PBF era o maior entre aquelas *mulheres*, o valor

[83] O valor do Bolsa Família é depositado no Caixa Tem e o saque pode ser feito em terminais de autoatendimento das casas lotéricas, correspondentes Caixa Aqui e nas agências da Caixa Econômica Federal. O pagamento é realizado nos últimos dias úteis de cada mês e conforme o final do Número de Identificação Social (NIS).

recebido em fevereiro do ano de 2020[84] foi de R$ 171,00, insuficiente, inclusive para o pagamento do deslocamento até a cidade. Com o novo Bolsa Família e ainda citando esse exemplo, a família recebeu em março de 2023 o valor de R$ 750,00, mas, no caso das moradoras do Paredão, parte do valor recebido estava comprometido com o deslocamento para a realização do saque desse programa de transferência de renda.

Como já dito, o Programa Bolsa Família, instituído no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 – 2010) – e retomado em seu terceiro mandato (2023), foi implementado pela Medida Provisória n. 132, de 20 de outubro de 2003, a qual foi transformada na Lei n. 10.836, de 9 de janeiro de 2004 e regulamentada pelo Decreto n. 5.209, de 17 de setembro de 2004. No mês de outubro do ano de 2021, o Programa Bolsa Família foi revogado, e, no lugar dele, foi criado o Auxílio Brasil, através da Lei n. 14.284, de 29 de dezembro de 2021. A maior diferença observada entre um programa e o outro foi a de que o Auxílio Brasil teve, na sua essência, a observância de término com data marcada, dezembro de 2022, posterior às eleições presidenciáveis. Não havia previsão orçamentária para a continuidade do programa no ano subsequente, orçamento esse que deveria ter sido definido pelo então presidente e candidato a reeleição, Jair Bolsonaro, ainda em 2022. Assim, a criação do Auxílio Brasil, como um programa de transferência de renda, foi com o intuito e a clara observância à reeleição.

Com a vitória do candidato Lula nas urnas, aconteceu, então, a retomada do Programa Bolsa Família em 2023. Em março do referido ano, através da Medida Provisória n. 1.164, de 2 de março de 2023, o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, através do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, instituiu o retorno do PBF em substituição ao Programa Auxílio Brasil.

A partir dessa conjuntura, é urgente que os programas de transferência de renda sejam pensados enquanto uma política de Estado e não de Governo. Por mais que o Programa Bolsa Família conste como carro-chefe da proteção social brasileira (SILVA, YASBEK, DI GIOVANNI, 2012), ele, ainda assim, depende do orçamento disponível a cada ano e focaliza esse recurso nas famílias consideradas, por essa política pública, enquanto *pobres* ou vivendo em extrema *pobreza*.

---

[84] Data do primeiro levantamento das *beneficiárias* do PBF, realizado na Secretaria de Assistência Social do município de Piratini.

No ano de 2004, data da implementação do Programa Bolsa Família, estavam elegíveis para o cadastramento aquelas famílias inscritas no Cadastro Único (CadÚnico) e que tinham, como renda, de R$ 50,00 a R$ 100,00 *per capita*. No ano de 2021, quando houve a substituição do PBF pelo Programa Auxílio Brasil, eram consideradas pela política, famílias *pobres* aquelas que recebiam R$ 178,00 *per capita,* e extremamente *pobres* aquelas famílias que recebiam até o limite de R$ 89,00 *per capita*. Em 2023, passaram a ser elegíveis ao Programa Bolsa Família aquelas famílias cuja renda *per capita* mensal fosse igual ou inferior a R$ 218,00 (BRASIL, MP, 2023). Assim, o valor financeiro pago às famílias elegíveis eram os que seguem:

> I - Benefício de Renda de Cidadania, no valor de R$ 142,00 (cento e quarenta e dois reais) por integrante, destinado a todas as famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família; II - Benefício Complementar, destinado às famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família cuja soma dos valores relativos aos benefícios financeiros de que trata o inciso I seja inferior a R$ 600,00 (seiscentos reais), que será calculado pela diferença entre este valor e a referida soma; III - Benefício Primeira Infância, no valor de R$ 150,00 (cento e cinquenta reais) por criança, destinado às famílias beneficiárias que possuírem, em sua composição, crianças com idade entre zero e sete anos incompletos; IV - Benefício Variável Familiar, no valor de R$ 50,00 (cinquenta reais), destinado às famílias beneficiárias que possuírem, em sua composição: a) gestantes; b) crianças com idade entre sete anos e doze anos incompletos; ou c) adolescentes, com idade entre doze anos e dezoito anos incompletos; e V - Benefício Extraordinário de Transição, destinado exclusivamente às famílias que constarem como beneficiárias do Programa Auxílio Brasil na data de entrada em vigor deste inciso, que será calculado pela diferença entre o valor recebido pela família em maio de 2023 e o que vier a receber em junho de 2023 (BRASIL, MP, 2023).

Uma das questões que deveria ser ponderada pelas políticas de transferência de renda é que a pobreza não se dá apenas pela falta de dinheiro; há um conjunto de vulnerabilidades, de historicidades que precisariam também ser levadas em conta. Para Yazbek (2009; 2012), a categoria pobreza é multidimensional e “certamente não se reduz às privações materiais” (YAZBEK, 2009, p. 73). Accorssi (2011) e Accorssi, Scarparo e Guareschi (2012) aduzem que os estudos sobre pobreza trabalham, primordialmente, com duas linhas de análise: primeiro, uma abordagem unidimensional, a qual diz respeito à *subsistência* das pessoas, inferindo sobre o mínimo necessário para a sobrevivência física. Esta perspectiva de análise

> [...] tem sofrido ataques devido a dois fatores: primeiramente, pelo reducionismo biológico-alimentar que ela atribui às necessidades do sujeito e, além disso, pelo fato de que não há como estabelecer um critério absoluto em relação à quantidade de energias e de nutrientes que os seres humanos necessitam para se manterem vivos, pois tal aspecto depende de inúmeros

> fatores, tais como o lugar, as condições climáticas, as atividades realizadas, etc. (ACCORSSI; SCARPARO; GUARESCHI, 2012, p. 538).

Outra abordagem acerca dos estudos sobre a *pobreza* está ligada às *necessidades básicas* das pessoas enquanto um fenômeno multifacetado, como referido anteriormente por Yazbek (2009; 2012), ou seja, a *pobreza* na perspectiva tanto do mínimo de condições para o consumo privado (comida, roupas, medicamentos) quanto para os serviços essenciais, tais como água potável, saúde, educação e transporte público (ACCORSSI; SCARPARO; GUARESCHI, 2012).

Accorssi (2011) contribuiu significativamente com esse debate afirmando que não se trata de escolher uma ou outra vertente e que "os conceitos são produtos históricos, o que significa dizer que são construídos, reproduzidos e/ou transformados conforme o ambiente e os jogos de poder em que estão inseridos" (ACCORSSI, 2011, p. 73). Assim, nesta tese, filio-me às ideias da autora de que é impossível enquadrar as pessoas nessas diferentes abordagens, pois "a pobreza não é um fenômeno natural e imutável, ao contrário, a pobreza e as pessoas que vivem nesta condição têm ocupado lugares diversos" (ACCORSSI, 2011, p. 69).

Em vista disso, cabe recuperar que, no primeiro Círculo Epistemológico, realizado em dezembro de 2021, coloquei, sobre a mesa na casa de Dona Lorena, onze fotografias escolhidas previamente por mim. Sugeri às *mulheres* que lá se encontravam (oito *mulheres*) que olhassem com vagar cada imagem, prestando atenção aos detalhes e, assim, escolhessem uma ou mais fotografias para compartilhar com o grupo. Os diálogos desencadeados por nós, nos Círculos Epistemológicos, renderam tardes de muito aprendizado e folhas de degravação. Para este momento, escolhi excertos com as narrativas sobre a imagem do cartão Bolsa Família, reverberadas no primeiro Círculo:

> ***Lisiane:*** *Eu escolhi essa foto, porque quando eu pego meu cartão e pego meu dinheiro, eu fico faceira [risos de todas]. [...] Porque eu compro minhas coisinhas, compro bóia pro meu porco. Agora tenho que comprá material pro Vinícius.*
> ***Tia Alzira:*** *Eu vô dizê, que eu depois que eu peguei esse cartão eu sô muito feliz, porque me ajudô muito, porque eu não sô aposentada. Me ajudô nas minhas despesas, nas minhas compra, em tudo. Comprá comida pra mim e pro meus bicho, porque eu tenho bastante criação.*
> ***Dilma****: Eu também, da Bolsa Escola [inaudível]. Eu fico muito facera quando pego o dinheiro das crianças. Agora mesmo, tem que pegá o dinheiro deles pra comprá carçado pros guri que tá chegando as aulas, né? É uma roupa, um carçado, uma coisa ou outra que farta a gente tem que comprá, né? E assim, né, chegô naquele prazo a gente sabe que vai recebê.*

> ***Camila:*** *É, mas dependendo do que a gente ganha ia tudo na passagem e agora piorô, não tem ônibus.*
> (CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS, Paredão, 18/12/2021).

Como já mencionado, são 100 km de estrada de chão, na maioria das vezes em precárias condições. O ônibus passava uma vez por mês e as passagens tinham o valor de R$ 100,00. O vizinho que fazia o transporte particular cobrava R$ 300,00. Os formuladores das políticas públicas, em âmbito federal, estadual ou municipal, também precisam levar em consideração que as adversidades enfrentadas pelos moradores da zona rural são diferentes daquelas vivenciadas pelos que residem na zona urbana. A política social precisa estar vinculada ao contexto social e ao território que, enquanto lugar vivo, deve estar incluído nessas discussões.

Além das distâncias enfrentadas pelos moradores da zona rural e do gasto com o transporte, é Camila (Círculos Epistemológicos, Paredão, 18/12/2021) quem fez o alerta de que, dependendo do valor que recebem desse programa de transferência de renda, elas o utilizam apenas para o pagamento com o deslocamento. Logo, fica expresso que morar na zona rural pode significar acessar de forma precária os serviços da Assistência Social e Saúde. A título de exemplo, as moradoras do Paredão, que recebiam o PBF, desconheciam a existência do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e tampouco acessavam os serviços e projetos que esse equipamento público oferecia.

A partir das falas produzidas nos Círculos, foi possível perceber que as *mulheres* do Paredão sempre foram invisíveis aos olhos do Estado, elas sequer tinham condições de acessar políticas públicas enquanto *indígenas*, já que não são reconhecidas como tais, e, mesmo moradoras da zona rural, a elas não são concedidas outras políticas públicas por não terem a documentação da terra. Dito isso, observo que, tendo em vista o objetivo geral da tese e as narrativas suscitadas nos Círculos, entendi que não havia como olhar para o PBF isoladamente; foi necessária a intersecção com outras políticas.

Losekann (2011), na pesquisa de campo realizada na localidade Paredão, afirmou que a maioria dos agricultores não possuía a posse legal das terras que ocupavam. O Governo Federal relançou no mês de março (do corrente ano) o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), através da Medida Provisória n. 1.166, de 22 de março de 2023. Esse programa teve sua gênese no ano de 2003, quando o governo passou a adquirir produtos de agricultores para destinar à rede pública de

ensino e a pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional, incentivando a agricultura familiar. O/a agricultor/a familiar, para concorrer a esse programa, precisa ter a Declaração de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (DAP), documento que é utilizado para identificar e qualificar as Unidades Familiares de Produção Agrária.

Segundo o Ministério da Agricultura e Pecuária,

> A DAP é a porta de entrada do agricultor familiar às políticas públicas de incentivo à produção e geração de renda. Como uma identidade, o documento tem dados pessoais dos donos da terra, dados territoriais e produtivos do imóvel rural e da renda da família. Para acessar uma linha de crédito do Pronaf, por exemplo, é imprescindível a DAP, pois nela consta informações que darão segurança jurídica para as transações de financiamentos (BRASIL, 2023).

É possível entender, então, que as moradoras do Paredão, foco desta pesquisa, mesmo se quisessem, não acessariam o Programa de Aquisição de Alimentos, já que, não tendo a documentação da terra, não obteriam a Carta de Aptidão. Programas, bens e recursos públicos que não chegarão àquela comunidade e a tantas outras em mesma situação. Não receberão, por exemplo, o protetor solar gratuito distribuído aos/às agricultores/as pelo estado do Rio Grande do Sul, muito menos os apoios financeiros do Estado em decorrência de emergências, como a política de crédito emergencial, SOS estiagem etc.

Estive presente em dois verões naquela localidade (2022 e 2023) e, nesse período, vivenciei as mulheres do Paredão perderem toda a safra da estação em decorrência da estiagem. Dona Eva assim descreveu: “a minha hortinha tá bem feia, mesmo com o sombrite a minha prantação não vingô com a farta de chuva” (EVA, Círculos Epistemológicos, Paredão, 19/03/2023). Em outra passagem, Dilma fez o seguinte comentário:

> [...] a gente pranta uma hortinha, as vez, até prá pegá um pé de verdura é um sacrifício, por causa que a gente muitas vez tem que economizá água pra lavá ropa, fazê as coisa dentro de casa, uma coisa ou outra. Não dá para gastá um tanto de água prá todos os dias tá molhando as planta. (DILMA, Círculos Epistemológicos, Paredão, 17/01/2023)

Naquela localidade, a horta e a criação de animais se traduzem em sustento para a família. Em relação aos animais, a criação de caprinos é comum na região. Trata-se de um animal de pequeno porte que se adapta bem ao solo seco e é de fácil

manejo. Tia Alzira, por exemplo, destinava algumas horas do dia para o pastoreio desses animais, utilizando as áreas de reflorestamento para essa criação. Disse ela:

> A criação de cabrita é o que me sustenta. E eu trabalho! Mas trabalho de chegar à noite e tá louca de cansada de tanto caminhá, pastoreando, mas eu como a carne que eu quero. Eu quero vendê umas, já vieram comprador olhá, mas não querem pagá nada, porque querem ganhá muito nas costa da gente (ALZIRA, Círculos Epistemológicos, Paredão, 06/11/2022).

Tudo é feito manualmente pelas mãos carregadas de histórias daquelas *mulheres*, desde o cultivo de hortaliças, do manejo das plantas medicinais até o pastoreio dos animais.

Retomando os diálogos suscitados nos Círculos Epistemológicos, das oito *pesquisandas*, duas eram solteiras e seis eram casadas. Destas seis *mulheres*, os *companheiros* de quatro delas migravam temporariamente para outras cidades. Trabalhavam na época da safra, desenvolvendo atividades que envolviam o preparo da terra, a plantação e a colheita. No caso desses *homens*, por seis meses (de junho a dezembro), preparavam a terra e plantavam arroz ou soja, retornando à localidade no final do mês de dezembro para as festas de fim de ano e regressando à granja em fevereiro, para a colheita, permanecendo até maio.

> ***Dona Lorena****: Aqui a gente tem dinheiro só quando o Lori vem da safra.*
> ***Dona Eva****: Aqui os homens trabalha quando tem safra, só quando tem safra mesmo.*
> ***Dona Lorena****: Lori tá desde junho pra lá, seis meses. Viamão. Volta agora no Natal e depois vai em fevereiro de novo, na colheita. E nós aí, com as criança. Sozinha.*
> ***Camila****: É mesmo!*
> ***Dona Lorena****: Depois vai em fevereiro pra colheita e fica até maio. E fica nós aí de novo.*
> ***Darlene****: Até maio?*
> ***Dona Lorena****: É! A colheita. Lá pra maio eles vêm.*
> ***Darlene****: E aí nesse período, como vocês fazem pra comprá o que precisam? Remédio, comida?*
> ***Dilma****: Ué, com o dinheiro do Bolsa Família.*
> ***Dona Lorena****: Com Bolsa Família. Único dinheiro que nós temo.*
> ***Darlene****: Volta em maio e vai em junho?*
> ***Dona Lorena****: Aí eles acampam um temporão pra lá. Tem que prantá. Fazê as terra. Ai só no Natal pra eles vim. É! E nós fiquemos aí [pausa] batalhando. O que que a gente vai fazê.*
> ***Darlene****: Tu já morou lá, Lorena?*
> ***Dona Lorena****: Eu não, nunca. Não tem como a gente í. Não posso abandoná minha casinha, minhas coisas. Eu crio meus bichinho.*
> ***[...]***
> ***Darlene****: E tu Camila?*
> ***Camila****: Mais claro que não [risos]! Í pra um lugar que eu não conheço.*
> ***Dona Lorena****: Não dá pra í, deixá tudo atirado.*
> ***Camila****: É, eu também.*

> ***Dona Lorena**: É, eu só tenho o do Bolsa Família.*
> ***Dona Eva**: É guria, e tá tudo uma carestia.*
> ***Darlene**: Viram? Esse dinheiro é pra que as pessoas possam se alimentar, possam viver com mais dignidade. Tudo que vocês falaram, comprá a fralda pro filho, pagar a luz, a comida pro porco. Esse dinheiro vocês usam como quiserem e não é um favor, é um direito de vocês.*
> (CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS, Paredão, 18/12/2021).

São nove meses longe da família, todos os anos. Durante esse período, a única renda de *quatro* das oito *mulheres* que participaram dos Círculos Epistemológicos era o valor recebido através do Programa Bolsa Família; não o valor integral, mas a sobra do que era gasto com o deslocamento para o recebimento.

> ***Darlene:** E quando vocês foram fazer o cartão. Conta como foi?*
> ***Tia Alzira:** Ah, o meu não vinha nunca. Eu não tinha marido, não tinha quem me desse nada. E aquilo não vinha nunca. E lá um dia, eu sempre caminhando pra me aposentá, caminhando, caminhando e gastando pra me aposentá e nunca da vida. Ai a Solange, nós tava lá no [pausa] não sei como é que diz ali, onde faz os papel pra gente se aposentá [pausa], nós tava ali e a Solange disse: "Mãe, fica fazendo aí que eu vou lá ver se não veio sua Bolsa Família". Solange veio louca de faceira: "Mãe, veio o seu dinheirinho, mãe! 200 pila". Aquela vez já tinha dois meis, fiquei louca de faceira [risos, felicidade].*
> ***Darlene:** E o que tu comprou? Se vocês não se incomodarem de falar, eu queria muito saber o que vocês compraram na primeira vez que pegaram esse cartão.*
> ***Tia Alzira:** Comida e paguei a luz.*
> ***Dona Eva:** Ué! Ali em casa era pro colégio também. Quatro filho e os quatro estudavam, era um meis pra um, um meis pra outro, pra podê dividí. Um carçado, um caderno... era assim. E as criança embarcavam lá na murta [...] embarcavam lá, com chuva e tudo. Nem casinha pra eles pará, nada.*
> ***Camila:** Nem casinha tinha, nem nada pra gente pará.*
> ***Camila:** Até agora nunca mais fizeram nada e faz falta.*
> ***Dona Eva:** Faz falta um abrigo, sim! Mas tá lá pro prefeito também, ele ficou de botá e cadê, até o dia de hoje? Ele garantiu que botava.*
> [...]
> ***Darlene**: Gurias, o que vocês pensam de melhorias pra comunidade?*
> ***Dona Lorena:** Pra nós é o ônibus que está fazendo falta.*
> ***Tia Alzira**: De duas é uma, o ônibus ou um doutor aqui perto.*
> ***Camila**: Um posto de saúde mais perto.*
> ***Dona Maria**: Tem o postinho perto da escola*
> ***Tia Alzira**: Mas é longe pra gente í daqui. Só vai quem tem carro.*
> ***Darlene**: E tem médico no postinho?*
> ***Camila**: Mas agora com a função das aulas que estão terminando já não vai ter mais.*
> (CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS, Paredão, 18/12/2021).

Tanto no primeiro Círculo Epistemológico quanto nas cenas fotografadas pelas *mulheres* foi recorrente a narrativa sobre a necessidade de um local coberto para as crianças aguardarem o ônibus escolar e, assim, cumprirem uma das condicionalidades do Programa Bolsa Família, a frequência à escola. Camila afirmou

essa necessidade no primeiro Círculo Epistemológico: “uma casinha lá onde as criança pegam ônibus pra pará no inverno, assim eles não precisam faltá aula” (CAMILA, Círculo Epistemológico, Paredão, 18/12/2021). Esta demanda foi tão significativa que há, nos registros fotográficos feitos pelas *mulheres*, a construção desse local, como veremos nas imagens a seguir:

Figura 54 – Fotografia da construção de abrigo para as crianças aguardarem o ônibus escolar.
Autoria: Camila e Lisiane, fev. – abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

No dia seis de novembro de 2022, ao retornar àquela localidade e realizar o segundo Círculo Epistemológico, coloquei todas as fotografias capturadas por elas em uma mesa, e cada uma das *pesquisandas* retirou daquele espaço as imagens de sua autoria e contou as motivações do registro. Camila relatou que, entusiasmada com os diálogos no primeiro Círculo Epistemológico, sugeriu ao *companheiro* que solicitasse na Secretaria de Assistência Social do município a construção de um local para as crianças esperarem o transporte escolar, para que, mesmo em dias de chuva, pudessem frequentar a aula. Conseguiram a madeira e as telhas. Esse material chegou direto à casa dos pais do secretário de Assistência Social do município, os quais residem na localidade Paredão. Assim, os *companheiros* de Camila, Lorena e Lisiane fizeram o transporte até o local indicado e começaram a construção. Contudo, as telhas não foram suficientes, necessitando de uma pausa na obra até a chegada da complementação do material. Acompanhei aquela cena em quatro idas a Paredão, de novembro de 2022 a março de 2023, com o registro fotográfico.

Figura 55 – Fotografia de cenas do descaso.
Autoria: Darlene Furtado, nov./2022 – mar./2023.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A sequência de fotos acima, tanto as imagens capturadas por Camila e Lisiane quanto aquelas registradas por mim, demonstram a morosidade que foi construir uma “casinha” para abrigar as crianças no inverno. Quando conseguiram a madeira, faltaram as telhas. Algo que poderia ser simples e é de responsabilidade do município levou mais de ano para concretização.

Além dessa demanda, outras duas solicitações foram referenciadas pelas *mulheres* durante a realização dos Círculos Epistemológicos, as quais também têm impacto direto na política do Programa Bolsa Família: o retorno da linha do ônibus, como já referenciado, e um posto de saúde na localidade, ou que, pelo menos, fosse oportunizado àquelas pessoas o acesso a médicos e dentistas.

O posto de saúde mais próximo estava localizado a 30 km, no mesmo espaço ocupado pela Escola Municipal Antenor Elias de Matos, local de matrícula dos estudantes do Paredão. Contudo, o posto de saúde, conforme relatos, ficava aberto ao público somente no período de vigência do calendário letivo da escola. Ainda assim, no período citado não havia transporte para os moradores acessarem o serviço. Até mesmo os pais dos alunos que frequentavam a escola só poderiam utilizar o transporte escolar agendando com antecedência. Dona Eva confirmou que o “posto só funciona quando tem aula e só vai quem tem condições, também” (EVA, Círculos

Epistemológicos, Paredão, 17/01/2023). Essa moradora se referiu ao valor de cerca de R$ 70,00 para o deslocamento até o posto, pago ao vizinho que fazia o transporte quando essas pessoas necessitam. Uma das *pesquisandas*, ao comentar sobre essa necessidade e ao pensar alternativas, disse que:

> [...] o que faz mais falta mesmo, digo assim, esses dia nós tava comentando, aquele salão ali não atende mais ninguém. Até se fosse por mês que organizasse e viesse os médico todos os mês, digo assim, uma vez por mês, seria uma boa coisa. [...] Se organizasse médico e dentista pra nós seria uma boa, por causa que era pertinho. Lá na escola lá, as vez vem médico, mas eles não dão carona no ônibus. Como agora vai sê tudo dimudado na escola, nem sei se as mãe vão podê viajá nos ônibus das crianças e ai tem que pagá carro. Pagá 60, 70 pila por uma viagem de carro pra í ali na escola. Se for na escola tem que pedi autorização pra í e aí depende se tem vaga no ônibus (DILMA, Círculo Epistemológico, 17/01/2023).

Na localidade Paredão, havia um prédio com o nome de Comunidade São Cristóvão. O que Dilma propõe é que a Assistência Social e a Secretaria da Saúde do município ocupem aquele espaço ocioso e oportunizem aos moradores do Paredão e localidades vizinhas (Costa do Bica e Chapadão) o atendimento médico e odontológico, assim como todos os outros serviços aos quais o acesso aos moradores é impossibilitado. Portanto, são anseios que reverberam em toda comunidade e que têm impacto direto no cumprimento das condicionalidades do Programa Bolsa Família.

Também busquei entender sobre o impacto financeiro na vida das *pesquisandas*, a partir dos diálogos suscitados nos Círculos Epistemológicos e das fotografias capturadas por essas *mulheres*. A seguir, compartilho os excertos de alguns diálogos:

> ***Darlene****: Eu queria que vocês falassem mais sobre o Bolsa Família.*
> ***Dona Maria****: O meu dinheiro do bolsa família dá só pra luz.*
> ***Dona Maria****: Mas tá bom, né? É coisa dada do Governo a gente não escolhe. Eles falaram dia desses no Jornal que tem muitos que precisam, pior que a gente, e não ganham.*
> ***Dona Eva****: É verdade! Sabe que tem gente na cidade que não tem nem o que come, guria. Nós aqui, as crianças escolhem o que come e muitos não tem nem o que botá na boca? [...] nós quando se criemo, quando era pequeno, nós não tinha o que come, nada de manhã, quando chegava o meio dia, só o feijãozinho, não tinha mais nada. [...] nós não tinha nada, era um lote de filho, passava fome.*
> ***Franciely****: Também escolhi essa foto, porque a primeira vez que eu recebi o dinheiro, comprei fralda pra Lavínia.*
> ***Camila****: A primeira vez que eu recebi o dinheiro eu comprei uma caixa de bombom pra Larissa.*
> ***Dona Maria****: Quando eu recebi o meu eu comprei em mercadoria. E material pra eles irem pra escola, calçadinho, coisinha assim. Eu dividia, cada mês eu comprava.*

> ***Tia Alzira**: Eu também, pagá luz e mercadoria.*
> ***Dilma**: Eu deixo um troquinho em casa, meio de reserva, guardado pra comprá um remédio, uma coisa ou outra.*
> ***Dona Maria**: Tem gente que diz: o Bolsa Família nunca me ajudô [todas falam, alvorotadas], eu graças a Deus [é louco quem diz isso (Tia Alzira)], o Bolsa Família ajudô muito a criar meus filhos.*
> ***Dona Eva**: Claro que ajudô! Eu comprei sombrite pra colocá na minha horta. Coloquei telha no galpão das ovelha. Arame pro campo. É pouquinho mas tá servindo.*
> ***Dilma:** Eu comprei umas coisas pras crianças. [Tia Alzira interrompe: e umas bijuterias] [risos de todas].*
> ***Dona Lorena**: E se ela comprá o que que tem? O dinheiro é dela.*
> ***Darlene**: É isso mesmo, o dinheiro é dela. O dinheiro é de vocês e só vocês saberão o que fazer com ele.*
> ***Dilma:** É claro que não! eu comprei uma escova daquelas boa mesmo, de lavá roupa. Ué! Eu tenho até os dias de hoje. Quantos anos a Gabriela tem? Ué! 13 anos tem a minha escova.*
> (CÍRCULOS EPISTEMOLÓGICOS, Paredão, 18/12/2021).

Com uma câmera na mão, elas documentaram o impacto do Programa Bolsa Família em suas vidas. Após cada uma delas comentar sobre a motivação que as levou a capturar os retratos, escolheram alguns e os organizaram na parede da casa de Dona Lorena. Após a organização das imagens, solicitei que comentassem a disposição em colunas que haviam feito. Justificaram da seguinte forma: na primeira coluna, estavam as fotografias referentes à utilização do dinheiro para investimentos na horta e na criação dos animais; na segunda coluna, as fotografias que indicavam a compra de produtos de gêneros alimentícios; e, na terceira coluna, os itens que “não são comida” (LISIANE, Círculos Epistemológicos, 06/11/2022).

Figura 56 – Fotografias de alguns dos registros realizados pelas *mulheres*, referentes aos usos do dinheiro do PBF, investido na horta e criação de animais.
Autoria: *Pesquisandas*, fev. – abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Com o recebimento do valor do Programa Bolsa Família, é perceptível que houve um aumento no poder de consumo das *mulheres,* e tanto as fotografias quanto os relatos indicaram a importância desse dinheiro para melhorias na horta e no manejo e alimentação dos animais, tais como a compra de sombrite para proteger as plantas no verão, a ração para os animais, as telhas para o galpão que abrigava as ovelhas, o arame para cercar o campo, a tela para proteger a horta etc. Dona Eva assim descreveu: “com o dinheiro da Bolsa Família eu comprei arame pra tapá a horta, eu comprei teia pra tapá a casa das ovelha, tela pra fazê galinheiro pras galinha, sombrite pra horta” (EVA, Círculo Epistemológico, Paredão, 17/01/2022). Importante registrar que no decorrer dos Círculos ficou visível a dimensão ética na relação com os animais, uma dimensão de cuidado com a vida, com a terra, com o cosmos.

Na segunda coluna, constavam as fotos referentes à possibilidade de utilização do dinheiro para a compra de produtos alimentícios, geralmente adquiridos de um vendedor que ingressa na localidade transportando os produtos em um caminhão, os quais possuíam um preço elevado.

Figura 57 – Fotografias de alguns dos registros realizados pelas *mulheres*, referentes aos usos do dinheiro do PBF, investido na compra de gêneros alimentícios.
Autoria: *Pesquisandas*, fev. – abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Na última coluna, selecionaram aquelas imagens que se referiam à compra dos demais produtos, tanto produtos de uso pessoal quanto coletivo: panela, hidratantes, mochila, lingerie, roupas, jarra elétrica, fraldas, caixa d'água, dentre outros.

Figura 58 – Fotografias de alguns dos registros realizados pelas *mulheres*, referentes aos usos do dinheiro do PBF, investido na compra de produtos que "não são comida".
Autoria: *Pesquisandas*, fev. – abr./2022.
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Para as *mulheres* do Paredão, o Programa Bolsa Família representa a primeira experiência monetária mensal. Elas plantam pequenas hortas para subsistência e

criam animais para o consumo e trocas entre a comunidade. Assim, em muitos casos, o dinheiro do PBF é utilizado para aquisição de itens e manutenção da estrutura da propriedade, além da alimentação dos animais.

> A terra é outro ser. Nós comemos a comida da terra, respiramos seu ar, bebemos sua água etc. Por isso, não podemos falar de feminismos simplesmente de uma maneira teórica, somente considerando o território-corpo; precisamos sentir e pensar a terra. A racionalidade construiu os Direitos Humanos. Mas e os direitos da terra? A terra também não é um ser vivo? Reconhecer os direitos da terra é uma luta ancestral dos povos originários (CABNAL, 2018, p. 38).

É visível a degradação do solo naquela região. No Paredão, há uma extensa área utilizada para a monocultura de eucalipto, acácia e *pinus*, com a finalidade de extração de madeira e resina. A partir dessa exploração, há uma diminuição da mata nativa, corroborando para a seca do solo. No Círculo Epistemológico do dia 17 de janeiro de 2023, debatemos sobre essa situação.

> **Tia Alzira**: Eu não acho bom isso aí, tá virado tudo em mato. Agora a gente só pode fazê é uma horta pra gente mesmo, não tem mais espaço.
> **Dona Lorena**: A gente mora no meio do mato.
> **Tia Alzira**: É muito mato, barbaridade, até um telefone é ruim pra pegá.
> **Darlene**: Só lembrando que não é o mato nativo. Estamos falando de reflorestamento. Vocês já falaram que esse reflorestamento vai tirando o espaço de vocês para a criação dos animais, para as plantações. O que mais?
> **Dona Lorena**: A água vai apocando mesmo, com essas acácias aí.
> **Tia Alzira**: Eu não gosto muito dessas coisas, a terra tá esquentando muito. E a água, vai secando tudo.
> **Dona Eva**: As pessoas saem, vão embora, não vão viver no meio do mato. Estão se retiram, porque nem o telefone pega.
> (CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO, Paredão, 17/01/2022).

Ainda sobre o uso do dinheiro do PBF, foi a partir da fotografia da caixa d'água retratada por Lisiane e da narrativa sobre a imagem que entendi que o Programa Luz para Todos também foi, para essas *mulheres*, um programa de evidente impacto. A partir do Decreto n. 4.873, de 11 de novembro de 2003, então em seu primeiro mandato como Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva instituiu a universalização do acesso e uso da energia elétrica. Na localidade Paredão, esse projeto foi implantado entre os anos de 2006 e 2007. Antes desse período, aquela localidade não possuía rede elétrica. Uma das moradoras argumentou:

> [...] tudo depende da luz, né? A gente pode comprá uma geladerinha, a gente, sei lá, pode tê alguma outra coisa a mais e sem a luz tu tem que

> buscá água no arroio ou na cacimba no purso mesmo, passando trabalho, lavando de canequinha. Banho mesmo tem que sê no arroio. Depois que veio à luz dimudô muito (DILMA, Círculo Epistemológico, Paredão, 06/11/2022).

A energia elétrica possibilitou a perspectiva da compra de utensílios que facilitaram a vida doméstica, como a geladeira, por exemplo; entretanto, isso não significou o acesso ou o interesse de compra daquelas pessoas. Quando falaram sobre a importância da energia elétrica, as moradoras estavam se referindo ao alcance à água encanada. Elas utilizavam o sistema de cacimbas para captação da água, mas, devido ao terreno declivoso, era necessário um motor para a distribuição da água no interior das casas. Lorena falou que “a água veio depois que veio a luz. Ai nós encanemo água, pra podê puxá com a bomba. Quando falta luz, nós ficamos sem água. Já ficamos uns quantos dias sem água encanada” (LORENA, Círculo Epistemológico, 06/11/2022). Ao comentar sobre a fotografia da caixa d’água, Lisiane, autora da imagem, disse que até pouco tempo atrás a família não contava com esse acesso no interior da residência e que foi com o dinheiro do Bolsa Família que ela comprou um reservatório de água.

A importância do acesso à energia elétrica é inquestionável, mas, mesmo com a Tarifa Social de Energia Elétrica, aquelas mulheres destinam parte significativa do valor que recebem do PBF ao pagamento do consumo de energia. A Tarifa Social de Energia Elétrica é regulamentada pela Lei n. 12.212, de 20 de janeiro de 2010, e pelo Decreto nº 7.583, de 13 de outubro de 2011. É uma política social criada pelo Governo Federal a fim de reduzir a tarifa de consumo de energia elétrica em até 65% das famílias *classificadas* como baixa renda e inscritas no CadÚnico – participantes ou não do PBF. Consta no Art. 1º da Lei a seguinte informação:

> Art. 1º A Tarifa Social de Energia Elétrica, criada pela Lei no 10.438, de 26 de abril de 2002, para os consumidores enquadrados na Subclasse Residencial Baixa Renda, caracterizada por descontos incidentes sobre a tarifa aplicável à classe residencial das distribuidoras de energia elétrica, será calculada de modo cumulativo, conforme indicado a seguir: I - para a parcela do consumo de energia elétrica inferior ou igual a 30 (trinta) kWh/mês, o desconto será de 65% (sessenta e cinco por cento); II - para a parcela do consumo compreendida entre 31 (trinta e um) kWh/mês e 100 (cem) kWh/mês, o desconto será de 40% (quarenta por cento); III - para a parcela do consumo compreendida entre 101 (cento e um) kWh/mês e 220 (duzentos e vinte) kWh/mês, o desconto será de 10% (dez por cento); IV - para a parcela do consumo superior a 220 (duzentos e vinte) kWh/mês, não haverá desconto.

Se os moradores do Paredão autodeclarados *indígenas* fossem assim reconhecidos perante a Lei, o desconto da tarifa de energia elétrica poderia chegar a 100%, pois, ainda citando o documento, no Art. 2º, o § 4º diz que “as famílias indígenas e quilombolas inscritas no CadÚnico [...] terão direito a desconto de 100% (cem por cento) até o limite de consumo de 50 (cinquenta) kWh/mês, a ser custeado pela Conta de Desenvolvimento Energético” (BRASIL, 2010).

Essas reflexões acerca do não acesso à tarifa social pelas famílias do Paredão fazem-me refletir acerca da necessidade da intersetorialidade entre as políticas sociais que se propõem a atender a população mais pobre e que, de alguma forma, se encontra presente no desenho do Programa do Bolsa Família, envolvendo saúde, assistência social e educação. Entretanto, a articulação dessas políticas não pode ser responsabilidade das famílias e sim do Estado, que deve garantir as condições de acesso. Por outro lado, considero que outros programas e serviços devem ser disponibilizados para a população considerando a realidade social e o território onde se localizam; por isso, dei destaque à Tarifa Social de Energia Elétrica.

O acesso à internet também é uma demanda importante para as moradoras daquela região. Em um dos diálogos suscitados nos Círculos Epistemológicos, essa necessidade foi levantada por todas as *pesquisandas*. Tomo um excerto da narrativa de Dilma para a reflexão:

> Quero comprá um guarda roupa pra eles [filhos], pra colocá as coisas deles. E vou ajuntá um dinheiro pra comprá um telefone pra eles, que eles não têm. E até o fim do ano, se Deus quisê, eu vô botá internet. Eu vô vê se coloco internet aqui pra eles olha o telefone e tudo [...] pra assisti desenho e coisa assim. Pra muitos não é grande coisa, mas pra mim, é minha vontade (DILMA, Círculo Epistemológico, Paredão, 06/11/2022).

Fui à casa de Dilma algumas vezes durante o período da realização dos Círculos Epistemológicos e a construção das *foto*biografias, momentos em que pude perceber sacos de roupas disputando espaço com os moradores da casa. Eram doações. Muitas vezes tratava-se do descarte de outras *mulheres* que, ao final das estações do ano, selecionavam aquilo que não servia mais a fim de uma filantropia forçada, herança colonial.

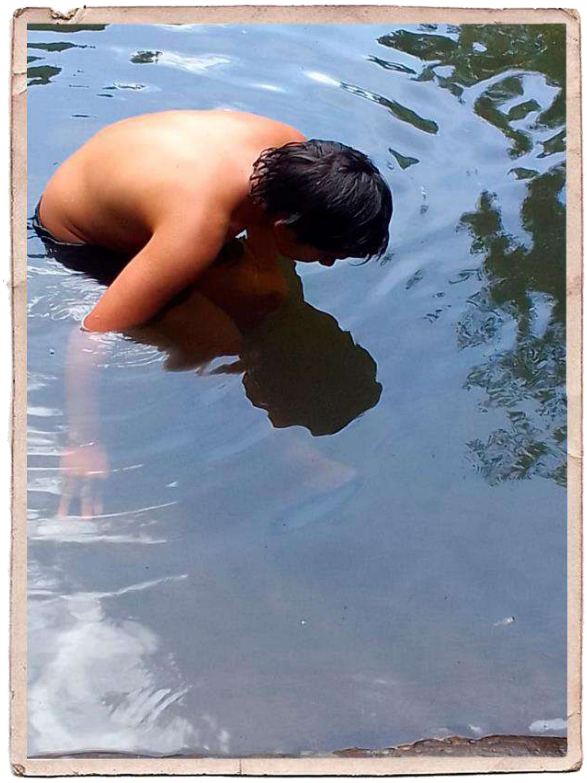
É importante recuperar a informação de que há indícios de que os primeiros habitantes do Paredão foram os povos tupi-guaranis e tapes, acuados pelos militares portugueses. Encontraram, naquela região, inóspita para muitos, uma terra sagrada

banhada pelas águas do rio Camaquã. (Re)existem até hoje e em meio a tantas explorações, a exemplo das mineradoras e das empresas de monocultura. Esse processo de expropriação de terras, de apagamento dos saberes, de identidades, é histórico e ainda está em marcha. Lorena Cabnal nos diz que “os nossos corpos carregam as dores da história” (CABNAL, 2018, p. 37), mas também microrresistências, como assevera Nunes (2019). Esse cuidado com a terra, com os animais, com as águas, traduz cada *pesquisanda*, em *mulher-território* (NUNES, 2019) e parecem

> [...] ser extensão da natureza numa relação com a terra, que não é força de trabalho e, sim, de força de diálogo. Esta força/diálogo também é trabalho, mas de outra natureza. O tempo espaço de/para a vida é outro; dialoga, sim, com os tempos das cidades, mas, se o relógio é o tempo da modernidade, o tempo da tradição o retarda, contraditoriamente, sem atrasá-lo [...] (NUNES, 2014, p. 197).

A partir do encontro com as *mulheres* do Paredão, descobri um mundo pulsante de epistemologias e (re)existências, um mundo fundamental para pensar nossas humanidades. É com esse pensamento que encerramos este capítulo.

ANTES QUE SEJA TARDE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS



Notas do diário de campo

A autoria dessa fotografia é de Dilma,
uma das pesquisandas.
Esse é o filho dela.
Absorvido pelas águas do rio Camaquã,
ali estavam eles – menino e rio,
conversando em
silêncio.
Esse rio sabe das (re)existências
dos tupi-guaranis e tapes.
Esse menino, que conversa com
o rio, também.
Nós, sobre elas, pouco sabemos.
Mas temos o dever de aprender e
respeitar.

(FURTADO, Diário de Campo, 06/11/2022).

Aprendi com Dantas (2021) que a produção do conhecimento tem que ser compartilhada, construída *com* as pessoas e não apartada. Cada uma das etapas dos Círculos Epistemológicos, desenvolvidos com as *mulheres beneficiárias* do PBF e moradoras do Paredão, esteve carregada de subjetividades, de processos de memória, de cognição, de afetos, de reverberações. A proposição dessa metodologia seguiu um caminho complexo e, muitas vezes, incerto, pois não havia como definir a

quantidade de encontros, o número de participantes, e, mesmo tendo indicativos de procedimentos para a realização da pesquisa empírica, foi a “geografia humana” (BRUNO, 2009, p. 144) que *suleou* esta tese. Percebo que o ponto de partida e de problematização foi sempre o diálogo para refletir com as *mulheres* do Paredão, que são históricas e políticas, que são vozes com toda potência epistemológica, as quais sofrem um silenciamento e uma tentativa de apagamento.

Assim, através dos Círculos Epistemológicos, tive a oportunidade de ressignificar a presença do Programa Bolsa Família e a ausência de tantas outras políticas sociais, uma conjuntura que deve ser visibilizada considerando a herança colonial de produção do não humano. Com elas, discutimos que há um contexto colonial-racista-patriarcal-sexista-histórico-social-geográfico de opressões e apagamento político. Portanto, é importante a denúncia da conjuntura referida, como também é fundamental compreender e visibilizar as microrresistências produzidas diuturnamente pelas mulheres que vivem naquela localidade.

Tia Alzira recordou com nostalgia uma infância sofrida. Sua vivência é compartilhada por tantas outras *mulheres*. Teve a infância marcada pelo trabalho no campo e na mina, precisava ajudar no sustento da sua família. Mãos calejadas, não importava se o sol queimava a sua pele ou se a geada queimava os seus pés descalços; era preciso trabalhar.

Fome? “A gente muitas vezes nem tinha o que cumê. A gente se alimentava com rapadura, com farinha de mandioca com açucar”, denunciou ela. Escola? Não. Essa oportunidade não era acessível para meninas como Tia Alzira, quinta filha de uma família de trabalhadores rurais. Para a Tia Alzira, estava reservada a exploração na casa de famílias com maior poder aquisitivo. O pedido dessas pessoas para as mães de meninas como a da Tia Alzira era para que fossem de companhia para alguém da casa, geralmente uma pessoa idosa ou viúva. Entretanto, a realidade era outra; quando chegavam a essas casas, eram encaminhadas para fazerem as tarefas domésticas e a lida campeira, sendo que nada recebiam por isso.

Tia Alzira cresceu sem a oportunidade de estudar. Trabalhou como doméstica em “casas de família” nas cidades próximas à Piratini. Casou-se muito jovem e lembra com alegria da festa do dia do seu casamento, principalmente do que foi preparado: “leitão assado, batata assada, um bolo bem grande e o refri [...]”. Ela ainda recorda: “a gente era pobre, então eu só sonhava com o bolo”. E concluiu, com alegria: “deu uma festa tão bonita”.

Desse tempo também surge a lembrança da indagação de vizinhos sobre a origem do noivo: “meu pai sempre dizia que nós tinha sangue de índio”, “eles diziam ‘bugre’, eu não sei por quê”, “eu digo ‘moreno’, mas eles não chamavam moreno”, “porque ele era de família, que era negro, porque o pai dele era índio”, “pois eu também, sou o quê?”. Na voz doce da Tia Alzira, há uma busca pelos seus, que se encontra encharcada pelo sofrimento causado pelo *racismo* que sofreram, que sofrem.

Após a nossa longa conversa, pedi à Tia Alzira que falasse sobre uma lembrança: “uma lembrança boa é quando eu tinha minha mãe, meu pai vivo, era a coisa mais linda do mundo. Quando eu vinha lá naquela esquina, dobrando lá eu já gritava para a mãe: MÃEEEEE!”. “E ela sentadinha debaixo daquela figueira ia correndo até lá em cima me encontrá, com a cuia na mão. Aquilo ali vai ficar na minha lembrança pra sempre”.

E a Dilma? Começou a narrativa dizendo: “Eu não gosto de contá, por causa que a gente tem o passado meio difícil”. Ao ouvir Dilma, lembrei da minha mãe, que também trazia, em sua existência, contextos muito próximos ao de Dilma. Na história de vida delas, há matizes de sofrimento e de alegria, de exploração e de resistência, de luta e de resiliência e, sobretudo, de sonhos e de esperanças…

A infância da Dilma foi lembrada por ela com tristeza. Capinar, cuidar de crianças, ajudar nas tarefas domésticas. Para estudar, precisava caminhar um longo percurso a pé sob chuva, frio, sol. Frequentou apenas os primeiros anos do ensino fundamental. Cresceu na Costa do Bica. Casou-se e foi morar no Paredão, e lá também “não tinha luz, água encanada”, somente “tinha arroio que a gente tomava banho, o banheiro nosso era no mato”, relatou em um dos nossos encontros. Também denunciou Dilma, em outro Círculo Dialógico, com os olhos mareados: “eu digo, assim, não é por a gente se pobre, mas eu queria tê mais um pouquinho”. Naquele momento, eu senti vontade de abraçá-la e verbalizar que a conjuntura opressiva e exploradora que denunciava era legítima.

Apesar de tudo, Dilma ainda sonhava: “pra muitos não é grande coisa, mas pra mim é. É minha vontade. Comprá um guarda-roupa pra eles [referindo-se aos seus filhos], pra colocá as coisa deles. E como diz o ditado, comprá alguma coisa que eles vão valorizá enquanto são pequenos.” Em muitos momentos da nossa conversa, ela disse: “Eu já passei muito trabalho”.

A infância da Dona Lorena também se assemelhava a da Dona Dilma, da Tia Alzira e a de milhares de meninas *indígenas*, *negras* e oprimidas: “a gente ajudava os pai da gente. Era no cercado, capinando, carregando lenha [...]. Casei e vim pra cá. Eu era bem novinha quando vim pra cá”. É a dureza da vida imposta a essas meninas, a essas *mulheres*, por sistemas de poder que perduram. E muitas famílias continuam sem acesso ou com acesso restrito a um transporte coletivo, a uma escola na comunidade, a consulta médica e odontológica e a tantas políticas públicas, as quais poderiam ser *beneficiadas*. Que termo danado: benefício! Quando essas pessoas serão tratadas com respeito e dignidade?

Dona Lorena narrava as dificuldades vivenciadas na comunidade, sobretudo as que encontravam quando precisavam de atendimento médico: “aqui o difícil é negócio assim, uma doença, tem que tá chamando carro, tem que saí do bolso o dinheiro pra gente í consultá. E aí é muito difícil”. E apesar de todas as dificuldades, Dona Lorena sorria ao falar: “mas de mais é muito bom Paredão, eu gosto daqui, gosto mesmo. Sô bem feliz de estar aqui, porque é gostoso de estar aqui. É um lugar muito bom. É uma irmandade, tudo são irmão”. Paredão é resistência.

“Eu vô contá.
Eu me criei com meus pais, junto.
Nasci, me criei com eles.
Na Costa do Bica.
Eu posso dizê: nós não tinha nada.
Era só a nossa plantaçãozinha,
capinada de enxada de mão.
Nossa casa era uma casinha de barro e Santa Fé.
A cozinha era fogo no chão,
com as panela no gancho, pendurada.
E quando tinha o que cumê,
tem mais essa, que comia quando tinha”.

Enquanto escutava a história de Dona Eva, que era compartilhada ali, naquela “roda de conversa”, comigo e com as outras *mulheres*, eu disfarçava as lágrimas. Impossível não ser afetada.

Na infância, Dona Eva também trabalhou junto a seus pais na lavoura de outras famílias. Na sua casa, contudo, “era fome e as panela pendurada no gancho [...]. E as veis, só tinha arguma coisinha pra cumê era no armoço. De manhã não tinha café, na tarde não tinha nada. Porque nós era pobre, não tinha nada”. No frio – naquela localidade faz muito frio, temperaturas negativas durante o inverno –, faziam “um cartucho de palha de milho que nós lavava os pé e carçava pra podê dormí de noite”. Assim, entendi a importância do calçado para elas. Foi recorrente as narrativas de que utilizavam o dinheiro do PBF para comprarem calçados para os filhos. O andar descalço está associado, para elas, a miséria, a exclusão, a pobreza... e ter condições de comprar um calçado significava um pouco mais de dignidade.

A casa era de barro. Essas construções com ripas de menor espessura de madeira, trançadas para receber o barro pisoteado, eram cobertas com a palha do capim Santa Fé, comumente encontrado no sul do Rio Grande do Sul e aplicado pelos próprios moradores, quinchadores exímios. A maioria delas relembrou a casa de barro e Santa Fé.

Dona Eva se casou jovem, a dureza da vida parecia não ter fim, mas, segundo ela: “aí tinha as coisas, prá cumê eu tinha, graças a Deus”. Como disse Dona Eva, com o tempo a vida começou a melhorar: “eu fiz a minha Bolsa Família também, né? Aí quando chegou o dinheiro, eu tinha e os guri tinham também. Com a minha Bolsa Família, essa aí, graças a Deus, fiz muita coisa. Serviu pra mim e pro meus guri comprá ropa e carçado pra eles í pro colégio. Serviu!”. E com o olhar de quem passou muito trabalho na vida, ela comemorava.

Camila faz parte de outra geração de mulheres. Sua infância “foi muito boa, brinquemo, fizemo bagunça”. Entretanto, as oportunidades continuaram restritas. Escola? Ela diz: “eu estudei até a quinta [série]. Casei muito nova, com dezesseis [anos]”. Para essas famílias, a história de suas vidas tem sido cíclica. Na sua narrativa, Camila destacou a importância que as relações familiares têm na sua vida e, novamente, a força da presença feminina como pilar dessas famílias. Nesse contexto, lembrou-se da sua avó “foi a nossa segunda mãe, de todos nós”. Ela recordou que a avó contava que, para lavar roupa na sanga, tinha que levar os filhos, “que estendia um lençol no chão pra eles dormirem pra ela lavá as roupinhas deles”. Também comentou sobre o carinho que a avó tinha por ela, e a alegria de estar com a sua família. Em suas palavras: “bom, e eu puxei muito ela. Sou uma pessoa que gosto de brincá com as pessoas, sou alegre, amo minha família e sou grata por ter eles na

minha vida. Minha mãe e meu pai são tudo na minha vida. Amo minhas filhas. Adoro a minha vida".

Em muitos momentos, denunciou a ausência de oportunidade de trabalho para ela e para o seu marido: "sei que tem que trabalhar, mas aqui não tem muito serviço. Graças a Deus tenho a mãe comigo, pertinho. Se não ia me sentir sozinha. Quando nós ficamos sozinha, quando o pai e o meu marido vão pra granja, nós se ajudemo uma à outra. Somos unidas". E Franciely, assim como Camila, também compartilhou lembranças da avó: "quando eu era pequena adorava brincar, ir na casa da minha avó. Minha avó me dava coisas pra comer e era tão legal. Eu adorava escutar meus avós contando histórias antigas".

O acesso aos contextos de escolarização ao conhecimento continua limitado para essas meninas. A vontade de estudar, além do Ensino Médio, ficou contida no substantivo abstrato "sonho", como relatou Franciely: "quando comecei a estudar foi legal, conheci colegas, tinha professores bom. Daí no começo eu aprendi ligeiro a escrever e a ler. Era uma aluna muito dedicada, adorava estudar. Depois foi aumentando as turmas, foi dificultando as coisas, as matérias. Daí rodei de turma. Aí me esforcei e comecei a passar de ano". Franciely, assim como Tia Alzira, Dilma, Dona Lorena, Dona Eva e Camila, engravidou na adolescência: "era no final de novembro, descobri que estava grávida. Daí eu não fiz formatura porque começou os enjoos. Ainda bem que já tinha terminado tudo as provas e já tinha passado de ano. Graças a Deus terminei meu Ensino Médio".

Com olhar esperançoso de uma menina-mulher-mãe, Franciely falou sobre as dificuldades de viver longe do marido, que é safrista e fica nove meses longe de casa: "meu marido trabalha na safra, em Viamão. Este ano ele nos levou. Mas aqui tá a minha família. É muito ruim ficar longe. Agora, dessa vez, eu não fui".

Liziane nasceu e cresceu em Porto Alegre; hoje, mora em Paredão. Lembra que sua mãe trabalhava e sustentava a família: "a mãe trabalhava e o pai não, mas graças a Deus a mãe crio os filho tudo". Dificuldades também fizeram parte da sua vida, como relatou: "ganhava mais era roupa, ganhava a sacola básica do governo, mas os brinquedo a gente mesmo inventava". A jovem mãe também discorreu sobre o Programa Bolsa Família: "hoje tem o Bolsa Família, que me ajuda também a comprá minhas coisas e pro meu filho, também".

A partir dessas histórias potentes compartilhadas pelas *pesquisandas* que, comigo, produziram essa tese, finalizamos (inconclusivamente) a investigação com o excerto da obra *O perigo da história única*, em que Adichie profere:

> [...] as histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (2019, p.16).

Antes que seja tarde, é imperioso afirmar que essas histórias carregam: feridas abertas, heranças do período colonial, faces ocultas da modernidade; a ausência de políticas públicas que garantam o mínimo de dignidade para as famílias oprimidas e exploradas no transcurso dos tempos. São inúmeras as denúncias que as *pesquisandas*, em suas trajetórias históricas e existenciais, nos apresentam. E dessas denúncias também emergem anúncios. Anúncios que produzem microrresistências protagonizadas por *mulheres*.

Paredão é lugar de (re)existências, resistências e acolhimento.

REFERÊNCIAS

ACCORSSI, Aline. **Materializações do pensamento social sobre a pobreza.** 2011. 184 f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2011.

ACCORSSI, Aline; CLASEN, Julia; VEIGA JÚNIOR, Álvaro. Círculos Epistemológicos: reflexões sobre uma abordagem de pesquisa freiriana. **Dialogia**, São Paulo, n.39, p. 1-14, e20418, set./dez. 2021.

ACCORSSI, Aline; SCARPARO, Helena; GUARESCHI, Pedrinho. A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento Social. **Psicologia & Sociedade**, Recife, v 24, n.3, p. 536-546, 2012.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Davi. **História do município de Piratini:** roteiro histórico e sentimental. 2.ed. Piratini: Gráfica C.E.A.J., 1997.

AMORIM, Christiano das Neves Viana. **"Quem pariu Mateus que balance":** Programa Bolsa Família e Relações de Gênero na perspectiva das(os) beneficiárias(os) (Lagoa Seca/PB). 2016. 98f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, 2016.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Revista Estudos Feministas.** Rio de Janeiro, v.3, n.2, p. 458-463, 1995.

BRASIL. **Lei n.º 11.274, de 6 de fevereiro de 2006.** Altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da Lei n.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília, DF, 6 fev. 2006. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso em 20 dez. 2020.

BRASIL, Ministério da Agricultura e Pecuária. **Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP).** Brasília: Ministério da Agricultura e Pecuária, 21 mar. 2023. https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/mda/dap. Acesso em: 02 abr. 2023.

BRASIL. Decreto n. 4.873, de 11 de novembro de 2003. Institui o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Energia Elétrica - “LUZ PARA TODOS” e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** Seção 1, Brasília, DF, p.1, 12 nov. 2003.

BRASIL. **Decreto n. 5.209 de 17 de setembro de 2004.** Regulamenta a Lei no 10.836, de 9 de janeiro de 2004, que cria o Programa Bolsa Família, e dá outras providências Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5209.htm Acesso em: 2 out 2019.

BRASIL. Lei Nº 12.212, de 20 de janeiro De 2010. Dispõe sobre a Tarifa Social de Energia Elétrica; altera as Leis nos 9.991, de 24 de julho de 2000, 10.925, de 23 de julho de 2004, e 10.438, de 26 de abril de 2002; e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** Seção 1, Brasília, DF, p.1, 21 jan. 2010, Ano CXLVII n. 14.

BRASIL. **Decreto nº 7.583, de 13 de outubro de 2011.** Regulamenta a aplicação da Tarifa Social de Energia Elétrica, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7583.htm Acesso em: 12 jun. 2022.

BRASIL. **Lei n. 10.836 de 9 de janeiro de 2004.** Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/l10.836.htm Acesso em: 2 out. 2019.

BRASIL. Lei n. 14.284, de 29 de dezembro de 2021. Institui o Programa Auxílio Brasil e o Programa Alimenta Brasil. **Diário Oficial da União:** Seção 1, Brasília, DF, p.1, 30 dez. 2021, Ano CLIX n. 246.

BRASIL. Medida Provisória n. 132, de 20 de outubro de 2003. Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** Seção 1, Brasília, DF, p.1, 21 mar. 2003, Ano CXL n. 204.

BRASIL. Medida Provisória nº 1.164, de 2 de março de 2023. Institui o Programa Bolsa Família [...]. **Diário Oficial da União:** Seção 1 – Extra A, Brasília, DF, p. 3, 02 mar. 2023, ed. 52-A, Seção: 1 - Extra A, p. 1. Ano CLXI n. 42-A.

BRUNO, Fabiana. ***Foto*biografia:** Por uma Metodologia da Estética em Antropologia. 2009. 738f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2009.

BRUNO, Fabiana. Uma antropologia das “supervivências”: as fotobiografias. *In*: SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens.** São Paulo: UNICAMP, 2012 p. 91-106.

CABNAL, Lorena. Defender o território-terra e não defender o território-corpo das mulheres é uma incoerência política. *In*: **Outras economias:** alternativas ao capitalismo e ao atual modelo de desenvolvimento. Instituto PACs, Rio de Janeiro, 2018.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese de doutorado. 2005. 339f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo:** a situação da mulher negra na américa latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2020. Disponível em:

https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/ Acesso em 13 de fev. 2021.

CECCHIN, Hareli Fernanda Garcia. **O desempoderamento de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família:** questões de gênero no acampamento Ilha Verde/TO. 2016. 129f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Fundação Universidade Federal do Tocantins, Palmas/TO, 2016.

COUTINHO DE PAULA, Larissa Araujo. **Contribuições e limitações das políticas públicas para o fortalecimento das agricultoras:** o caso da Organização de Mulheres do Assentamento Tucano (OMAT) em Euclides da Cunha Paulista/SP. 2015. 224f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente/SP, 2015.

CRUZ, Luciana Ramires da. **As portas do Programa Bolsa Família:** vozes das mulheres beneficiárias do município de Santo Antônio do Pinhal/SP. 2013. 179f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2013.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa:** una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2010a.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Violencias (re) encubiertas en Bolivia.** La Paz: Editorial Piedra Rota, 2010b.

DANTAS, Emiliano Ferreira. **A imagem enquanto leitura e escrita do mundo:** *leveleve* e a ferida colonial em São Tomé. 2021. 287f. Tese de doutorado. Doutoramento em Antropologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa/Portugal, 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo:** história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **L'Image Survivante. Histoire de l'art et temps des fantômes selon Aby Warburg.** Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes.** v.2, n.4, p. 204-219, nov. 2012.

DUSSEL, Enrique. **1492:** O encobrimento do outro – a origem do "mito da modernidade". Trad. Jaime Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. O feminismo no plural: para pensar a diversidade constitutiva das mulheres. **Revista Estudos Feministas.** v.14, n.3, p. 819-841, dez 2006.

ESPINOSA MIÑOSO, Yuderkys. Superando a análise fragmentada da dominação: uma revisão feminista decolonial da perspectiva da interseccionalidade. **Revista X**, v.17, n.1, p. 425-446, 2022.

FERNÁNDEZ-RÍOS, Luis, BUELA-CASAL, Gualberto. Standards for the preparation and writing of Psychology review articles. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, 2009, v.9, n.2, 329-344.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança:** um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Prefácio de Leonardo Boff. Notas de Ana Maria Araújo Freire. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAS, Ana Maria Lacerda de. **Políticas Públicas, gênero e autonomia econômica das mulheres:** uma análise de programas do governo brasileiro no período de 2000 a 2007. 2011. 124f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG, 2011.

FRIZZO, Djulia. **O impacto do Programa Bolsa Família na vida das mulheres beneficiárias.** 2017. 94f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo/RS, 2017.

GIL, Yásnaya Elena Aguilar. Algunos apuntes sobre la identidad indígena. **Revistas Universidad de Mexico**, 2017. Fonte: https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/f20fc5ef-75e2-44d0-8d5b-a84b2a87b7e3/eets-atom-algunos-apuntes-sobre-la-identidad-indigena. Acesso em 10 fev. 2021.

GIL, Yásnaya Elena Aguilar. Políticas de la identidad. **Jornal El País**, 28 de agosto de 2022.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano [1988]. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 38-51.

IBGE. **Base de informações do Censo Demográfico 2010:** Resultados do Universo por setor censitário. Rio de Janeiro, IBGE, 2011.

IBGE. **Resultados do Censo Demográfico 2010 - Documentação dos Arquivos de Dados.** IBGE, 2010 [data da geração do relatório fev. 2020]. Impresso.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira (SIS). Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KOROL, Claudia. Feminismo Comunitário de Iximulew-Guatemala: Diálogos com Lorena Cabnal. **Revista Hawò**, v.1, 2021.

KROEFF, Renata Fischer da Silveira, GAVILLON, Póti Quartiero, RAMM, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia.** vol.20 n. 2, Rio de Janeiro, maio/ago. 2020.

LOSEKANN, Marlise Beatriz. **Saber e identidade dos agricultores familiares camponeses da "Costa do Bica" e "Paredão", Piratini, RS.** 2011, 110f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.22, n.03. p. 935-952. set./dez. 2014.

LUGONES, María. Colonialidade e Gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MACHADO, Emanuelle Malheiros. **A gente não quer só comida? As trajetórias identitárias de mulheres beneficiárias do Bolsa Família na região metropolitana do Rio de Janeiro.** 2017. 180f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2017.

MARIANO, Silvana Aparecida. **Feminismo, Estado e Proteção Social:** a cidadania das mulheres pobres. 2008. 293f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** São Paulo. 1. ed. Antígona, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MIRANDA. Líbia Mafra Benvindo de. **Política de Assistência Social e Programa Bolsa Família:** uma análise a partir da perspectiva de gênero. 2018. 141f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Universidade Federal do Piauí, Teresina/PI, 2018.

MOREIRA, Érica Fabrícia Melo. **Programa Bolsa Família:** uma etnografia a partir da perspectiva das mulheres indígenas Ticuna. 2017. 87f. Dissertação de mestrado.

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2017.

MOREIRA, Fernando de Sá. Estudos filosóficos sobre o negro no Brasil: um levantamento de teses e dissertações em temáticas negras nos Programas de Pós-Graduação da área de Filosofia (1987-2018). **Problemata - Revista Internacional de Filosofia**, v.10, n.2, p. 313-345, 2019.

NADU, Amanda do Carmo Amorim. **Experiências de escolarização e de trabalho de beneficiárias do Programa Bolsa Família.** 2019. 147f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2019.

NASCIMENTO. Ana Cláudia. **Mulher, Família e Assistência Social.** 2010. 150f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2010.

NUNES, Georgina Helena Lima. Ser mulher, sul mulher: “a gente tem que fazer vento”. In: SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes. ***O movimento de mulheres negras*:** escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil. Belo Horizonte: Ed. Nandyala, 2014, p. 179-204.

NUNES, Georgina Helena Lima. Mulheres de povos tradicionais, mulheres negras e educação: diálogos e autorias. **Revista Diversidade e Educação**, v.7, n. especial, p.84-95, 2019.

PAES, Carolina Nascimento. **Raça, classe e gênero no Bolsa Família:** uma análise pela perspectiva da segurança alimentar e nutricional. 2019. 101f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira/BA, 2019.

PEREZ, Suyane Campos. **Programa Bolsa Família e mercado de trabalho para mulheres:** um estudo exploratório no município de Alegrete/RS. 2017. 205f. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro/RJ, 2017.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Entre América e Abya Yala – tensões de territorialidades. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n.20, p. 25-30, jul./dez. 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIEDL, Titus. Entrevista de Titus Riedl a Eder Chiodetto. *In*: **Arte Brasileira:** além do sistema (Catálogo). Curadoria: Paulo Sérgio Duarte. São Paulo: Galeria Estação, 2010.

RINALDI, Débora. **Estudo biográfico sobre políticas de transferência de renda condicionada no Brasil:** atender necessidades para desenvolver capacidades. 2022. 371 f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2022.

ROMÃO, José Eustáquio *et al*. Círculo epistemológico: círculo de cultura como metodologia de pesquisa. **Revista Educação & Sociedade**, São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, n.13, 2006.

SABINO, Luíza Wehbe. **A pobreza feminina e as políticas públicas:** um estudo à luz do Programa Bolsa Família na Rocinha - Rio de Janeiro. 2019. 152f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2019.

SAMAIN, Etienne. As Mnemosyne(s) de Aby Warburg. **Revista Poiésis**, n. 17, p. 29-51, jul. 2011.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, Goiânia, v.10, n.1, p. 151-164, jan./jun. 2012a.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. *In:* SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens.** São Paulo/Campinas: Editora da Unicamp, 2012b. p. 21-36.

SANTOS, Giselle Maria Nanes Correia dos. **Gênero, Desenvolvimento e Programa Bolsa Família:** Direitos Reprodutivos, Trabalho e Projetos de Vida de Mulheres do Coque (Recife/PE). 2014. 227f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2014.

SANTOS, Heloísia Nunes dos. Mulheres Indígenas Organizai-vos: Estudo comparativo sobre organizações de indígenas no Paraguai, Brasil e Bolívia (1960-2008). **XXVII Simpósio Nacional de História** – ANPUH Brasil. 22 a 26 de julho de 2013. Natal/RN. Disponível em https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875806_d9a06dc75f1c389c37b9eb72acf09fb1.pdf . Acesso em: 15 dez. 2022.

SCHAFFNER, Fábio. Mundo esquecido no coração do Rio Grande: Comunidade de descendentes de índios tupis-guaranis e tapes vivem longe da civilização e tentam manter suas propriedades, resistindo aos apelos da vida urbana. **Zero Hora**, Porto Alegre, Antropologia, p. 42-43, 20 ago. 2000.

SILVA, Andréia Bispo dos Santos. **O sujeito feminino e a Política de Assistência Social:** uma análise da condição da mulher beneficiária do Programa Bolsa Família: Estudo de Caso no Município de Lauro de Freitas/Bahia. 2014. 147f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania, Universidade Católica de Salvador, Salvador/BA, 2014.

SILVA, Crísthenes Fabiane de Araújo. **Gênero, empoderamento e autonomia:** a percepção das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família em Maceió/AL. 2016. 145f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande/PB, 2016.

SILVA, Darlene Rosa da. **Aspectos socioeconômicos e de (não) escolaridade dos moradores do Paredão e da Costa Bica (Piratini, RS).** 2010. 151f.

Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2010.

FURTADO, Darlene da Silva. **Diário de Campo:** anotações de uma pesquisadora. Piratini: [s.l.], 2021/2023. 1 diário de campo.

SILVA, Ester Nunes Praça da. **Desafios e estratégias educativas de mulheres-mães de camada popular urbana:** um olhar sobre a experiência do Programa Bolsa Família (PBF). 2018. 183f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2018.

SILVA, Maria Ozanira da Silva; LIMA, Valéria Ferreira Santos de Almada. **Avaliando o Bolsa Família:** unificação, focalização e impactos. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Maria Ozanira da Silva; YAZBEK, Maria Carmelita; DI GIOVANNI, Geraldo. **A Política Brasileira no Século XXI**: a prevalência dos programas de transferência de renda. São Paulo: Cortez, 2012.

SILVA, Tiago Falcão (Org.). **Bolsa Família:** 15 Anos (2003–2018). Brasília: Enap, 2018.

TRIERWEILER, Roberta Rodrigues. **Gênero e cidadania feminina no Programa Bolsa Família:** um estudo no loteamento Dunas em Pelotas/RS. 2014. 144f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas/RS, 2014.

VERGARA, Miguel Arturo Chamorro. **Cotidiano e memória na cidade histórica de Piratini-RS.** 1997. 191 f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 1997.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016. 244f. Dissertação de Mestrado. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Classes subalternas e assistência social.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

YAZBEK, Maria Carmelita. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 110, p. 288-322, abr./jun. 2012.